



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PAU DOS FERROS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS (DCSAH)
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ARTHUR OLIVEIRA SILVA

CHALÉS DE PORTALEGRE: PROJETO ARQUITETÔNICO PARA HOSPEDAGEM E
LAZER NA SERRA DE PORTALEGRE/RN.

PAU DOS FERROS/RN

2024

ARTHUR OLIVEIRA SILVA

**CHALÉS DE PORTALEGRE PROJETO ARQUITETÔNICO PARA HOSPEDAGEM E
LAZER NA SERRA DE PORTALEGRE/RN.**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros.

Coorientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Leite Barbosa

PAU DOS FERROS/RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

SS586 SILVA, ARTHUR OLIVEIRA .
C CHALÉS DE PORTALEGRE: PROJETO ARQUITETÔNICO PARA
HOSPEDAGEM E LAZER NA SERRA DE PORTALEGRE/RN. /
ARTHUR OLIVEIRA SILVA. - 2024.
95 f. : il.

Orientador: GABRIEL LEOPOLDINO PAULO DE
MEDEIROS.
Coorientador: ANTÔNIO CARLOS LEITE BARBOSA.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de --Selecione um
Curso ou Programa--, 2024.

1. Turismo Serrano. 2. Regionalismo Crítico .
3. Biofilia. 4. Chalés. 5. Hospedagem. I.
MEDEIROS, GABRIEL LEOPOLDINO PAULO DE, orient.
II. BARBOSA, ANTÔNIO CARLOS LEITE , co-orient.
III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

ARTHUR OLIVEIRA SILVA

**CHALÉS DE PORTALEGRE: PROJETO ARQUITETÔNICO PARA
HOSPEDAGEM E LAZER NA SERRA DE PORTALEGRE/RN.**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em:

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **GABRIEL LEOPOLDINO PAULO DE MEDEIROS**
Data: 17/04/2024 19:59:49-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros (UFERSA)

Presidente

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA**
Data: 20/04/2024 10:19:46-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Antonio Carlos Leite Barbosa (UFERSA)
(Membro examinador)

Documento assinado digitalmente
 **EDUARDO RAIMUNDO DIAS NUNES**
Data: 18/04/2024 09:08:39-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Raimundo Dias Nunes

(Membro examinador)

AGRADECIMENTOS

A graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo é a realização de um sonho que foi construído ao passar dos anos dentro desta universidade, que apesar de difícil e cheia de desafios, foi uma jornada extremamente prazerosa. Termino aqui este ciclo com sentimento de temperança e a satisfação que seguirei meu caminho fazendo o que gosto de fazer.

E para que esse sonho pudesse ser realizado, por mais que meu esforço tenha sido essencial, vários foram os envolvidos que me deram suporte, sem eles eu não teria chegado ao fim desta incrível jornada.

Por isso agradeço.

A Deus, que acende a bravura e ativa minha força interior todos os dias. Apesar de não ser religioso, me espelho na personalidade de Jesus Cristo, pois ele é o caminho, a verdade e a vida, que faz com que meu coração siga em paz de forma honesta e verdadeira.

Aos meus pais, por me darem o dom da vida, por terem feito sempre o melhor para que desde criança eu pudesse ter acesso a uma educação de qualidade no ensino público deste país, por garantirem sempre minha segurança e bem estar todo tempo. Ao meu pai, meu professor de vida que ensinou sobre humildade e honra. De forma sublime, minha querida mãe, Luzia, por toda renúncia e dedicação para criação dos seus dois filhos, por todo amor e carinho, que sempre me encorajou na busca dos meus sonhos, um exemplo de mulher.

Ao meu irmão, pelo companheirismo na profissão e o amor fraterno que prevalece em nossos corações, tenho certeza que sempre poderei caminhar ao seu lado. As minhas duas avós, Lourdinha e Dona Dedeca matriarca de cada família que sempre mantiveram a família unida em todos os momentos de dificuldade. Aos meus falecidos avôs, Seu Dorgival e Seu José que estiverem presente durante minha infância. Momentos que estive com eles são lembranças que carrego sempre com muito carinho e afeto.

Agradeço a minha noiva Milena, meu amor, que sempre esteve comigo desde 2017 quando nos conhecemos no início da minha jornada como estudante de Arquitetura, por me conceber outra família maravilhosa que tanto amo e tenho muito respeito.

Ao meu orientador e amigo Gabriel, por seu carisma e atenção que sempre esteve comigo durante todo esse ciclo, foi o principal responsável pelo desenvolvimento deste trabalho que para mim se trata de um projeto de vida.

Também agradeço meu caríssimo amigo de longa data o professor Antônio Leite, que sempre me acolheu como um filho dentro das paredes desta universidade e que sempre me ajudou com a postura profissional de um arquiteto.

Aos amigos construídos nesta casa – Prof. Chico Rocha, Maria Luiza, Tamires que sempre foram pessoas muito gentis comigo e me apoiaram nos momentos de dificuldade, entre tantos outros – sou grato por todos. Aos amigos do HAUS, Juliana, Jassi, Luiz Antonio e demais que se fizeram presentes no desenvolvimento no grupo de pesquisa.

Aos amigos de vida, Alef Emmanuel e Juarez Alexandre que durante os últimos anos procuramos juntos sempre crescer como ser humano respeitando as diferenças em busca do crescimento individual. Á Eduarda, Ísis, amigas de longas datas e sempre presentes na alegria ou nas dificuldades. Entre tantos outros que se fazem presentes no meu coração.

Por fim, gostaria de agradecer a Universidade Federal Rural do Semi-árido – campus Pau dos Ferros, englobando todos os funcionários e a excelente estrutura que viabiliza que sonhos possam ser concretizados

Em suma, me emociono lembrando toda trajetória percorrida até cruzar a linha de chegada, cada hora aplicada, cada arquivo guardado ao longo dos semestres me faz compreender o quanto sou capaz de exercer a profissão de Arquiteto que fiz por merecer.

RESUMO

Este trabalho trata-se de um projeto a nível de estudo preliminar de um equipamento de hospedagem para a cidade de Portalegre-RN. Tem a finalidade de propor um equipamento, que privilegie a tipologia de chalés, comuns em áreas serranas. O projeto arquitetônico visa oferecer uma opção de hospedagem com conforto e qualidade de vida para turistas e visitantes de determinada área demarcada. É perceptível, que na região do Nordeste brasileiro, o turismo serrano atualmente atende uma demanda de viajantes que buscam temperaturas mais amenas. A tipologia dos chalés europeus foi amplamente difundida no Sul do Brasil, porém emerge também no Nordeste brasileiro nas regiões serranas, uma vez que se adapta bem ao clima mais frio. Dessa forma, além do referencial teórico, a pesquisa é fundamentada por meio de levantamentos fotográficos e assumindo caráter de uma pesquisa indutiva e dedutiva. Portanto, a relevância desse documento está contida no modo de pensar na melhoria da cidade valorizando o turismo local, através da arquitetura pensada para aquele que a frequenta com as finalidades de lazer e estadia temporária adequada. Nesse viés, o projeto trará como produto soluções sob uma perspectiva do regionalismo crítico e da biofilia aplicada à arquitetura, bem como o planejamento preciso procurando conectar as necessidades inerentes do homem moderno com a cultura local e o ambiente construído.

Palavras-chave: Turismo Serrano, Regionalismo Crítico e Biofilia.

ABSTRACT

This present work was a study at a preliminary level, referring to the city of Portalegre-RN, with the purpose of proposing another accommodation point, which will be chalets, which have a design configuration according to their typology, this aiming to ensure comfort and quality of life for tourists and visitors to a certain demarcated area. It is noticeable that in the Brazilian Northeast region, mountain tourism currently meets a demand from travelers seeking milder temperatures or even analogies to Europeanized architecture. Above all, the typology of European chalets, which was widely disseminated in the South of Brazil, but which emerges in the Northeast of Brazil especially to meet two proposals. In this way, in addition to the theoretical framework, the research is also reinforced through photographic surveys and takes on the character of inductive and deductive research. Therefore, the relevance of this document is contained in the way of thinking about improving the city by valuing the local economy, through urban planning and architecture designed for those who visit it for the purposes of leisure and appropriate temporary stay. In this sense, the project will bring as a product solution from a perspective of critical regionalism and biophilia applied to architecture, as well as precise planning seeking to connect the inherent needs of modern man with local culture and the built environment.

Keywords: Mountain Tourism, Critical Regionalism and Biophilia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista aérea Casa do Baile, Conjunto Arquitetônico Pampulha.	22
Figura 2: Pousada se destinava à hospedagem do loteamento Parque São Clemente.	23
Figura 3: Esquema do processo sociotécnico.	25
Figura 4: Casa Gonçalves, projeto realizado pela Sabella Arquitetura.	26
Figura 5: Desenho do arquiteto para Casa de Chá, de Álvaro Siza.	27
Figura 6: Área de ensino e pesquisa do Hospital Albert Einstein em São Paulo, projeto de Safdie Architectects Perkins+Will.	28
Figura 7: Mapa de localização de Portalegre do Rio Grande do Norte, Brasil.	32
Figura 8: Mapa de localização da Região Serrana de Martins e Portalegre.	33
Figura 9: Mapa de Altitude do município de Portalegre.	34
Figura 10: Mapa geral do município de Portalegre por setores censitários.	35
Figura 11: Mapa por setores censitários e localidades	36
Figura 12: Conhecendo a área.	38
Figura 13: Recorte espacial da área de intervenção	38
Figura 14: Entrada do Hotel Portal da Serra.	42
Figura 15: Vista aérea do Hotel Portal da Serra.	42
Figura 16: Curvas de níveis do terreno.	45
Figura 17: Zoneamento Bioclimático Brasileiro.	46
Figura 18: Módulo de referência. (M.R.)	51
Figura 19: Banheiros acessíveis, segundo a NBR 9050.	51
Figura 20: Exterior do Chalé SBS	53
Figura 21: Planta de corte.	54
Figura 22: Planta de layout.	54
Figura 23: Vista lateral da Casa do Chá Boa Nova.	55
Figura 24: Acesso ao edifício.	56
Figura 25: Saída do edifício para as rochas existentes no local	56
Figura 26: Fachada de uma das habitações da Pousada Lajedo	57
Figura 27: Vista com implantação dos chalés Lajedo da Serra.	58
Figura 28: Complexo Pedra da Boca, Parque Estadual da Paraíba.	58
Figura 29: Centro urbano de Portalegre-RN em data não identificada.	60
Figura 30: Antiga Casa de Câmara e Cadeia em 1999.	62
Figura 31: Casa de Câmara e Cadeia nos dias atuais.	63

Figura 32: Trilhas de Portalegre, o Mirante das Torres.	64
Figura 33: Nichos de mercado no turismo baseado na natureza.	66
Figura 34: Cachoeira do Pinga.....	66
Figura 35: Cachoeira do Talhado.....	67
Figura 36: Fonte de água pura e cristalina encontrada no Terminal Turístico.....	68
Figura 37: Infraestrutura encontrada no Terminal Turístico.....	69
Figura 38: Mapa Turístico.....	71
Figura 39: Praça das índias em homenagem as índias Cantofa e Jandy	72
Figura 40: Remanescente de Quilombo Dona Tonhô no sítio Pega, imagem do projeto Negras Raízes.....	73
Figura 41: Ilustração da composição das paredes.....	74
Figura 42: Pedra vermelha.	74
Figura 43: Aplicação da pedra vermelha como revestimento em alvenaria.....	75
Figura 44: Zoneamento do terreno	76
Figura 45: Proposta modelo para layouts dos chalés.	78
Figura 46: Vistas	78
Figura 47: Fluxograma.....	79
Figura 48: Vista do local.....	81
Figura 49: Representação esquemática do terreno e sua declividade.	82
Figura 50: Estudo preliminar, implantação dos chalés no perfil natural do terreno.	83
Figura 51: Estudo preliminar, vista frontal com implantação das edificações.....	84
Figura 52: Redes de fluxo em muros de arrimo.....	85
Figura 53: Muros de alvenaria de pedras, modelo antigo.....	85
Figura 54: Sistemas de drenagem para muros de contenção.	86
Figura 55: Mood Board referente as inspirações visuais.	86
Figura 56: Volumetria Final do Projeto	87
Figura 57: Levantamento físico do terreno	88
Figura 58: Planta de implantação	89
Figura 59: Perspectiva do projeto em renderização foto realista (real time)	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de estabelecimentos de hospedagem por tipo.....	40
Gráfico 2: Número de leitos por hospedagem por tipo	41
Gráfico 3: Temperatura máxima anual	47
Gráfico 4: Quantidade de precipitação.	48
Gráfico 5: Céu nublado, sol e dias de precipitação	49
Gráfico 6: Velocidade dos ventos.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tipos de hospedagem e categorias.....	30
Tabela 2: Subdivisão territorial de Portalegre por setores censitários.	36
Tabela 3: Levantamento na altura dos olhos.....	44
Tabela 4: Esclarecimentos sobre o Plano Diretor de Pau dos Ferros/RN.	50
Tabela 5: Programa de necessidades preliminar.	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARIE – Área de Relevante Interesse Ecológico
ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
ENANPUR – Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional
FINECAP – Feira Intermunicipal de Educação, Cultura, Turismo e Negócios do Alto Oeste Potiguar
HAUS – Grupo de Pesquisa História da Arquitetura e do Urbano no Sertão
IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil
IAV – Índice de Áreas Verdes
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IU – Intervenções Urbanas
MT – Ministério do Turismo
NBR – Norma Brasileira
PCD – Pessoa com Deficiência
PD – Plano Diretor
PD - Portador com Deficiência
PSH – Pesquisa de Serviços de Hospedagem
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UERN – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
UFERSA – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UTM – Universal Transversa de Mercator
RN – Rio Grande do Norte
ZEIS – Zona Especial de Interesse Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. ESTRUTURAÇÃO DOS SABERES.....	20
1.1. Noções Essenciais sobre o Regionalismo crítico.....	20
1.2. Função social de projeto.....	26
1.3. Biofilia aplicada na arquitetura.....	26
1.4. Planejamento para hotéis e pousadas.....	29
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
2.1. Recorte espacial.....	32
2.2. Definição dos métodos.....	39
2.3. Fontes Teóricas Metodológicas.....	39
2.4. Fontes Empíricas Metodológicas.....	40
2.4.1. Levantamento quantitativo e Pesquisa de Serviços de Hospedagem (PSH)	40
2.4.2. Levantamento físico.....	43
2.4.3. Levantamento fotográfico.....	44
2.4.4. Dados climáticos	46
2.4.6. Dados Institucionais: Leis nacionais e municipais.....	50
3. REFERENCIAL PROJETUAL	53
3.1. Chalé SBS / Silvia Acar Arquitetura.....	53
3.2. Casa do Chá Boa nova / Álvaro Siza Vieira.....	55
3.3. Pousada Lajedo Serra de São Bento/RN.....	57
4. PORTALEGRE DO BRASIL: CONSTRUINDO A ESFERA DE ANÁLISE	59
4.1. Contexto e formação da cidade.....	59

4.2. O turismo intermunicipal e regional.....	64
4.3. Cultura e materiais locais	72
5. CHALÉS DE PORTALEGRE: Complexo em Hospedagem e Lazer	76
5.1. Diretrizes projetuais	76
5.2. Zoneamento	76
5.3. Programa de necessidades e fluxograma.....	77
5.4. Partido arquitetônico.....	81
5.5. Apresentação do projeto	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICES.....	95
ANEXOS	95

INTRODUÇÃO

É possível observar que o turismo serrano sob uma atenção geográfica nas regiões de clima frio esteve fortemente associado no Brasil, inicialmente com a Serra Gaúcha do Rio Grande do Sul e a região da Serra da Mantiqueira, na divisa entre os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Ademais, estas extensões serranas e montanhosas estimulam o setor de hospedagem que assume importante papel como elemento fornecedor de acomodações e serviços. As formas de se hospedar desenvolveram-se bastante ao longo dos séculos. As primeiras formas de hospedagem mais formais e comerciais foram os “*inns*” na Inglaterra, os “*auberges*” na França, e ainda, o surgimento de habitações em dimensões mínimas, conhecido como “*chalef*” – típico de regiões montanhosas da Europa, como nos Alpes da Suíça francesa. Esses chalés têm estrutura robusta para resistir às condições climáticas adversas, e foram pensados a partir da preocupação de utilização de linguagem arquitetônica própria e materiais predominantes em suas regiões de origem.

É perceptível, que na região do Nordeste brasileiro, o turismo serrano atualmente atende uma demanda de viajantes que buscam temperaturas mais amenas ou ainda analogias a uma arquitetura europeizada. Sobretudo, a tipologia de chalés europeus, que foi amplamente difundida no Sul do Brasil, porém que emerge no Nordeste brasileiro. O turismo no país geralmente têm atendido, com relação à hospedagem com apelo natural duas propostas: regiões litorâneas e as regiões de serras ou chapadas. Especialmente por se tratar de construções simples e rudimentares, geralmente com plantas retangulares e telhado em duas águas, essas tipologias têm atingido o gosto brasileiro especialmente por remeter ao clima frio, forte característica simbólica dessa arquitetura.

Ainda assim, ao longo do tempo, os chalés passaram a ser construídos em diferentes linguagens arquitetônicas adaptando-se às necessidades do mercado e ao contexto nas diferentes regiões do país. Pode-se dizer que esta solução tipológica desempenha um importante papel na atividade econômica do turismo e hospitalidade regional tanto para quem a produz como para aqueles que usufruem o aspecto pitoresco dessas construções projetadas com o propósito mais intimista e de forte vínculo com a natureza.

Embora, o Rio Grande do Norte seja conhecido no turismo por suas belas praias e seu clima tropical, há também sua difusão em regiões serranas, para além do litoral. Apresentam um ecossistema diversificado e em períodos de estiagem menores temperaturas. Tal área turística do estado se destaca por integrar uma geografia local marcada pela existência de serras, como é o caso

do Polo Serrano¹ do estado. Este potencial turístico pode ser descoberto na serra de Portalegre, cidade no interior do estado, localizado no Alto-Oeste Potiguar². Muito embora, a Serra de São Bento e a Serra Santana sejam consideradas atualmente como aquelas que possuem maior atrativo para o turismo e hospedagem, principalmente por sua proximidade com a capital do estado, o turismo serrano em Portalegre e Martins tem crescido bastante nos últimos anos e tem atraído visitantes de diversas regiões. Estas serras, inclusive, sempre estiveram bastante associadas ao turismo da região Oeste Potiguar, o que acaba prolongando seu raio de influência nos estados da Paraíba e Ceará.

Com base nessa perspectiva a cidade de Portalegre apesar de ser menos reconhecida se comparada com outras regiões serranas do país, especialmente por sua distância da capital do estado. É bastante visitada, o que é corroborado pela relação com a história de formação, ao ser uma das primeiras vilas do Rio Grande do Norte, (fundação da vila 1761). É também marcada por sua forte influência indígena na cultura local. Em virtude disso, o município apresenta diversos recursos no campo do turismo serrano e constitui uma Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE)³ com cachoeiras e leitos de rios perenes, clima ameno, paisagens naturais e o turismo rural que promove a interação com comunidades locais. Em 2023 a cidade contou com 1800 visitantes, com a maioria visitando nos meses de abril a julho, que corresponde à temporada fria. Segundo dados retirados da Secretaria Municipal de Turismo da Prefeitura de Portalegre

Sob uma análise mais rígida, Portalegre se mostra muito atrás no que diz respeito ao investimento bruto no turismo serrano se comparado a Serra de Martins, sua vizinha. Observa-se, que para a Serra de Martins, existe uma maior oferta na quantidade e qualidade dessas acomodações, além de um forte apelo na gestão municipal na divulgação de eventos gastronômicos e manifestações socioculturais, como forma de atrair visitantes. Portalegre carece de infraestrutura, principalmente nos serviços de hospedagem e lazer, sobretudo após a desativação do principal prestador destes serviços da cidade — o Hotel Portal da Serra, que promoveu durante anos para as populações locais e visitantes uma boa arquitetura e serviços. Apesar das várias formas de acomodações, são encontradas várias limitações. Visto que a cidade, conta com apenas três grandes pousadas contabilizando um total de 306 leitos. Verifica-se, portanto, sob uma perspectiva comparativa entre o número de visitantes e o número de acomodações uma latente demanda por

¹ Área turística determinada pela Secretaria de Estado do Turismo do Rio Grande do Norte – SETUR, onde se destaca pelo ecoturismo e do turismo de aventura pela geografia local com montanhas e serras que abarca algumas cidades da região Oeste, incluindo Portalegre.

² Localizado na mesorregião do Oeste do Estado do Rio Grande do Norte, região Nordeste do Brasil.

³ É uma área de pequena extensão territorial, com pouca ou nenhuma ocupação humana, protegida por suas características naturais singulares ou por abrigar exemplares raros da fauna e flora de uma região.

equipamentos de hospedagem no município. Além disso, alguns destes equipamentos tendem a ser convencionais e com baixa classificação hoteleira, parâmetro utilizado como referencial informativo na busca dos turistas. Por conta disso, a cidade acaba se caracterizando como local apenas passagem por turistas que optam por subir a Serra de Martins, a 45 km de distância.

Diante disso, surge a pergunta que norteia esta pesquisa: **De que maneira um equipamento de hospedagem com a integração da biofilia e poderia contribuir ao desenvolvimento turístico de Portalegre?** A partir desta questão problema, o presente trabalho visa, como objetivo geral: Elaborar em nível de estudo preliminar um equipamento de hospedagem e lazer para a cidade de Portalegre/RN. Dentre os objetivos específicos: 1 - **Estudar** as dinâmicas turísticas regionais de Portalegre para melhor dimensionar o projeto em questão. 2 - **Definir** o programa de necessidades e funções do empreendimento que estejam de acordo com uma experiência de arquitetura intimista. 3 – **Analisar** as técnicas construtivas e materiais locais para poder absorvê-los no design do equipamento baseando-se em princípios do regionalismo crítico. 4 – **Desenvolver** estudos bioclimáticos, estruturais e de orçamento. 5 – **Contribuir** por meio deste equipamento para o turismo inter-regional.

Portanto, o presente trabalho tem como justificativa a necessidade de incrementar a oferta de equipamentos de hospedagem e lazer na cidade de Portalegre, devido ao déficit de leitos em frente à demanda turística. Outro ponto importante, é o fato de que as edificações existentes que promovem este tipo de serviço não atendem certas expectativas da experiência arquitetônica contemporânea, em especial no que toca à biofilia e à utilização de técnicas e materiais locais. Com exceção da Pousada Mirante Recanto Alto da Serra, que promove a inclusão de alguns poucos chalés, as outras opções de hospedagem e lazer não privilegiam o uso da vegetação permeando os espaços de permanência dos hóspedes. O estudo surge do interesse e da motivação pessoal pelo tema, atentando também ao desenvolvimento de projetos de arquitetura de hospedagem nas pequenas cidades do semiárido, que é uma problemática latente da região.

Em síntese, este trabalho embasa-se na perspectiva de lançar luz a um conceito da experiência arquitetônica para os usuários, ressaltando a importância no desenvolvimento da arquitetura de hospedagem e lazer em Portalegre. Destaca-se o papel fundamental da forte conexão com o pitoresco⁴ através de recursos da própria natureza, que ilustra uma visão mais intimista. Em

⁴ Ruskin (1849) fala do “pitoresco”, próprio às ruínas, como “sublimidade subordinada ou parasitária”, sublimidade que depende de acidentes e provoca linha angulares e quebradas, oposições vigorosas de luz e sombra, e cores escuras, profundas ou fortemente contrastadas. RUSKIN, John. Op cit. p. 72. Em outras palavras, é um conceito estético aplicado na arquitetura que faz referência as impressões subjetivas desencadeadas pela contemplação.

cima disso, foi previsto um espaço cultural na área de lazer do equipamento, uma aberta ao ar livre para a exposição de esculturas de artistas locais, de forma a enaltecer o potencial artístico da região, ainda que seja um empreendimento privado. Da mesma forma, aborda as limitações do município em relação aos investimentos em turismo. O projeto, portanto, parte da premissa de conectar as necessidades inerentes do homem moderno com a natureza e o ambiente construído.

Diante do exposto, este estudo busca inicialmente contextualizar o leitor diante da divisão dos capítulos. O primeiro deles evoca a construção dos saberes que tece uma abordagem teórica de autores que discutem as questões sobre a forma de se projetar arquitetura. Em seguida, o segundo capítulo, evidencia os processos metodológicos utilizados, valendo de fontes teóricas e empíricas. Mais adiante, o terceiro capítulo, traz consigo a apresentação de dois estudos de caso tomados como referências para o projeto. Posteriormente, o quarto capítulo, transporta o leitor para a historicidade do local, exibindo a cultura, além das conjunturas particulares do município de Portalegre. Por fim, o quinto capítulo, apresenta o projeto do equipamento de hospedagem, onde este é contemplado com os desenhos técnicos de implantação, topografia e platôs, plantas baixas, cobertura, elevações, fachadas e imagens renderizadas.

1. ESTRUTURAÇÃO DOS SABERES

Este primeiro capítulo da pesquisa leva em consideração a construção teórica para qual o equipamento proposto está inserido, desde aspectos regionais, sociais, históricos e fundamentalmente arquitetônicos. Nessa ótica, faz-se necessário retroceder no tempo a fim de compreender as referências evolutivas para a forma de se projetar arquitetura pós modernista bem como se adaptar às novas técnicas de planejamento e projeto de pousadas e hotéis levando em consideração um ambiente humano e que proporcione a experiência arquitetônica do usuário e sua percepção intimista.

1.1. Noções Essenciais sobre o regionalismo crítico

O Brasil faz parte de um grupo de países em desenvolvimento, caracterizado por sua vulnerabilidade ambiental e econômica que depende dos setores primários e terciários, com uma indústria pouca desenvolvida. A busca incessante de um progresso desenfreado na corrida pela “*universalização*” e modernização de uma civilização moderna ameaça as escolas regionais recentes da arquitetura moderna brasileira, cujo objetivo principal tem sido refletir os limitados elementos construtivos nos quais se basearam e servir a eles⁵.

Frampton, (1997, p. 381) evoca a pergunta de Paul Ricoeur de “como tornar-se moderno e voltar às raízes; como reavivar uma velha, adormecida civilização e ser da civilização universal?”⁶. Para Frampton, o Regionalismo Crítico necessita assumir um papel na arquitetura moderna criticamente, exaltando sua qualidade de forma gradual nos contextos universais, porém ao mesmo tempo deve avaliar melhor sua inserção no contexto local. Identificando as questões fenomenológicas, em que sugere a observação da topografia, clima, iluminação, forma tectônica, senso tátil e estudos das tradições culturais e históricas do local.

O conceito de uma cultura local ou nacional é uma proposição paradoxal não apenas devido à atual e óbvia antítese entre cultura de raiz e civilização universal, mas também porque todas as culturas, tanto antigas quanto modernas, parecem ter dependido, para seu desenvolvimento intrínseco, de uma certa fertilização cruzada com outras culturas. (Frampton, 1997, P. 382.).

⁵ FRAMPTON, Kenneth. História e crítica da arquitetura moderna – 1. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 382-397.

⁶ Termo utilizado pelo filósofo francês Paul Ricoeur para denotar a participação de nações na racionalidade científica, técnica e política algo que frequentemente exige o abandono puro e simples de todo um passado cultural.

Portanto, ao empregar o termo regionalismo crítico, se está fazendo referência a técnicas e estéticas locais e vernaculares, ou seja, própria do país, cidade ou região a que a obra pertence, desprovida da uniformidade e se opondo à padronização que impera na arquitetura mundial. Esta definição e consideração abre espaço para a compreensão de uma aparente contradição configurada entre as normativas que regem arquitetura contemporânea e a busca por uma essência vernacular.

Dada as circunstâncias, por meio de um processo satisfatório para o mercado da construção civil, elementos pré-fabricados em concreto, metal ou até mesmo os polímeros em dimensões padronizadas são comumente combinados e utilizados na finalidade de entregar uma obra barata e acelerada indo contra as especialmente projetadas e por vezes menos econômicas, porém com fatores importantes que consistem em sua deferência ao uso de materiais locais e um olhar palpitante sobre a realidade sem cair no sentimentalismo de excluir a forma racional e a técnica moderna.

Na atualidade, estes mecanismos estão intrinsecamente ligados ao capital e à informação. Segundo Diane Ghirardo (2009), o mundo econômico global possui “fluxos transnacionais de população e cultura e autoestradas de informação” (Ghirardo, op.cit. p. 38). O impacto dessas mudanças para o ambiente construído raramente aparece nas discussões arquitetônicas, segundo afirma a autora, que também menciona um aumento na polarização da renda, responsável por um incremento na marginalização social e econômica (Ghirardo, 2009).

No Brasil, o regionalismo começa apresentar suas características na década de 1940 diante de várias obras do arquiteto Oscar Niemeyer, entre elas a Casa do Baile no Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha, (Figura 01) em convite do prefeito Juscelino Kubitschek que visava a modernização arquitetônica de Belo Horizonte. Em junho de 1984, a Casa do Baile foi tombada e inscrita no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, no Livro do Tombo de Belas Artes, no Livro do Tombo Histórico, das obras de Artes Históricas e dos Documentos Paleográficos ou Bibliográficos e no Livro do Tombo das Artes Aplicadas⁷. Nela é possível encarar o racionalismo que Frampton evoca pela sensibilidade do Arquiteto com o lugar.

E o fiz com a desenvoltura que meu sócia pedia, cobrindo a Igreja de Pampulha de curvas variadas, e a marquise da Casa do Baile a se desenvolver, também em curvas, pela margem da pequena ilha. Era o protesto pretendido que o ambiente em que vivia exaltava com suas praias brancas, suas belas mulheres bronzeadas. Alguns, ainda presos às limitações funcionalistas da época, tentaram criticar Pampulha, mas se tratava de obra tão correta e criativa que justifica o comentário, já mencionado aqui, do meu colega francês, De Roche:

⁷ IEPHA. Minas Gerais. 2017. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/institucional/legislacao/14-patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/160-conjunto-arquitet%C3%B4nico-da-pampulha#:~:text=O%20conjunto%20arquitet%C3%B4nico%20da%20Pampulha,40%20e%20inaugurado%20em%201943>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

'Pampulha foi o grande entusiasmo da minha geração (Niemeyer, 1998; apud Macedo, 2008).

Destacando-se por sua singeleza, graça e simplicidade tem sua planta a partir de duas circunferências que se tangenciam internamente das quais se desprende uma marquise sinuosa que segue o leito da ilha artificial. A forte percepção de conjunto relevada na relação com a natureza local e a paisagem circundante e desta com os bens edificados, sem renunciar os conceitos e técnicas de construção da época.

Figura 1: Vista aérea Casa do Baile, Conjunto Arquitetônico Pampulha.



Fonte: Pinterest (2023)

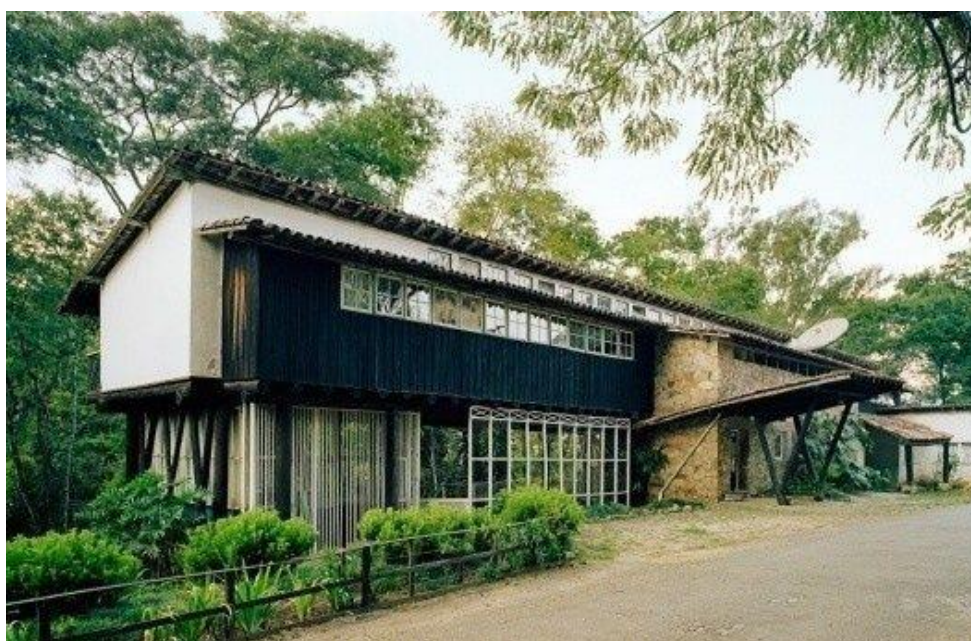
Outro arquiteto que se insere buscando encontrar o emblema brasileiro na arquitetura moderna, era Lucio Costa que procurava nada mais do que uma identidade regional, dentro de um contexto repleto de signos internacionais, que desprezavam os elementos culturais brasileiros.

A busca pela brasilidade para a arquitetura moderna também deixou herança. A abertura de Costa para a afetividade numa escola que se pautava pelo racionalismo e pela frieza acaba funcionando (...) como uma crítica à arquitetura moderna e, ao mesmo tempo, uma antecipação ao regionalismo crítico. Esse movimento de crítica ao modernismo prega a incorporação de elementos da cultura local à arquitetura, exatamente como defendia Costa ⁸.

⁸ CARVALHO, Mario César. O Revolucionário tranquilo, 2002. In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Folha de S. Paulo, Mais!. São Paulo 24 de Fevereiro 2002. P. 5.

Em sua obra do Park Hotel, o arquiteto Lucio Costa apresenta-se de forma bastante apropriada como exemplo da prática do regionalismo crítico. Projetado no início da década de 1940, em Nova Friburgo/RJ, o Park Hotel (Figura 02) mescla um sistema construtivo baseado em vários preceitos espaciais da arquitetura moderna, versando sobre uma concepção vernacular, pois emprega toras de eucalipto e pedras encontradas em abundância na região. Com isso Lucio Costa, em sua autoanálise, declara fazer modernismo sem ser modernista, pois em sua visão existe distinção entre o emprego dos preceitos modernistas imbuídos da compreensão espacial e a simples adoção formal por apreço estético ou por modismo, como cita o artigo (Mendes et al, 2007).

Figura 2: Pousada se destinava à hospedagem do loteamento Parque São Clemente.



Fonte: Pinterest (2023)

A construção dessa pousada se destinava à hospedagem de eventuais compradores de terrenos no loteamento denominado Parque São Clemente, bairro de Nova Friburgo, projetado pelo paisagista francês Augusto Glaziou, seguindo os conceitos das “Cidades Jardins”. O local escolhido para erguer a edificação consiste numa pequena nesga de terreno, localizada no lote “Zero”, na quadra “D” do citado parque, num total de 3.600m² de área. As pedras, que também fazem a vedação e ajudam na função estrutural, são assentadas seguindo o estilo *opus incertum* (obra incerta), possuindo formatos irregulares e tamanhos variáveis, sendo unidas por uma argamassa. A cobertura do projeto é constituída por telhas coloniais, sendo todas produzidas na extinta Cerâmica Parque São Clemente, localizada nas imediações do bairro.

O desenho geralmente precisa se relacionar diretamente com elementos e paisagens naturais bem como suas tradições e o contexto social. Para o premiado arquiteto português, Álvaro Siza em seu texto escrito em 1979:

Uma proposta arquitetônica cujo objetivo é aprofundar-se... Cada desenho deve captar, com máximo rigor, um momento preciso da imagem palpitante, em todas as suas tonalidades, e quanto melhor se conseguir reconhecer essa qualidade palpitante da realidade, mais claro será seu desenho (...). Deve ser por isso que apenas obras marginais (uma residência tranquila, uma casa de férias a quilômetros de distância) mantiveram-se do modo como foram originalmente projetadas (Siza *apud* Frampton, 1997, P. 385).

Ghirardo (2009) sugere que talvez existisse certa dose de provincianismo nos seguidores do movimento modernista que, por não compreenderem tradições singulares fora de seu próprio histórico ocidental e europeu, acabaram por rejeitar como marginais “[...] arquitetos cujos projetos estavam imbuídos da textura de uma área geográfica específica, em vez de reconhecer que tal estratégia precisava de uma sensibilidade pouco comum a tudo, da economia de energia ao uso de materiais locais” (Ghirardo, *op.cit*, p.162).

Em seu livro sobre *Arquitetura contemporânea: uma história concisa*, Ghirardo (2009) explica que o momento pós-moderno possibilitava justamente a oportunidade de escapar da homogeneização da arquitetura promovida pelo modernismo: “Enquanto as forças da modernização do início do século XX tendiam a obscurecer diferenças locais, regionais e étnicas, o pós-modernismo concentra-se precisamente nessas diferenças e traz para o primeiro plano o que fora marginalizado pelas culturas dominantes” (Ghirardo, 2009).

Desse modo, é possível entender e transmitir o regionalismo crítico de Frampton, a finalidade em identificar congruências locais, onde deve ser levado em conta, tradições e tecnologias originárias de uma determinada região. Ocorre, porém a inadequação deste modelo teórico para produção arquitetura contemporânea quando são consideradas as descontinuidades culturais e contextuais, próprias do “efeito pluralizador”, termo utilizado pelo teórico cultural Stuart Hall⁹, decorrente do processo de globalização e avanço desenfreado para países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. A crítica subsiste: se deve preservar as culturas regionais; tanto a biodiversidade quanto a diversidade cultural, que são elementos imprescindíveis. Elementos estes que deveriam ser levados em conta pelas políticas públicas da área e também nas esferas do pensamento sistemático, o universitário inclusive. (Fischer, 2018).

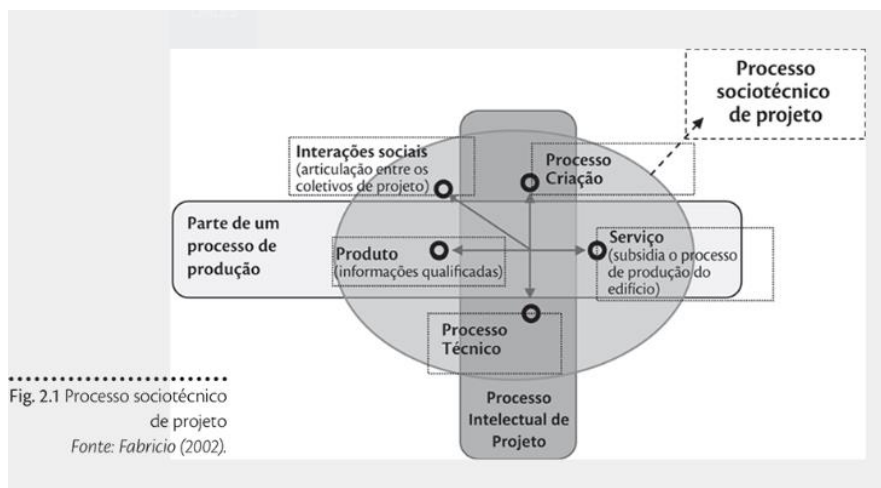
⁹ Teórico cultural e sociólogo jamaicano. O autor utiliza o termo “efeito pluralizador” do conceito de identidade no livro “A identidade cultural na pós-modernidade” (1997).

1.2. Função social de projeto: Estudo de correlato

A realização de um projeto de hospedagem deve se atentar como um dos resultados principais — as interações sociais no ambiente construído. O projeto é resultado de várias interações sociais, sendo definido não só pela atuação de cada projetista, mas também pelas influências mútuas com os clientes e usuários (Kowaltowski, 2011, p.57). Sendo assim, a noção de processo é fundamental para compreender a materialização do projeto, que ocorre segundo etapas sucessivas de desenvolvimento, tanto do ponto de vista intelectual como em relação às trocas entre agentes envolvidos no processo de projeto. Conforme Kowaltowski, o projeto de edifícios pode ser sintetizado e mediado por uma série de faculdades humanas, pelo conhecimento e por determinadas “técnicas” projetuais até a formulação de soluções de forma a antecipar um produto e sua obra.

Para desenvolver, amadurecer e validar as soluções projetuais, utilizam-se diferentes conhecimentos, que vão do saber empírico acumulado nas experiências passadas dos projetistas – marcando um saber de ofício – aos conhecimentos acumulados em livros, leis, textos normativos e, mais recentemente, os conhecimentos presentes em diversos algoritmos e softwares computacionais (Kowaltowski, p. 60).

Figura 3: Esquema do processo sociotécnico.



Fonte: Kowaltowski (2011).

Assim, por sua vez, o projeto pode ser considerado um processo coletivo e interativo que requer a colaboração entre seus participantes ao mesmo tempo em que mantém espaços autônomos de atuação de cada agente especializado (Melhado; Henry, 2000). Para Kowaltowski, o processo de projeto se caracteriza pela utilização de diferentes habilidades intelectuais, envolvendo a criatividade, conhecimentos científicos, técnicos, experiências profissionais e capacidade de comunicação para o enfrentamento de problemas e a postulação de soluções projetuais.

Partindo desse pressuposto como a dinâmica do processo sociotécnico que cita a autora vale ressaltar o papel que também envolve a palavra “social” ao que se refere à função social do projeto arquitetônico. Em cima disso, foi previsto um espaço cultural na área de lazer do equipamento, uma aberta ao ar livre para a exposição de esculturas de artistas locais, de forma a enaltecer o potencial artístico da região.

1.3. Biofilia aplicada à arquitetura: em busca de uma conexão mais profunda com a natureza

É notório que atualmente tem-se atentado significativamente para os impactos que a espécie humana tem gerado especialmente em relação ao ambiente construído no que toca aos vários ecossistemas que compõe o todo, o planeta Terra. Antes de adentrar no termo “biofilia” que traduzido do grego (*philia* = amor a / inclinação a), i.e. “amor às coisas vivas”, bem como os estudos que demonstram o impacto positivo dessa nova tendência de projetar ambientes naturais, vale ressaltar o papel do arquiteto na construção de ecossistemas sustentáveis. Segundo Mascaró, (2005), o novo ecossistema criado poderá ser agradável ou não, estável ou instável, econômico ou antieconômico, dependendo, em grande parte do critério com que o arquiteto e urbanista o trata.

Figura 4: Casa Gonçalves, projeto realizado pela Sabella Arquitetura.



Fonte: Sabella Arquitetura (2023)

Sendo assim, a biofilia é uma das estratégias da Neuroarquitetura¹⁰ onde a conexão do homem com a natureza está diretamente relacionada à saúde e bem-estar físico e mental (Fonseca, 2009, p.6). Como o arquiteto pode alcançar esta conexão? Ao integrar a natureza com protagonista

¹⁰ Isso é neuroarquitetura: projetar ambientes eficientes baseados não apenas em parâmetros técnicos de legislação, ergonomia e conforto ambiental, mas também em índices subjetivos como emoção, felicidade e bem-estar.

em seus projetos, a principal estratégia é incorporar elementos naturais como água, vegetação, luz natural e elementos como madeira e pedras nos espaços construídos, principalmente expostos, (ver Figura 4).

Uma das principais características do estilo biofílico é promover um sentimento de pertencimento, o aspecto contemplativo leva a uma sublime conexão com a natureza que enriquece nossa jornada humana — afinal nela estamos inseridos. Ela é intensa, profunda e honesta. *“A riqueza que eu alcanço vem da natureza, a fonte da minha inspiração”* (Claude Monet, 1911). De forma pragmática, o projetista deve se atentar à realidade crua que se encontra, analisando cada um de seus aspectos.

Figura 5: Desenho do arquiteto para Casa de Chá, de Álvaro Siza.



Fonte: Arquiscopio.com (2013)

A relação entre a natureza e a construção é decisiva na arquitetura. Essa relação, recurso permanente de qualquer projeto, é para mim uma espécie e obsessão; sempre foi determinante no curso da história e, apesar disso, tende hoje a uma extinção progressiva (Siza, 1954).

Vale destacar que a biofilia na Arquitetura tem se tornado tendência nas últimas décadas, incluindo sua aplicação em ambientes internos (Figura 06). Conexões visuais até mesmo em pequenas instâncias da natureza podem ser restauradoras e particularmente relevantes para intervenções temporárias principalmente em espaços onde os imóveis são limitados (Muza, 2021, p.51). A natureza real é protagonista, salve exceções para quando edificações se encontram em um

contexto urbano, utiliza-se então estratégias que simulem aspectos da natureza e levem a uma experiência semelhante ao natural. Nesse âmbito, este é um exemplo para este tipo de técnica que sugere princípios que podem ser vislumbrados nos projetos para hospitais modernos ao redor do mundo. Estudos científicos comprovam que o contato com natureza possui uma influência direta durante o processo de recuperação dos pacientes.

Figura 6: Área de ensino e pesquisa do Hospital Albert Einstein em São Paulo, projeto de Safdie Architectects Perkins+Will.



Fonte: Safdie Architectects Perkins+Will (2023)

Seguindo tal lógica, para um entendimento mais científico (Paiva; Jedon, 2019) cita que o cérebro humano, responsável pela percepção dos espaços, é um dos primeiros passos para a aplicação bem sucedida do design biofílico. Os ambientes podem gerar dois efeitos diferentes no organismo de acordo com o tempo de ocupação nesses espaços. O primeiro efeito é em curto prazo, sendo efêmero e imediato, e o segundo é de longo prazo, que demora a acontecer, mas persiste por mais tempo, estabelecendo mudanças estruturais. As casas de campo de veraneio surgem como uma solução para aqueles que buscam fugir do estresse do dia a dia e os problemas das cidades. Com uma promessa de segurança a partir do isolamento e um local em harmonia com a natureza, terras foram ocupadas.

[...] alguns tiveram o privilégio de escolher o sonho da casa no campo, atraídos por promessas de uma vida renovada, mergulhados nos paradoxos do desenvolvimento e dos dramas sociais, políticos e ambientais em curso no Brasil [...] Cientistas e técnicos realizavam as primeiras avaliações dos dilemas da poluição ambiental urbana. Entretanto, temas ambientais se configuravam como assunto extemporâneo e distante da política, subestimados por setores brasileiros de direita e esquerda (Durte, 2014).

Destarte, quando a natureza é incluída de maneira consciente em um projeto arquitetônico, de maneira inconsciente estamos nos conectando com ela. Conforme (Kellert; Calabrese, 2015) É essencial que os elementos biofílicos sejam distribuídos por todo o projeto para promover engajamento contínuo dos usuários com a natureza. Por isso, projetos onde a biofilia está presente no design, proporcionam bem-estar nos usuários. É caracterizado pela inclusão da vegetação dentro e fora dos ambientes, a entrada de luz natural através de estratégias de iluminação, e uso de materiais naturais como madeira e pedras. Além disso, o design biofílico valoriza a criação de vistas para paisagens buscando criar espaços que estimulem os sentidos e promovam a saúde e o conforto das pessoas.

1.4. Planejamento para hotéis e pousadas

Este tópico tem como objetivo apresentar a importância para o planejamento que antecede o projeto e implantação de equipamentos de hospedagem utilizando como eixo central fontes teóricas baseadas na experiência e no aprendizado profissional dos autores do livro “Hotel: Planejamento e Projeto” (Andrade et al, 2013) e “Pousada e Hotéis: Manual prático para planejamento e projeto” (Góes, 2015).

Em resumo arquitetura hoteleira pertence a um dos principais segmentos da produção de habitações em dimensões mínimas. Situada no coração do turismo, pulsa por hospitalidade e comodidade em um mercado que se expande de maneira extraordinária em todo o planeta. (Nelson Andrade Et AL, 2013). Todavia, quando se trata da construção da arquitetura hoteleira, são listadas inúmeras necessidades relevantes para sua execução, como o design, a plástica, a forma, os equipamentos de apoio, a localização e o perfil dos hóspedes, porém, o que vem sendo esquecido nos últimos tempos e o que o mercado consumidor está cada vez mais em busca da verdadeira hospitalidade que o local tem a oferecer. (Nones, 2019).

O Ministério do Turismo disponível na Lei nº 11.771/2008 (Brasil, 2008) atualizada em 16 de junho de 2016 define o SBC - Sistema Brasileiro de Classificação que estabelece sete tipos de meios de hospedagem, determinando qual escolha se adequaria mais ao contexto local escolhido. Segundo essa Portaria, os tipos de meios de hospedagem com as respectivas características distintivas são:

- **HOTEL:** estabelecimento com serviço de recepção, alojamento temporário, com ou sem alimentação, ofertado em unidades individuais e de uso exclusivo dos hóspedes, mediante cobrança de diária;

- **RESORT**: hotel com infraestrutura de lazer e entretenimento que disponha de serviços de estética, atividades físicas, recreação e convívio com a natureza no próprio empreendimento;
- **HOTEL FAZENDA**: localizado em ambiente rural, dotado de exploração agropecuária, que ofereça entretenimento e vivência do campo;
- **CAMA E CAFÉ**: hospedagem em residência com no máximo três unidades habitacionais para uso turístico, com serviços de café da manhã e limpeza, na qual o possuidor do estabelecimento resida;
- **HOTEL HISTÓRICO**: instalado em edificação preservada em sua forma original ou restaurada, ou ainda que tenha sido palco de fatos histórico-culturais de importância reconhecida;
- **POUSADA**: empreendimento de característica horizontal, composto de no máximo 30 unidades habitacionais e 90 leitos, com serviços de recepção, alimentação e alojamento temporário, podendo ser em prédio único com até três pavimentos ou contar com chalés ou bangalôs;
- **FLAT/APRT-HOTEL**: construído por unidades habitacionais que disponham de dormitório, banheiro, sala e cozinha equipada, em edifício com administração e comercialização integradas, que possua serviço de recepção, limpeza e arrumação.

As categorias de cada um desses sete tipos são, segundo a mesma Portaria, as seguintes:

Tabela 1: Tipos de hospedagem e categorias.

TIPO	CATEGORIA
Hotel	1 a 5 estrelas
Resort	4 a 5 estrelas
Hotel fazenda	1 a 5 estrelas
Cama e café	1 a 4 estrelas
Hotel histórico	3 a 5 estrelas
Pousada	1 a 5 estrelas
Flat/apart-hotel	3 a 5 estrelas

Dentre os variados tipos de hotéis citados pelo Ministério do Turismo, o empreendimento proposto aqui é caracterizado como uma Pousada por contar com a implantação de chalés. Vale enfatizar, ter um sistema de classificação hoteleira, proporciona uma concorrência entre os meios de hospedagem que o país oferece e ajuda os turistas tanto locais quanto estrangeiros a tomarem suas decisões. Assim a categoria que determinará a tipologia do projeto proposto, tem como características básicas para ser classificada como uma pousada 1 estrela.

➤ **Pousada 1 estrela:**

- Serviço de recepção aberto por 12 horas e acessível por telefone durante 24 horas;
- Serviço de guarda dos valores dos hóspedes;
- Área útil da UH, exceto banheiro, com 9 m² (em no mínimo 65% das UH);
- Banheiros nas UH com 2 m² (em no mínimo 65% das UH);
- Troca de roupas de cama uma vez por semana;
- Serviço de café da manhã;
- Medidas permanentes para redução do consumo de energia elétrica e de água;
- Medidas permanentes para o gerenciamento de resíduos sólidos, com foco na redução, reuso e reciclagem;
- Monitoramento das expectativas e impressões do hóspede em relação aos serviços ofertados, incluindo meios para pesquisar opiniões, reclamações e solucioná-las.

Para fins dos tipos empregados, entende-se como meios de hospedagem:

Os empreendimentos ou estabelecimentos, independentemente de sua forma de constituição, destinados a prestar serviços de alojamento temporário, ofertados em unidades de frequência individual e de uso exclusivo do hóspede, bem como outros serviços necessários aos usuários, denominados de serviços de hospedagem, mediante adoção de instrumento contratual, tácito ou expresso, e cobrança de diária (Brasil, 2010, p.5).

Dentre os variados tipos de hotéis citados pelo Ministério do Turismo, o empreendimento proposto aqui é caracterizado como uma Pousada por contar com a implantação de chalés na dimensão da gleba em questão. Em seu manual prático, (Góes, 2015) resume os requisitos mandatórios de acordo com número de estrelas:

É de suma importância o planejamento anteceder o projeto de arquitetura, pois apresenta aspectos fundamentais para o sucesso de qualquer empreendimento hoteleiro, que devem ser abordados em sequências adaptadas a cada caso. São eles: o segmento de mercado; o perfil do usuário; a viabilidade econômico-financeira; a localização; a definição do programa e da relação entre as áreas; o tipo de hotel. (Nelson Andrade Et AL, 2013).

Em primeiro lugar, entre os aspectos apresentados pelo autor, ressalta-se a importância para a questão da localização, que engloba fatores desde a implementação do empreendimento, assim como o estudo das tradições culturais da região e técnicas construtivas, pois isso irá favorecer o processo do projeto de arquitetura que ocorre seguidamente ao planejamento inicial conforme as diretrizes citadas acima.

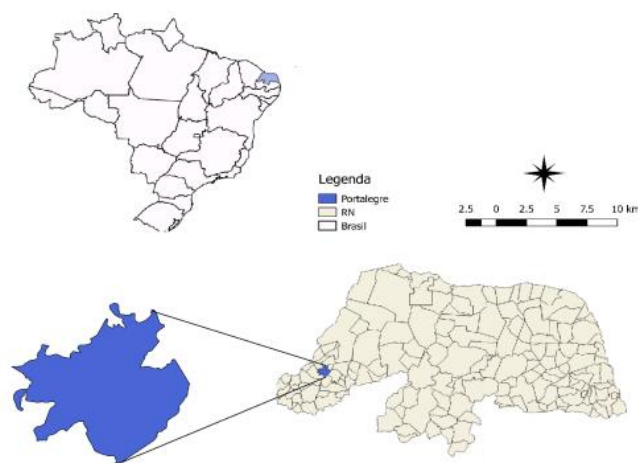
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste item, são observadas as etapas metodológicas utilizadas neste trabalho. Para essa finalidade, recorre-se inicialmente ao recorte espacial da área de ação do projeto, em consonância às análises da área de influência e perfil socioespacial das edificações do entorno. Logo depois, discorre-se sobre o levantamento de campo e físico realizado para coleta de dados topográficos e bioclimáticos, bem como análises estatísticas do município de Portalegre.

2.1. Recorte Espacial:

A área onde foi desenvolvido o equipamento de hospedagem está situada no município de Portalegre no estado do Rio Grande do Norte, na mesorregião do Oeste Potiguar na microrregião de Pau dos Ferros. A cidade possui uma extensão total de aproximadamente 110,054km², onde apenas 3,03km² são de área urbanizada, IBGE (2019). Observa-se um relevo com altitudes variando entre 400 e 800 metros, formadas por terrenos rochosos antigos provenientes do período Pré-Cambriano, além da depressão sertaneja, que compreende uma série de terrenos de menor altitude na transição entre o Planalto da Borborema¹¹ e a Chapada do Apodi.

Figura 7: Mapa de localização de Portalegre do Rio Grande do Norte, Brasil.

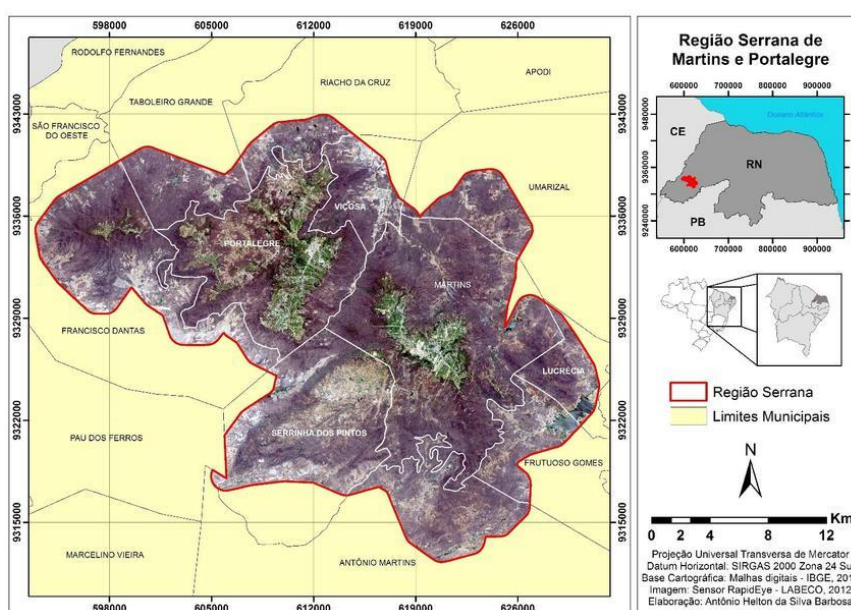


Fonte: Dados da pesquisa (2024)

¹¹ Planalto da Borborema, ou chapada Pernambucana, é uma formação geológica localizada no Nordeste do Brasil, abrangendo principalmente os estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e parte de Alagoas. É caracterizado por uma extensa cadeia de colinas e elevações, com altitudes variadas, que se estende por mais de 1.000 quilômetros. Esta região desempenha um papel significativo na geografia e na história do Nordeste brasileiro. Suas terras são geralmente pedregosas e pouco propícias à agricultura, o que influenciou as características socioeconômicas da área ao longo do tempo. Apesar disso, o Planalto da Borborema abriga uma rica biodiversidade, com muitas espécies vegetais e animais adaptadas às condições específicas desse ambiente.

O município de Portalegre está localizado no maciço cristalino, na região serrana do interior estado do Rio Grande do Norte, encontra-se entre as cidades que compõe o Polo Serrano e faz parte da região do Alto Oeste Potiguar, ficando a 381 km de distância da Capital do estado (Natal). Localizada a 650 m de altitude acima do nível do mar, se limita a norte com a cidade de Riacho da Cruz, Tabuleiro Grande e Viçosa; a sul com Francisco Dantas e Serrinha dos Pintos; a leste com Martins e Viçosa e a oeste com Francisco Dantas (Figura 8). Portalegre está situada em área de abrangência de rochas metamórficas que formam o embasamento cristalino, formados entre 1 bilhão e 2,5 bilhões de anos.

Figura 8: Mapa de localização da Região Serrana de Martins e Portalegre.



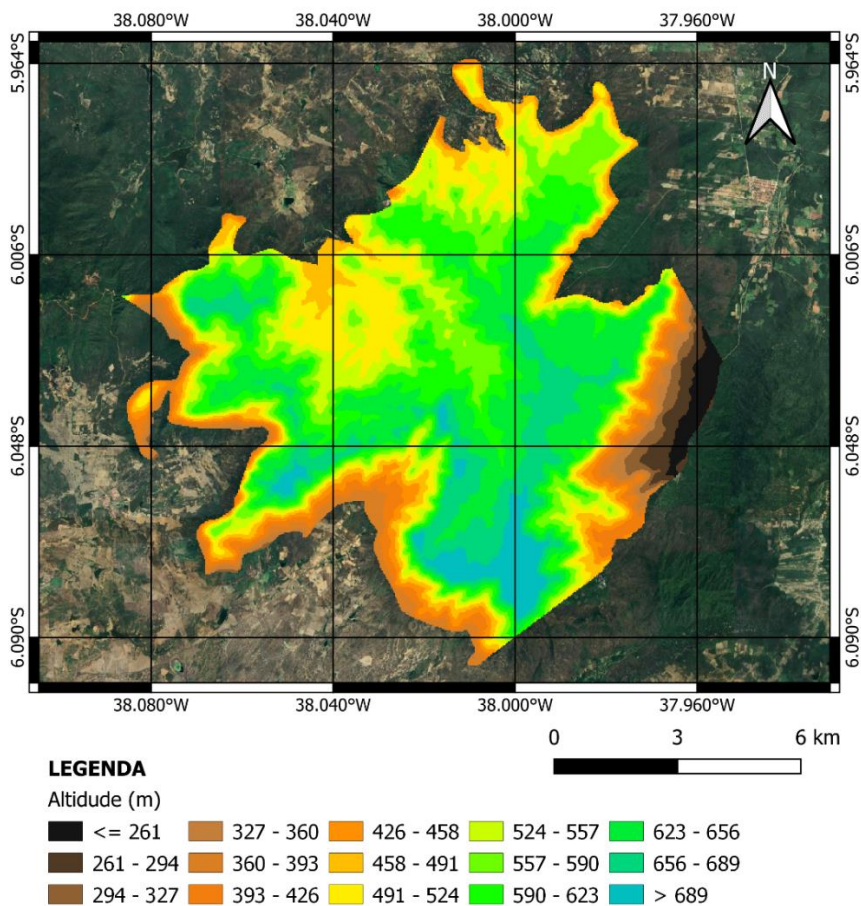
Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A Região Serrana de Martins e Portalegre (Figura 8), se destaca como uma paisagem de exceção dentro do contexto semiárido do estado. Observa-se a variação entre a flora do Brejo de Altitude e o bioma da Caatinga, a região está inserida em um seletto grupo de áreas prioritárias para conservação, uso sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade brasileira. Esse compartimento montanhoso encontra-se basicamente dividido em dois relevos serranos similares que constituem as serras de Martins e de Portalegre. Na pesquisa de Barbosa (2017), a Figura 8 aponta uma área aproximada de 64.953ha abrangendo parte dos municípios de Antônio Martins, Frutuoso Gomes, Lucrécia, Tabuleiro Grande, Riacho da Cruz, Umarizal, Martins, Portalegre, Serrinha dos Pintos, Francisco Dantas e Viçosa.

A unidade estrutural representa um enclave de exceção ao conjunto das áreas sertanejas adjacentes e, por isso, a delimitação da área de estudo incorpora desde o maciço cristalino até as

áreas sertanejas do entorno próximo visando possibilitar uma análise comparativa. Portalegre conta com elevações de até 720 m (Figura 9), enquanto Martins com elevações entre 700m e 800m

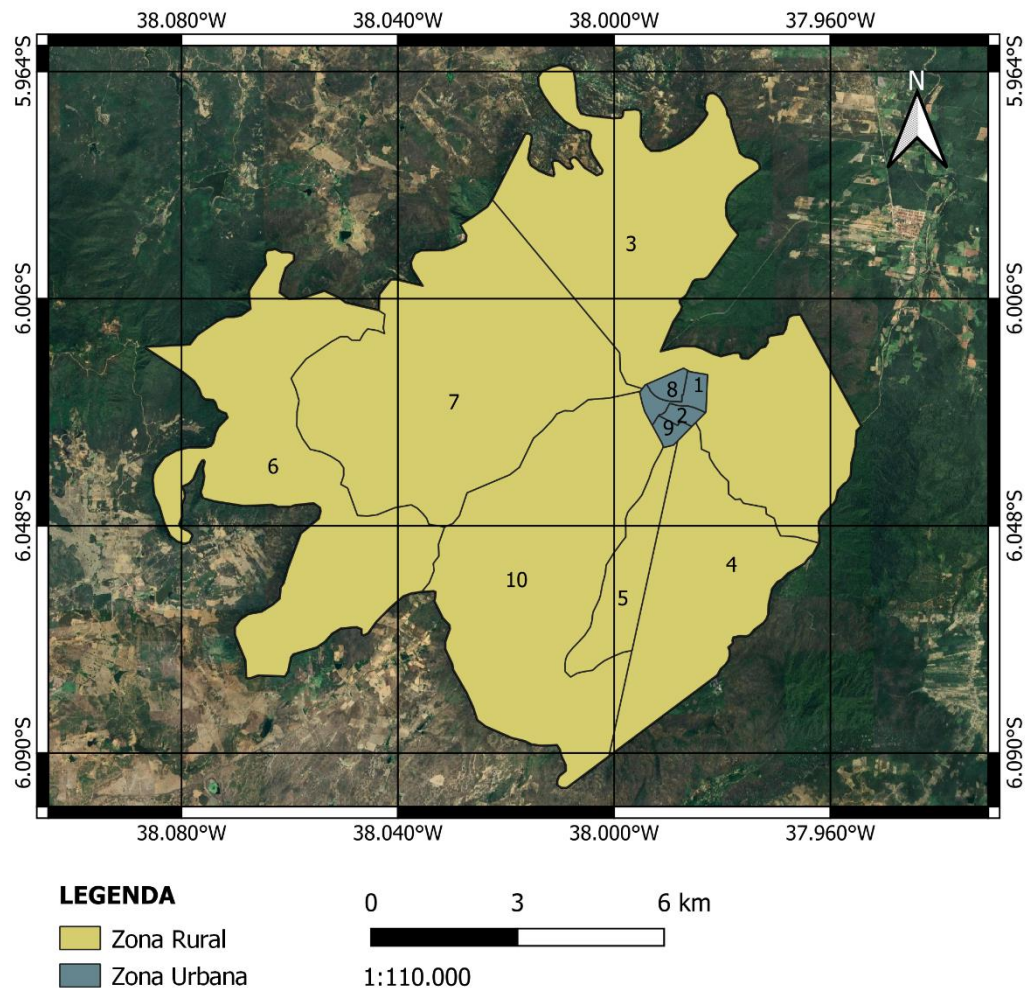
Figura 9: Mapa de Altitude do município de Portalegre.



Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Este mapa evidencia as classes altimétricas existentes no município de Portalegre do Rio Grande do Norte, que possui um modelado com diferentes altitudes que variam entre 261 a 720m. É possível notar nas áreas situadas abaixo dos 400 metros por toda região periférica do município. Verifica-se que pela ação fluvial e nos locais com média altitudes inferiores a 400 metros tal compartimento apresentam vertentes (ou valas) a côncavas, por vezes escarpadas, e com topos arredondados. Comum nas Escarpas Serranas, identifica-se na base das vertentes Depósitos de Tálus e Colúvios. Associada ao compartimento, verifica-se o predomínio de rios com padrão de drenagem dentrítico, por isso a propagação de várias nascentes. A região serrana, é possível a extração da rede de drenagem, desde que haja leis regulamentadoras atuantes no campo. Nas áreas de inundação e de brejo, como de costume verifica-se problemas na extração da drenagem, pois caracteriza-se por canais temporários.

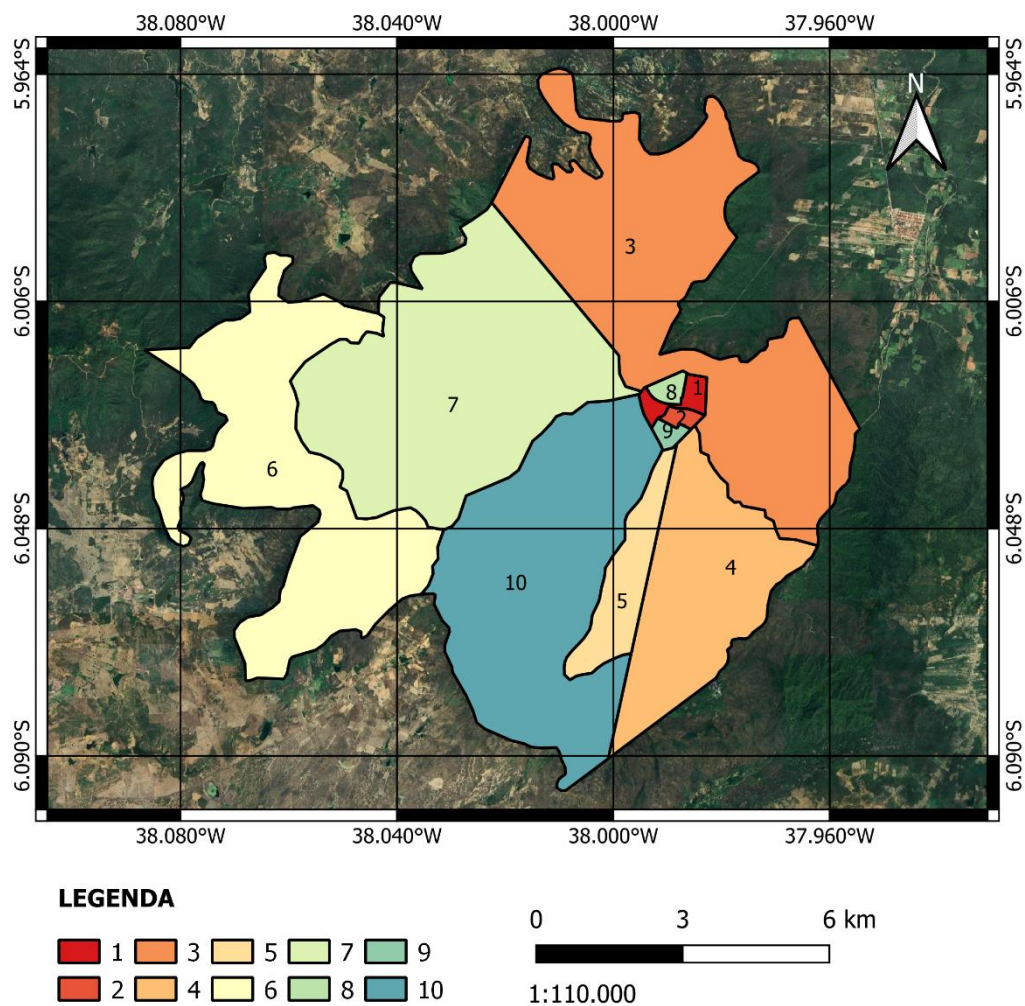
Figura 10: Mapa geral do município de Portalegre por setores censitários.



Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Portalegre passou por uma redução territorial, logo no período da Primeira República, com a emancipação política de alguns municípios vizinhos, atualmente possui extensão de aproximadamente 110,054km². É possível observar (Figura 10), a pequena parcela de Zona Urbana que compreende o município de Portalegre pelos setores censitários 1, 2, 8 e 9, segundo dados do último censo do IBGE 2010. Sua maior área, caracterizada por Zonas Rurais que possui aproximadamente ao todo 104 km² de extensão. Então, Portalegre é um “grande sítio”, opera com mecanismo do setor agrícola, ainda que em passos pequenos. A Zona Urbana sendo pouca ocupada, sobretudo a noite (período não comercial). Além de se verificar, no bairro do centro municipal, terrenos e lotes sem construções definitivas por muitos anos, gerando vazios urbanos, processo este que dificulta e encarece a urbanização da cidade. A Figura 10, refere-se a divisão dos setores censitários por cores.

Figura 11: Mapa por setores censitários e localidades



Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Na Tabela 2, verifica-se a subdivisão por setor censitário, na primeira coluna indicando o número correspondente ao setor censitário, a coluna seguinte o bairro ou rua, (isto é) localidade como conhecida pelos cidadãos portalegrenses. O local de ação do projeto, está situado no setor 3 censitário, caracterizado como Zona Rural (Figura 11) e nas localidades entre Sítio Retiro e Comunidade do Sítio Bom Sucesso (Tabela 2).

Tabela 2: Subdivisão territorial de Portalegre por setores censitários.

SETOR CENSITÁRIO	LOCALIDADE (Comunidade, Bairro, nome de rua ou Sítio)
1	Centro, Brejo, Avenida Ana Nunes do Rêgo, Comunidade da Rua Nova (Praça do Caju)
8	Centro, Mata da Bica

2	Centro comercial, Acesso ao Sítio Pelo Sinal
9	Bairro da Cohab, Bairro Carrapicho, Acesso ao Sítio Pelo Sinal, Acesso a Zona Rural da Baixa Grande.
3	Cachoeira do Pinga, Brejo, Mirante da Ponta da Serra, Sítio Pelo Sinal, Sítio São Bento, Acesso ao Riacho da Forquilha, Sítio Retiro, Sítio China, Comunidade do Sítio Bom Sucesso, Sítio Belo Monte, Sítio Santa Tereza, Quilombo do Arrojado.
7	Quilombo do Sítio Pêga, Sítio São Tomás, Comunidade do Sítio Pimenta, Sítio Jenipapeiro, Sítio Bom Jardim. Cachoeira do Talhado.
6	Sítio Estrondo, Sítio Chapada, Comunidade do Assentamento São Francisco, Sítio Serrinha
4	Bairro Varandas das Serras, Sítio Pelo Sinal Sítio Lajes, Comunidade do Sítio Baixa Grande.
5	Quilombo do Sítio Lajes, Sítio Chã de Vila, Quilombo do Sítio Sobrado, Sítio Mata, Sítio Baixa Grande
10	Sítio da Pedra Roxa, Comunidade do Sítio Baixa Grande, Sítio Sobrado, Acesso a Comunidade Jacu

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A área do projeto está localizada em uma das abas da serra¹² de Portalegre, voltada para a posição Leste (Nascente) e situada a uma altitude que varia entre de 606-642 metros em relação ao nível do mar.

Vale ressaltar a significância de cada localidade mencionada, uma vez que estas carregam consigo fatores ecológicos, culturais e históricos significativos, incluindo o enraizamento de famílias e, sobretudo comunidades quilombolas, que apenas recentemente receberam reconhecimento âmbito estadual. Em conformidade, a particular característica de Portalegre verifica-se o número de eleitorado na Zona Rural, que ultrapassa 45% do eleitorado total do município. Destacando-se as populações das comunidades dos Sítios Baixa e Sítio Bom Sucesso.

¹² Termo culturalmente utilizado para designar zona ou faixa que se delimita com um dos lados de uma elevação do solo de uma montanha ou morro, na geografia pode ser chamada de face vertente.

Figura 12: Conhecendo a área.



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Na figura 12, é possível observar no entorno áreas onde vegetação nativa foi eliminada, e a presença de poucas massas edificadas. A estrada que dá acesso à gleba passa por dois dos principais mirantes da cidade (entre eles, o Mirante Recanto Alto da Serra), onde é possível perceber um crescimento recente em edificações com alta relevância socioeconômica se comparada com o perfil das construções majoritárias do município.

Figura 13: Recorte espacial da área de intervenção



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

O recorte espacial (ver Figura 13), foi definido por meio dos limites da poligonal da gleba em questão com área aproximada de 3,410m². Para a implantação do equipamento seguem as coordenadas geográficas no padrão UTM (Universal Transverse de Mercator), onde são descritas pelos pontos: A (Latitude 6°0'10.02" S e Longitude 38°00'3.63" O) B(Latitude 6°0'12.19" e Longitude 38°00'3.96" O) C(Latitude 6°0'14.01" S e Longitude 38°00'3.93" O) D(Latitude 6°0'11.08" S e Longitude 38°00'3.29" O) E(Latitude 6°0'13.02" S e Longitude 38°00'5.78" O) e F(Latitude 6°0'11.89" S e Longitude 38°00'7.46" O).

2.2. Definição dos Métodos:

Na intenção de alcançar os objetivos para a esta pesquisa voltada à arquitetura e às técnicas tectônicas, recorreu-se a pesquisas bibliográficas relacionadas ao trabalho em questão. Em virtude disso, apresenta-se a utilização em um primeiro momento de fontes primárias, como leis nacionais, bases cartográficas, assim como, levantamento *in loco*, e dados de ordem empírica sobre o entorno e as questões municipais. Num segundo momento, as fontes secundárias que se debruçam na leitura de livros, sites oficiais, repositórios, TCC's com abordagens semelhantes, além de evidenciar os estudos de caso e os métodos de projetos urbanos.

2.3. Fontes Teóricas Metodológicas:

Inicialmente as fontes partiram da aplicação do método indutivo uma vez que parte-se da análise de dados particulares para aplicações específicas como cita as autores: Lakatos e Marconi (2003). Por meio, dessa abordagem metodológica, as autoras evidenciam os métodos científicos para sistematização do pensamento crítico, permitindo alcançar os objetivos da pesquisa, não há ciência sem o emprego dos métodos científicos¹³.

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constantes, infere-se uma verdade geralmente universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (Lakatos e Marconi, 2010, p.86).

Segundo Lakatos e Marconi (2010), a forma indutiva de análise considera três importantes elementos, sendo eles: a observação dos fenômenos, a descoberta das relações entre eles e generalização das relações. Na primeira etapa, deve-se observar os fenômenos existentes na área estudada, para identificar as preexistências e assim constatar as circunstâncias de sua manifestação.

¹³ LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos De Metodologia Científica - 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003. p. 83.

Em seguida, classificam-se as ocorrências similares, por meio de uma associação entre as relações, chegando a uma classificação produzida por meio de observação generalizada.

2.4. Fontes Empíricas Metodológicas:

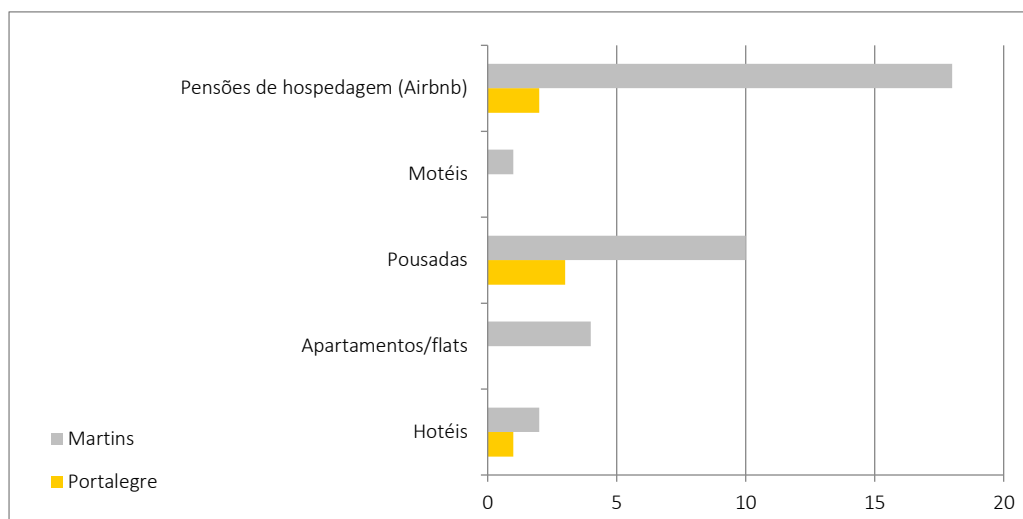
Assim como as fontes teóricas, foram realizadas, *in loco*, as análises de entorno e de impacto ambiental, com levantamentos físicos. Dessa forma para elaboração da proposta de instalação do equipamento de hospedagem a vetorização da área se utilizou de *softwares* como QGIS (anteriormente conhecido como Quantum GIS), *AutoCAD*®, *Sketchup*™, *Lumion*® e *Photoshop*™. Além disso, visando trazer dados para elaboração do projeto, os registros fotográficos foram realizados de forma aérea com o auxílio de um drone e com câmera fotográfica, adotando altura padrão de um metro e cinquenta centímetros (1,50 m); a coleta de dados bioclimáticos realizada por meio da estação meteorológica da UFERSA no Centro Multidisciplinar de Pau dos Ferros.

2.4.1. Levantamento e Pesquisa de Serviços de Hospedagem (PSH):

Tal estudo foi elaborado como base a Pesquisa de Serviços e Hospedagem (PSH) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2016 em parceria com o Ministério do Turismo, que teve por objetivos identificar os tipos e categorias de estabelecimentos desse segmento e mensurar o número de unidades habitacionais e leitos existentes, fornecendo, assim, um quadro atualizado da capacidade de hospedagem disponível para os municípios de Portalegre e Martins no Rio Grande do Norte. (Gráfico 1).

Dessa forma, mediante a visita nos estabelecimentos de hospedagem comercial da cidade de Portalegre, foram elaboradas perguntas aos proprietários sobre a quantidade e qualidade dos serviços oferecidos. Para avaliar o contexto situacional do município sob a perspectiva dos próprios proprietários considerou questões no intuito de estudar as dinâmicas turísticas regionais de Portalegre para melhor dimensionar o projeto em questão. A primeira pergunta buscou caracterizar o estabelecimento. A segunda, sobre o número de hospedagem do empreendimento. A terceira sobre o número de leitos, considerando a declaração dos proprietários dos respectivos estabelecimentos.

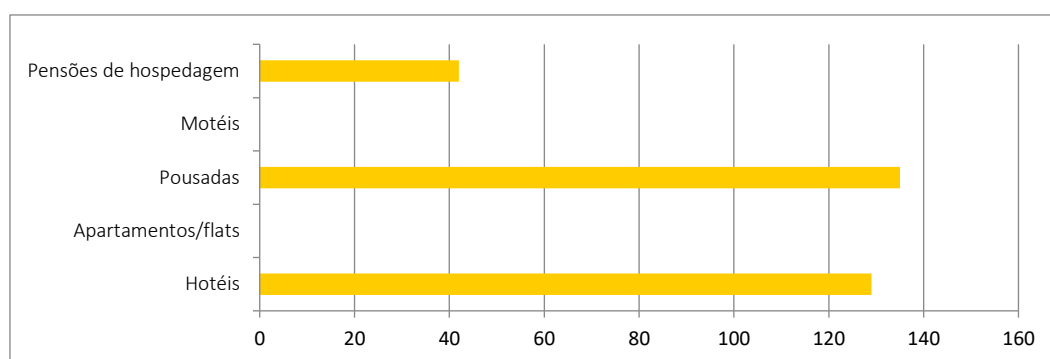
Gráfico 1: Número de estabelecimentos de hospedagem por tipo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Sob uma análise comparativa, Martins oferece mais estabelecimentos de hospedagem, além da gestão municipal favorecer a dinâmica turística do município. Com base nisso, a serra de Portalegre carece de infraestrutura, sobretudo nos serviços de hospedagem e lazer. Apesar das várias formas de acomodações, se encontra várias limitações. A cidade conta com apenas três pousadas contabilizando um total de 306 leitos (Ver gráfico 2). Verifica-se, portanto, sob uma perspectiva comparativa entre o número de visitantes e o número de acomodações uma latente demanda por equipamentos de hospedagem no município. Além disso, alguns destes equipamentos tendem a ser convencionais e com baixa classificação hoteleira, parâmetro utilizado como referencial informativo na busca dos turistas.

Gráfico 2: Número de leitos por hospedagem por tipo



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Vale ressaltar, que o impacto negativo que a cidade sofreu ao longo dos anos, sobretudo após a desativação do principal veículo articulador prestador destes serviços — o Hotel Portal da Serra, (Figura 13) que promoveu durante anos para as populações locais e visitantes uma boa

arquitetura e serviços de gastronomia, lazer e hospedagem. Atualmente a edificação encontra-se à venda no valor de nove milhões de reais (R\$ 9.000,000,00) e contempla 43 dormitórios sendo 43 suítes com 47 banheiros entre social e privado, numa área de 40.000,00 hectares total e 3.000,00 m² de área construída.

Figura 14: Entrada do Hotel Portal da Serra.



Fonte: Levantamento fotográfico (2023)

Diante desse aspecto visual da vegetação existente, percebe-se o avanço sobre o complexo edificado, tornando necessária a manutenção. O projeto, portanto, deve partir do conhecimento das espécies e tipos vegetais de árvores, arbustos, trepadeiras, ervas. No local foi possível perceber que algumas dessas espécies estão comprometidas com doenças e pragas, além de estarem invadindo espaços de circulação, bem como de ambientes de permanência (salões, áreas de lazer e dormitórios). Essa condicionante faz com que a estrutura se debilite rapidamente e a deixa com aspecto de abandono.

Figura 15: Vista aérea do Hotel Portal da Serra.



Fonte: Levantamento fotográfico (2023)

A cidade recebe visitantes durante todo o ano, especialmente nos períodos de alta estação como o Retiro Evangélico durante o carnaval, São João e nos meses da temporada fria. Verifica-se, portanto, sob uma perspectiva comparativa entre o número de visitantes e o número de acomodações uma latente demanda por equipamentos de hospedagem no município. Além disso, alguns desses equipamentos tendem a ser convencionais e com baixa classificação hoteleira, parâmetro utilizado como referencial informativo na busca dos turistas. Por conta disso, a cidade acaba se caracterizando como local apenas de passagem por turistas que optam por subir a Serra de Martins a 45 km de distância.

2.4.2 Levantamento físico:

O levantamento físico da gleba e seu entorno, foi realizado por meio de uma trena com fibra de vidro e manivela com comprimento de cinquenta metros (50m) ao mesmo tempo foram conferidas as paisagens naturais, caminhos existentes no local e seu entorno, onde foi possível observar a expansão do município com construções em andamento e outras já edificadas. O levantamento ocorreu no dia 30 de agosto de 2023, durante o período das 09:00 horas às 11:20hrs; logo depois foi transferido para o software *AutoCAD*®.

2.4.3. Levantamento fotográfico:

As imagens foram capturadas de duas formas, aérea e na altura dos olhos (i.e escala humana), utilizando máquina fotográfica e aeronave não tripulada (Drone). Tal levantamento teve todo um planejamento técnico, especialmente por conta do manuseio das ferramentas. O local compreende uma área de pouco mais de 3400m². Iniciou com planejamento do voo mediante ao uso do aplicativo *DJI-fly* onde foi realizado no dia 02 de agosto de 2023, a (65m) de altura em relação ao solo e próximo aos (700m) ao nível do mar. Destaca-se a importância para que o levantamento ocorresse em condições ideais de céu limpo e baixo nível de sombreamento.

A sondagem das fotos ao nível dos olhos teve como premissa a captura dos pontos: A, B, C, D, E e F (Tabela 1) a um metro e cinquenta centímetros (1,50) de altura com relação ao solo no dia 30 de agosto de 2023, durante o período das 09:00 horas às 11:20 hrs. Por fim, vale destacar que os pontos E e F se mostram quase idênticos pela proximidade entre eles, portanto a visualização se mantém a mesma.

Tabela 3: Levantamento na altura dos olhos.

PONTO A	PONTO B	PONTO C
		
PONTO D	PONTO E	PONTO F



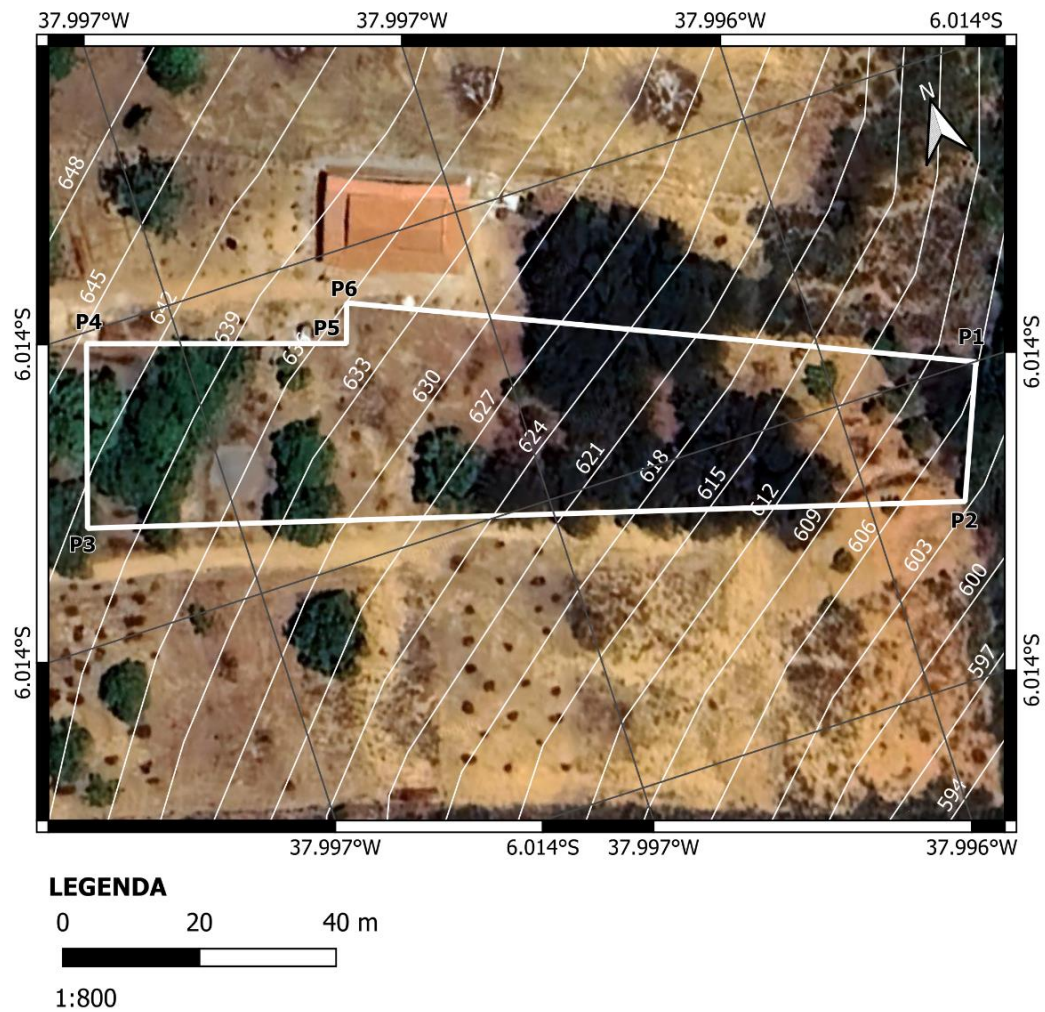
Fonte: Levantamento fotográfico (2023).

2.4.4. Dados topográficos

O levantamento topográfico teve como ponto de partida sua delimitação da área através do software *Google Earth*, onde só assim pôde ser exportado o arquivo gerado em formato *kml*. Em seguida, esses dados foram inseridos no software *Qgis* e *AutoCAD*, observando as curvas de nível para as tomadas de decisões projetuais (Figura 16). Outro fator determinante para o estudo da topografia procedeu-se com visita *in loco*. A observação da relação da gleba com o entorno imediato, abrangendo questões de acessibilidade e condicionantes climáticas e naturais da zona, bem como a existência de vegetações nativas e passíveis de preservação.

A vegetação pré-existente tem papel fundamental no estudo dos dados topográficos, pois ela garante as taxas de erosão do solo através da proteção ao impacto da chuva, diminuição da água disponível ao escoamento superficial, decréscimo da velocidade de escoamento superficial e aumento da capacidade de infiltração da água no solo por meio de suas raízes. Além da sua importância ambiental para o meio. Tal condição acarreta as decisões que deve considerar a permanência de algumas dessas espécies.

Figura 16: Curvas de níveis do terreno.



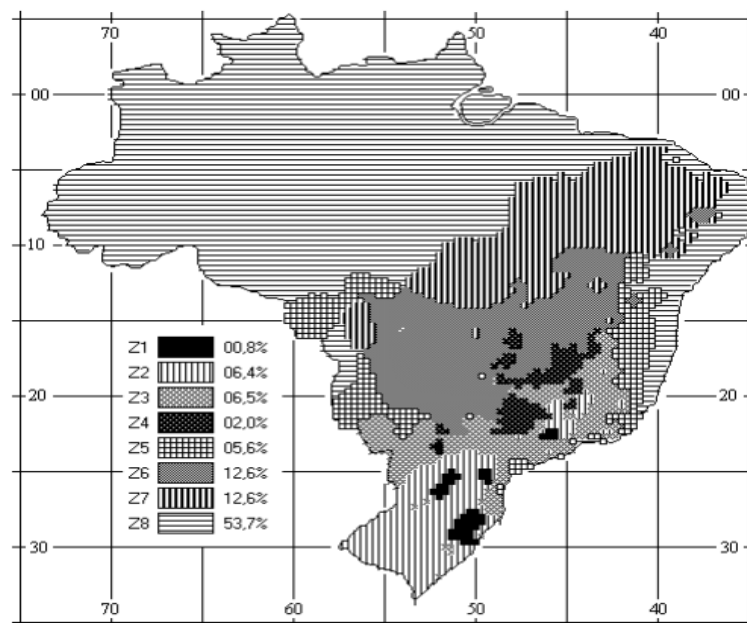
Fonte: Qgis, adaptado pelo Autor (2024).

2.4.5. Dados climáticos

A cidade apesar de conter clima mais ameno se comparada com outras cidades da região, ainda apresenta altos índices de incidência solar direta, especialmente nos períodos de estiagem (i.e na maior parte do ano) e por isso deve se atentar ao modo construtivo para que as edificações projetadas permitam um melhor conforto térmico e proteção da incidência solar, assim se tornando capaz equilibrar as variações de temperaturas entre o dia e a noite.

Por outro lado, o estudo dos dados e condições climáticas propõe uma análise da norma NBR 15220, referente ao zoneamento bioclimático, com soluções para evitar ou permitir uma maior incidência direta dos raios solares, a depender da zona no qual o projeto está inserido. Além disso, o estudo da carta solar e direção predominante dos ventos irão contribuir para as possibilidades de uso de iluminação e ventilação natural no estudo de elaboração das edificações.

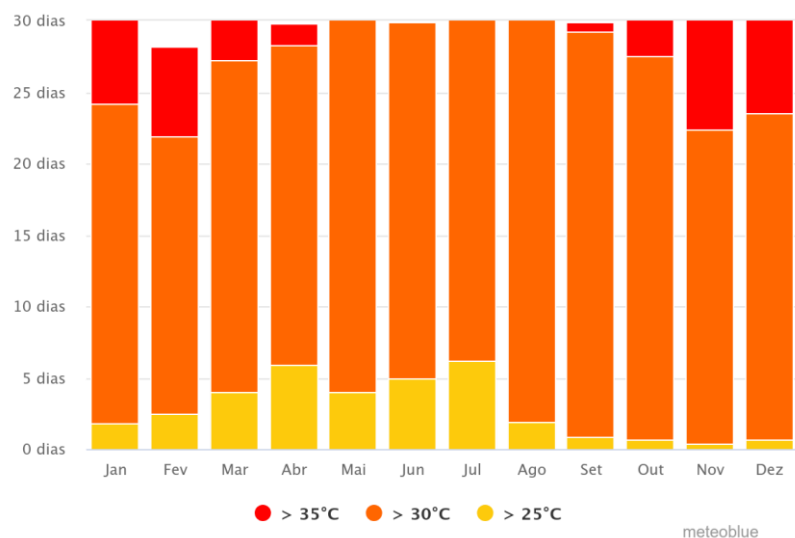
Figura 17: Zoneamento Bioclimático Brasileiro.



Fonte: NBR 15220

Em relação ao zoneamento bioclimático, analisado pela NBR 15220, na qual identifica as áreas e suas respectivas zonas bioclimáticas (Ver Figura 17 acima) neste caso, o município de Portalegre será inserido na Zona bioclimática 7, onde o clima semiárido tropical é quente e seco, com baixa umidade e alta radiação direta. Como ponto a ser destacado, Portalegre está situada a uma altitude onde o clima se torna mais ameno, dessa forma se coloca como adversidade projetual a NBR 15220. Pode-se observar pelo Gráfico 3, a temperatura durante todo ano se mantém acima dos 25 graus Celsius, havendo uma pequena variação entre as temperaturas médias medidas no bulbo seco e as medidas no bulbo úmido, isso significa uma menor umidade relativa do ar, principalmente entre os meses de setembro e dezembro, sendo novembro o mês com a maior quantidade de dias mais quentes.

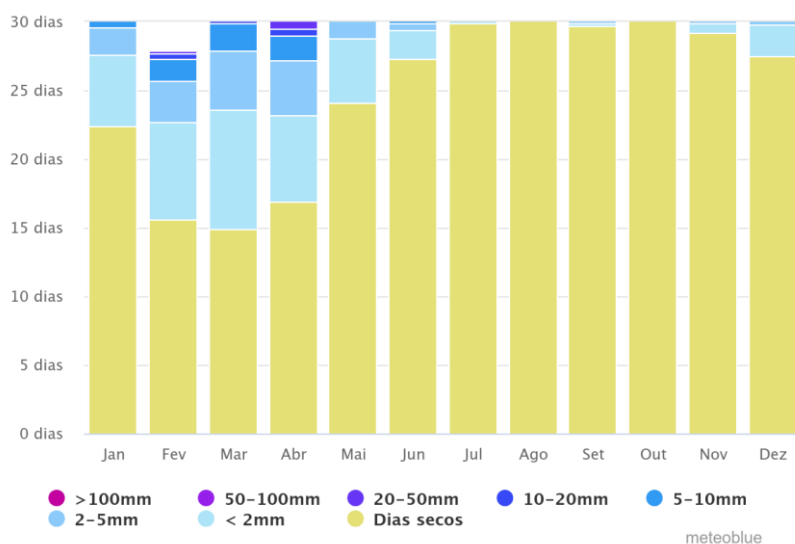
Gráfico 3: Temperatura máxima anual



Fonte: Meteoblue, adaptado pelo Autor (2024).

Referente a pluviosidade de Portalegre, constata-se pelo Gráfico 4 abaixo, o índice pluviométrico acentuado entre os meses de julho e outubro, tendo potencial para início das chuvas no mês de novembro até junho. Portanto, a média anual se mantém abaixo dos 300mm.

Gráfico 4: Quantidade de precipitação.

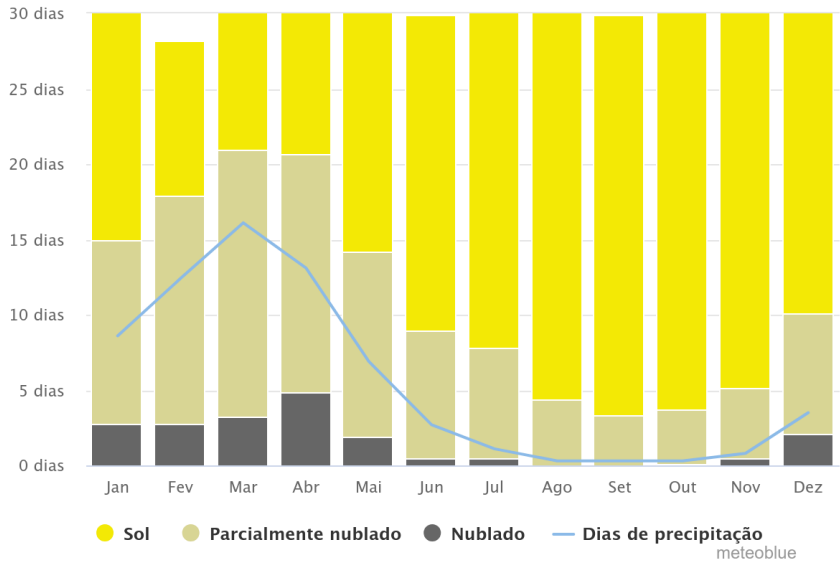


Fonte: Meteoblue, adaptado pelo Autor (2024).

No que diz a respeito aos céus, o Gráfico 5 evidencia o número mensal de dias de sol, parcialmente nublados e de precipitação. Dias com menos de 20% de cobertura de nuvens são considerados como dias de sol, com 20-80% de cobertura de nuvens como parcialmente nublados e com mais de 80% como nublados. Portanto, pode-se observar que a cidade passa por dias

parcialmente nublados especialmente nos períodos chuvosos, como no caso para os meses de fevereiro, março e abril.

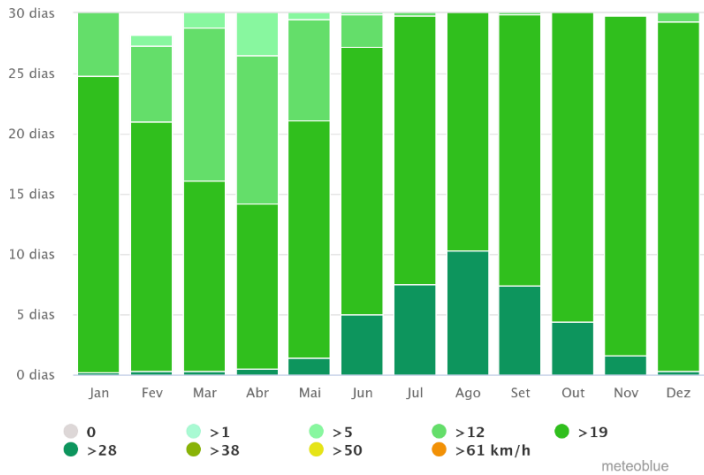
Gráfico 5: Céu nublado, sol e dias de precipitação



Fonte: Meteoblue, adaptado pelo Autor (2024).

Em relação à análise de ventos predominantes, durante o levantamento físico do terreno in loco na área de implantação do projeto, avaliou-se o sentido dos ventos para que na fase de planejamento houvesse estratégias para a captação da ventilação natural, sem que fosse necessário a utilização de ar-condicionado. Com isso o Gráfico 6, contata que os ventos predominantes são oriundos da direção nordeste, e de modo geral os ventos não ultrapassam a velocidade máxima de 30m/s. Com maior frequência, ventos entre 12 e 19m/s. Sendo o mês de agosto, os dias com maiores velocidades de ventos.

Gráfico 6: Velocidade dos ventos.



Fonte: Meteoblue, adaptado pelo Autor (2024).

É importante ressaltar, que a chuva acompanha o sentido dos ventos, para isso o projeto deve se atentar para elementos impedidores da penetração dela e da proteção das paredes, como exemplo os beirais do telhado de 60cm, bem com o posicionamento das varandas e das aberturas contrárias ao sentido da chuva, esses são algumas das opções empregadas

Portanto, os dados obtidos pela plataforma Meteoblue constata que entre os meses com maiores índices de temperatura estão os meses de setembro a dezembro, sendo observado que novembro é o que apresenta os maiores índices. Avaliando o período entre os meses com temperaturas mais amenas estão os meses de março a julho, onde apenas o mês de julho encontra as menores temperatura anual.

2.4.6. Dados Institucionais: Leis nacionais e municipais.

Diante dessa perspectiva, para a sustentação legal, recorre-se a alguns documentos normativos que fornecem decisões projetuais dentro da legalidade construtiva, para isso, o documento inicial do Código de Obras do Município de Portalegre, assim da norma NBR-9050/2020, que trata sobre as questões de acessibilidade, além do Código de Postura (Lei complementar N°. 007/2017) que visa entre outros a o funcionamento de estabelecimentos comerciais, industriais e prestadores de serviços. Além do Plano Diretor Municipal de Pau dos Ferros/RN, que se encontra no raio de influência para os pequenos municípios do semi-árido entre os estados da Paraíba, Ceará e Rio grande do Norte. Com isso, a Tabela 4 lança luz esclarecimentos gerais para a categoria do projeto abordado pela pesquisa.

Tabela 4: Esclarecimentos sobre o Plano Diretor de Pau dos Ferros/RN.

ESCLARECIMENTO	DIRETRIZ ESTABELECIDADA
Percentual de permeabilidade mínima	20%
Taxa de ocupação máxima	80%
Coefficiente de aproveitamento	1,2%
Gabarito máximo	21 pavimentos
Recuos	Frontal = 3 m Lateral = 1,5 m Fundos = 1,5 m
Passeios públicos	1,5 m
Vagas de estacionamento	5% da área total construída *considerar pelo menos uma vaga para prioridade para essa porcentagem

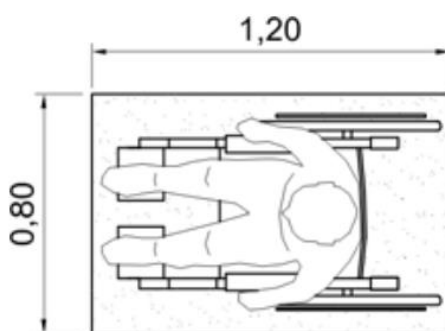
Fonte: Plano Diretor de Pau dos Ferros (2021), adaptado pelo autor (2024).

O plano diretor de Pau dos Ferros recomenda recuos com dimensões que podem variar conforme a altura de cada pavimento, para o projeto elaborado as edificações presentes terão 3,00 metros, portanto foram estabelecidas as diretrizes conforme a tabela acima. Vale ressaltar o

importante papel no documento em garantir desmembramentos do solo na cidade, respeitando as relações existentes e consolidadas na malha urbana e rural. Por isso, a implantação do produto final (equipamento de hospedagem) deriva de aspectos legais que auxiliam na compressão para o uso adequado do solo como a computação de vagas de estacionamento, recuos, percentual de permeabilidade e a taxa de ocupação.

Outrossim, a NBR 9050, elaborada pela ABNT, visa estabelecer critérios e parâmetros técnicos a serem observados no projeto, construção, instalação e reforma de edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos para adequação às condições de acessibilidade. Assim, visa garantir a acessibilidade de todas as pessoas em todas as áreas, independentemente da dimensão, peso e condições de mobilidade. Com isso, o projeto prevê áreas e pontos de acesso com sinalização adequada para proporcionar plenas condições de mobilidade a todos. A NBR redireciona a escala humana para o Módulo de referência (M.R.), área de circulação de manobra; largura ideal para a circulação de pessoas cadeirantes em funcionamento de forma plena no espaço, (Figura 19).

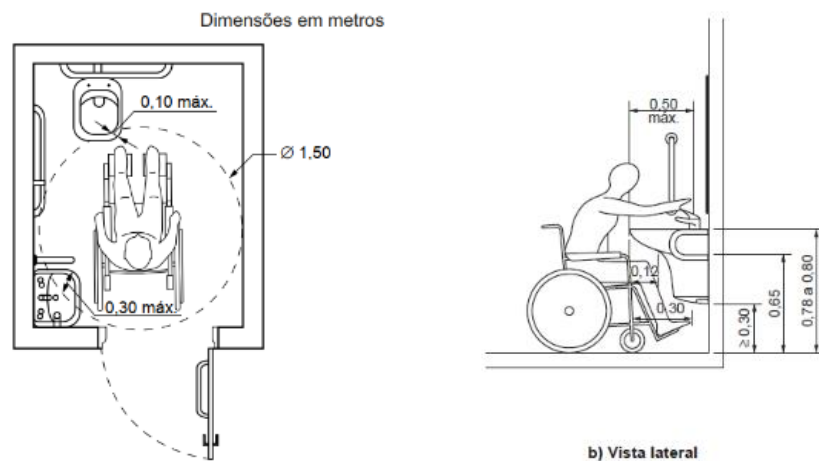
Figura 18: Módulo de referência. (M.R.).



Fonte: NBR 9050, consultada pelo autor (2023)

Mediante aos parâmetros de medidas, destacam-se os banheiros acessíveis que devem possuir layout para a circulação e o giro de 360° (Figura 19), bem como os lavatórios acessíveis respeitando altura de 0,72 m a 0,80 m.

Figura 19: Banheiros acessíveis, segundo a NBR 9050



Fonte: NBR 9050, consultada pelo autor (2023).

Dessa forma, os parâmetros de índices urbanísticos gerais do Plano Diretor de Pau dos Ferros vistos na Tabela 4 também são verificados no memorial descritivo do projeto. Vale pontuar as vagas para PCD no estacionamento de visitantes e circulação com largura mínima de 1,5 metros.

3. REFERENCIAL PROJETUAL:

Nesse capítulo serão apresentados 2 estudos de referência que tiveram relevância na concepção do projeto e trouxe contribuições técnicas e estéticas para o ambiente construído. A base metodológica está nos atributos naturais, na localização e qualidade desses espaços, priorizando sempre os materiais tradicionais e a visão ampla da região no qual o projeto será construído.

3.1. Chalé SBS / Silvia Acar Arquitetura

O primeiro dentre os estudos (Figura 20) está relacionado com a finalidade no qual o empreendimento foi concebido. Localizado na cidade de São Bento do Sapucaí, em São Paulo, o chalé projetado pelos arquitetos Gil Barbieri, RAWI Arquitetura e Silvia Acar Arquitetura compreende uma área de 48m² e situado no principal ponto turístico do município. O terreno se encontra no alto de uma montanha, com ampla visão da região.

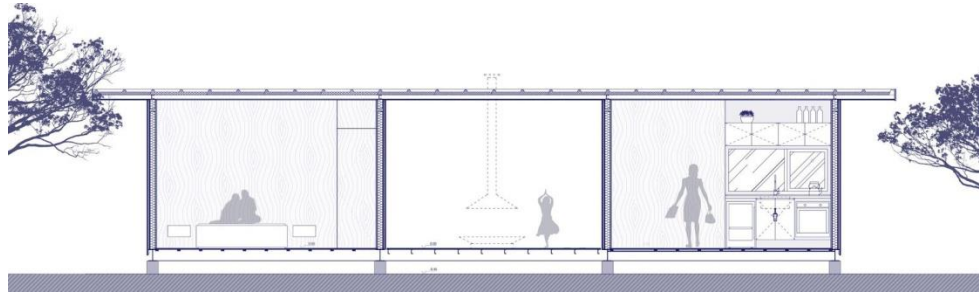
Figura 20: Exterior do Chalé SBS



Fonte: RAWI Arquitetura e Silvia Acar (2023)

Pode ser observado que no edifício foi utilizada uma telha de baixa inclinação na superfície cobertura (entre 10 a 15%), ou seja, dessa forma caso necessitasse a implantação de outras edificações de mesmo porte a cobertura não interferiria no visual para aqueles que estivessem localizados atrás, como no caso do projeto proposto, onde se tem uma topografia de alta declividade, a melhor solução para que todas as edificações presentes possam desfrutar da força do lugar.

Figura 21: Planta de corte



Fonte: RAWI Arquitetura e Silvia Acar (2023)

A proposta é composta por uma edificação com dois volumes de dimensões iguais sob uma cobertura de uma água, no entanto com layouts diferentes. Ligados por uma varanda que se prolonga na direção do declive, é formado um mirante que leva o usuário para o horizonte contemplativo.

Figura 22: Planta de layout.



Fonte: RAWI Arquitetura e Silvia Acar (2023)

Neste sentido, como referência norteadora e o principal elemento que será utilizado na proposta se trata da procura imediata pelo horizonte que contempla uma representação espacial do infinito, no qual os arquitetos relacionam o ambiente construído com a natureza preexistente na região montanhosa da Pedra do Baú em São Bento do Sapucaí.

3.2. Casa do Chá Boa nova / Álvaro Siza Vieira

Os projetos assinados por Álvaro Siza tornaram-se uma referência no que diz respeito à relação entre a natureza e a construção. Identifica-se, de fato em seus edifícios uma sensibilidade em relação as técnicas de construção tradicional e ao espírito do lugar onde estão inseridos. A Casa do Chá Boa Nova foi um dos primeiros construídos pelo arquiteto português Álvaro Siza, localizada na Rua Sarmento Pimentel 600, na cidade portuária de Leça da Palmeira em Portugal.

Figura 23: Vista lateral da Casa do Chá Boa Nova.



Fonte: Arquiscopio.com (2013)

O projeto elaborado em 1958 teve sua obra concluída em 1963, instalada sobre as rochas do penhasco da costa de matosinhos, apenas dois metros em relação ao nível da água do mar. Assim como no primeiro estudo, Siza também se atenta para que o projeto tenha uma relação imediata com a paisagem natural na medida em que ele alternadamente esconde e revela o mar do Atlântico e a linha do horizonte. Evidencia, assim como em outros trabalhos anteriores do arquiteto, a diversidade de materiais é posta em jogo: paredes de alvenaria pintadas de branco, pilares de concreto aparente na fachada oeste, e um abundante uso da madeira “Afizelia” Africana vermelha como revestimento das paredes, tetos, molduras e mobiliário. Externamente, o revestimento dos beirais é feito de longas pranchas de madeira rematadas com lâminas de cobre. O telhado é uma laje de concreto coberto com telhas romanas vermelhas e internamente por um

forro suspenso de madeira. Estes materiais preservam as características das técnicas originárias da região, assim como no projeto proposto nesse trabalho.

Figura 24: Acesso ao edifício.



Fonte: Arquiscopio.com (2013)

Com isso, a arquitetura de Siza, considerada um exemplo do que Kenneth Frampton de regionalismo crítico; percebe-se de fato, nos edifícios um sentimento em relação às técnicas de construção tradicionais e ao espírito do lugar onde estão inseridos. A hipersensibilidade é ponto forte para utilização desta referência na proposta de projeto, visto que se considera a qualidade para uma obra arquitetônica como sendo a legitimidade da experiência humana nos espaços projetados sintetizados com a relação ao lugar onde se encontra, privilegiando o trabalho com elementos de linguagem da tradição local de materiais predominantes na região.

Figura 25: Saída do edifício para as rochas existentes no local



Fonte: Arquiscopio.com (2013)

3.3. Pousada Lajedo da Serra

Outro estudo que contribuiu para o processo de desenvolvimento projetual, refere-se a Pousada Lajedo, localizada na serra de São Bento, no Rio Grande do Norte, (Figura 26). A empresária recorre a fração imobiliária, com a tipologia de chalés e bangalôs distribuídos na região do Complexo Pedra da Boca entre a divisa dos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte. Pode ser observado, a utilização de materiais naturais, como madeira, pedra, porcelanatos especiais e peças de antiquário. É composto por uma suíte, varanda em deck, banheiro privativo. Dessa maneira a construção dialoga com o entorno de forma a não impactar visualmente a paisagem, independentemente da volumetria arquitetônica empregada.

Figura 26: Fachada de uma das habitações da Pousada Lajedo



Fonte: Pousadalajedo.weebly.com

O projeto tem início em 2008, quando a empresária conhece a Serra de São Bento e decide investir em uma propriedade no local apenas para uso pessoal. Logo mais tarde, atenta aos investimentos com o turismo na região, desenvolve mais edificações para hospedagem. A Lajedo, oferece dois chalés e três bangalôs atualmente, totalizando 15 leitos. A ideia é construir, ainda dois chalés e um bangalô estilo marroquino, além de uma área social. Vale destacar a questão da implantação das edificações na topografia natural do terreno, fazendo com que o projeto adquira um conceito que respeite as condições inerentes do espaço, gerando um certo sentimentalismo, ao mesmo tempo que se relaciona com o lugar (ver Figura). Tal iniciativa, de forma intuitiva, recorda por exemplo aquilo que foi visto anteriormente no relato do projeto de Álvaro Siza.

Figura 27: Vista com implantação dos chalés Lajedo da Serra



Fonte: Pousadalajedo.weebly.com

Figura 28: Complexo Pedra da Boca, Parque Estadual da Paraíba.



Fonte: Pousadalajedo.weebly.com

Outra questão que pode ser observada, que contempla o estudo de referência como elemento de análise, trata-se do turismo municipal que ocorre Serra de São Bento. Neste sentido, verifica-se o mesmo contexto, como exemplo para as paisagens serranas e um turismo voltado para o interior do Rio Grande do Norte, que por sua vez não é explorado em Portalegre. Sendo assim, a empresária utiliza os potenciais turísticos naturais da região, como forma de atrair visitantes. Por consequência, consegue diversificar os atrativos oferecidos no estado.

4. PORTALEGRE DO BRASIL: CONSTRUINDO A ESFERA DE ANÁLISE

Este capítulo compõe informações acerca do contexto histórico e contemporâneo de Portalegre, revelando seus aspectos socioeconômicos e de formação territorial de vila e cidade. Nessa parte, delimita-se a esfera de estudo com sua influência turística regional, bem como introduz o leitor às questões tratadas de forma a compreender como se deu o desenvolvimento do lugar.

4.1. Contexto, formação da cidade e contemporaneidade.

A cidade de Portalegre localizada no Rio Grande do Norte, na região do “Alto Oeste Potiguar”, possui um importante valor histórico-cultural por ser uma das primeiras vilas fundadas no estado, no ano de 1761, ainda no período colonial. O município possui no seu arcabouço histórico respostas acerca da sua configuração espacial e urbana para o processo de formação territorial. Além disso, revela particularidades no campo da historiografia para o entendimento de como surgiram os primeiros assentamentos e/ou núcleos de povoações, através do desbravamento de povos oriundos da região e por meio da expansão dos currais de gados.

Foi descoberta pelo paraibano Manoel Nogueira Ferreira¹⁴ ainda no final do século XVII, adepto à procura de um local tranquilo, longe do “prejuízo” que os índios Paiacus vinham causando nas terras limítrofes. Deslumbrado pela riqueza de água existente, Manuel Nogueira prontamente instalou dormentes de madeira delimitando uma faixa de terra, que mais tarde fora intitulada como Serra dos Dormentes, em seguida Serra de Sant’Ana. Depois da morte dos descendentes do desbravador Manuel Nogueira, houve um abandono nas terras, talvez pelas longas estiagens, talvez pelas disputas de posseiros, ou talvez pela revolta indígena. O fato é que as terras, não mais utilizadas, entre os anos de 1715-1750 voltaram a pertencer ao patrimônio do Rei de Portugal, sendo conhecida como Serra do Regente. Esses aspectos são comentados pelo pesquisador José Jácome Barreto, (s.d.) em seu livro “Portalegre: História e Contemporaneidade”, editado com o apoio de materiais cedidos pela Prefeitura de Portalegre.

Historicamente, a região onde o município de Portalegre se localiza mescla influências dos nativos da terra, os índios Tapuias Paiacu, portugueses, populações africanas escravizadas¹⁵ durante

¹⁴ Descendente de Portugueses, nascido em 05 de maio 1655. Foi um dos primeiros desbravadores da região oeste do Rio Grande do Norte, penetrando pelo sul da província, para implantar os fundamentos iniciais da economia agrícola e pastoril. Abrindo estradas, plantando, criando gado, construindo e implantando as primeiras vias de comunicação. Em Portalegre, no ano de 1684, querendo firmar posse simbólica, fincou dormentes na Serra do Apodi, que mais tarde ficou conhecida como Serra dos Dormentes, em alusão aos marcos lenhosos.

¹⁵ Portalegre conta com a presença dos remanescentes de quilombos do estado do Rio Grande do Norte, especialmente na zona rural do município, nas comunidades dos sítios Pêga, Arrojado/Engenho Novo, Lajes e Sobrado.

o ciclo do gado e da agricultura, características típicas dos demais municípios do oeste potiguar, como também da região do Nordeste brasileiro nessa época (o século XVIII). Esse processo foi marcado pela inserção das primeiras fazendas de gado e currais para rebanhos no sertão. Júnior (2008) explica, costumeiramente, chamavam-se os Tapuias aqueles que habitavam o interior (abrangendo desde a margem oeste do Rio São Francisco, na Bahia, até os sertões de vários estados nordestinos). Eram compostos por diversas tribos, tais como: os Javó, Paiacu, Jenipapo, Canindé, Sucuru, Pega, Panati, Caratiú¹⁶.

A fundação da Vila de Portalegre aconteceu apenas no ano de 1761, sob idade do Juiz Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco, que conduziu mais de setenta famílias paiacus, aldeadas no apodi, a pedido dos seus moradores prejudicados pela desordem causada pelos índios. Por influência de seus antepassados e da toponímia portuguesa, transplantada para grande número de cidades brasileiras, se homenageia a cidade alentejana¹⁷ de Portalegre de Portugal. Nesse mesmo contexto, no ano de 1765 após as Visitas Pastorais e sob ordem do primeiro Vigário da nova Freguesia, foi solicitada em nome da comunidade a autorização para construção da nova igreja matriz. Quando as terras foram descobertas e ocupadas pelo paraibano Nogueira e sua família, estas já eram habitadas pelos indígenas. Após a inserção de outros povos, houve um período de lutas, resistências, perseguições e mortes. Apesar de que, de acordo com Lopes (2003, p. 267): “Ao que tudo indica, a relação entre esses colonos recém-chegados e os índios tapuias, não foram de inimizades”. Essa conjuntura se modificaria com o aumento das atividades coloniais e ocupação das terras.

Como em quase todas as cidades coloniais, a igreja católica exerceu uma grande influência na arquitetura e organização da formação das áreas urbanas. Teixeira (2009) comenta que o projeto inicial indicava uma clara hierarquia do espaço urbano, com as principais edificações situadas na praça, como as casas de Câmara e Cadeia e as residências da elite, todas localizadas próximas à Igreja. Com efeito, o município ganha seu projeto com desenho urbano ortogonal de formatos trapezoidais das quadras, ruas retilíneas, que desembocavam diretamente na praça central, encontrando-se nesta a igreja matriz, ocupando o centro geométrico da pequena urbe.

Figura 29: Centro urbano de Portalegre-RN em data não identificada.

¹⁶ Cf. JÚNIOR, Valdeci dos Santos. Os Índios Tapuias do Rio Grande do Norte. 1. Ed. Mossoró: Editora da UERN, 2008, 28 p

¹⁷ Alentejo é uma região do centro-sul de Portugal. Compreende integralmente os distritos de Portalegre, Évora e Beja e a metade sul do distrito de Setúbal e parte do distrito de Santarém, sendo assim a maior região de Portugal em termos de área.



Fonte: Enanpur, A. X. (2019).

A origem do nome Portalegre apresenta duas versões diferentes. De acordo com Barreto (1989, p. 20), o explorador Castelo Branco ao ver o admirável panorama que o topo da Serra proporcionava ao visitante teria dito: “É uma porta alegre!”. Dando continuidade à sua explanação, o autor suscita uma segunda hipótese:

A segunda, que nos parece mais aceitável e merecedora da fé e credibilidade, confirmada através da opinião de ilustres historiadores potiguares têm origem na forte e costumeira influência da toponímia Portuguesa transplantada para grande número de localidades brasileiras. No caso de Portalegre, teria sido uma homenagem do Juiz Castelo Branco à cidade alentejana de Portalegre onde seus antepassados tiveram grande vinculação e tradição genealógica. Também os aspectos geográficos da região onde se localiza a cidade portuguesa de igual nome, se assemelham em muitos pormenores [...] (Barreto, 1989, p.20).

O processo de formação das primeiras vias de articulação na cidade de Portalegre se deu a partir do início do século XIX, com desenvolvimento da produção e comércio. Portalegre desenvolve-se de forma orgânica com seu próprio sistema de vias de articulação territorial. A vila enfrentava dificuldades de transporte impostas pelas condições naturais: as tropas de animais, que conduziam as cargas, tinham que subir e descer a serra, a mais de 600 m de altitude, por caminhos de difícil trânsito, especialmente no período das chuvas.

Na época da colonização, a área da cidade se estendia de norte a sul entre as ribeiras do Apodi fazendo fronteira com a Paraíba. De leste a oeste, apresentava como limites as ribeiras de Campo Grande e Apanha Peixe – onde hoje é a cidade de Tabuleiro Grande, no RN – até as fronteiras do Ceará e da ribeira Jaguaribana, que se estendia até o fim dos limites das Capitâneas com o Ceará e Paraíba. Inicialmente, a vila possuía estradas que a ligavam às redes urbanas dos

territórios de outras províncias vizinhas do Nordeste (Paraíba e Ceará). As redes existentes entre a vila de Portalegre e os demais assentamentos da região serviam como pontos de troca e venda de animais, bem como os produtos produzidos. Entre os séculos XVIII e XIX ocorreu também o cultivo da cana de açúcar na região, o que também dinamizava os negócios dessa região nordestina.

A análise do mapa resultante do levantamento realizado pela Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IOCS) em 1910, sob direção dos engenheiros Horace E. Williams e Roderic Crandall, demonstra que não existiam estradas entre Portalegre e outros municípios, mas apenas um caminhamento que circundava a serra de Portalegre, o que demonstrava que seu acesso era bem arcaico no início do século XX. Esse foi um dos principais fatores para que Portalegre não se desenvolvesse tanto quanto as demais Vilas do estado. Por consequência disso, a cidade perdeu muita influência socioeconômica, ocasionando a emancipação de vários municípios de seu território¹⁸, além de perder a primazia econômica em virtude do desenvolvimento de outros núcleos de povoamentos, que eram estrategicamente mais bem situados nas vias de articulações dos caminhos de boi, como é o caso de Pau dos Ferros – RN, cidade vizinha e cujo território foi desmembrado de Portalegre em 1856, posteriormente elevada como cidade em 1930.

Figura 30: Antiga Casa de Câmara e Cadeia em 1999.



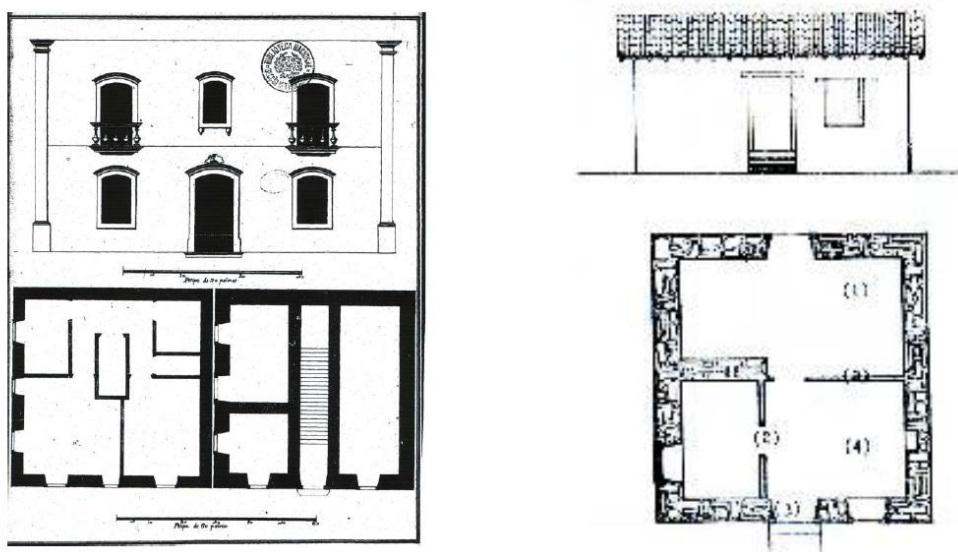
Fonte: Acervo Casa de Câmara e Cadeia.

A Casa de Câmara e Cadeira em Portalegre tombada pela Fundação José Augusto pelo seu importante valor histórico-cultural, especialmente que esses edifícios podem ser encontrados em poucas cidades no Estado do Rio Grande do Norte. Atualmente, abriga no seu interior o Museu

¹⁸ Martins-RN em 1841; Pau dos Ferros-RN em 1856; Viçosa-RN em 1963; Riacho da Cruz-RN em 1963; Tabuleiro Grande-RN em 1963; São Francisco do Oeste em 1967.

Municipal da cidade, Pinacoteca, Biblioteca e o espaço cultural Cantofa e Jandi. Sobre sua história não foi encontrado informações na documentação primária consultada, mas, ao que parece, seguiu o padrão das Casas de Câmara e Cadeia vigente no estado, como exemplo na planta da Casa de Câmara de São José do Mipibu.

Figura 25 – Plantas da Casa de Câmara e Cadeia da Vila de São José – 1762



Fonte: Lopes, Fátima M (2009).

Por fim, as condições naturais do território, entre outras adversidades, bem como o desenvolvimento econômico da província, ocasionaram o desmembramento contínuo de municípios do território portalegrense, que conta hoje com uma área territorial de 110 km². Apesar disso, foi uma das primeiras vilas do estado do Rio Grande do Norte e com isso clama seu imprescindível valor histórico-cultural, que sofre na escassez em estudos sobre o tema.

Figura 31: Casa de Câmara e Cadeia nos dias atuais



Fonte: Levantamento fotográfico (2024)

4.2 O turismo intermunicipal de Portalegre

O turismo como atividade econômica no estado do Rio Grande do Norte, percebe-se que esteve ligado durante sua evolução em sua maioria à Grande Natal, dando enfoque especial ao “Turismo de Sol e Praia” – segmento do turismo praticado nas regiões litorâneas. No entanto, é indiscutível a capacidade turística do estado, visto que existem paisagens diversificadas que variam de praias desertas até regiões de altitude formadas por serras, picos e montanhas.

Portalegre do Brasil apresenta um ecossistema diversificado e em períodos de estiagem, menores temperaturas. Tal área turística do estado se destaca por integrar uma geografia local marcada pela existência de serras, como é o caso do Polo Serrano do estado. Apesar da sua posição geografia mais distante da capital do estado, o município se vincula fortemente ao Turismo de Natureza, aspectos ligados à natureza como, vegetação, clima, relevo, hidrografia o que engloba atividades como ecoturismo, turismo de aventura, campismo, turismo educacional, entre outros tipos de experiências proporcionadas pelo turismo ao ar livre e alternativo.

Figura 32: Trilhas de Portalegre, o Mirante das Torres.

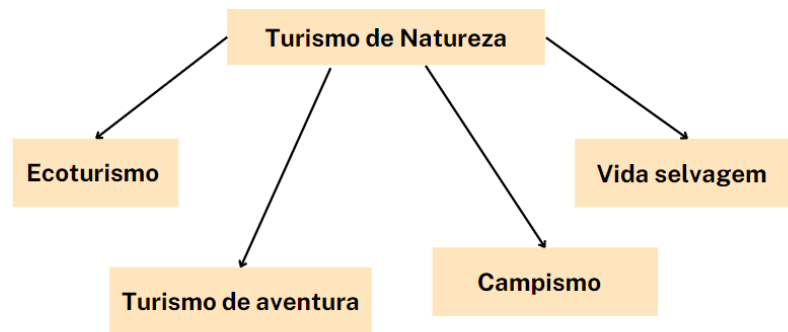


Fonte: Autor. (2024).

Assim sendo, é importante encontrar formas de promover a interiorização do turismo no Estado, uma vez que o Rio Grande do Norte dispõe de ambientes propícios para o desenvolvimento deste tipo de atividade. Vale ressaltar que a cidade de Portalegre, conforme Viana (2009) apresenta recursos potenciais que podem ser viabilizados economicamente como forma de diversificar os atrativos oferecidos a nível estadual, além de vir a dinamizar a economia local em um período compreendido pela baixa estação na região litorânea do estado, amenizando assim o antigo problema da sazonalidade.

Este turismo baseado na natureza é em muitos países uma componente chave da indústria turística. Neste âmbito, Eagles (2001) utilizando uma metodologia baseada nas motivações, reconhece pelo menos quatro nichos de mercado no turismo baseado na natureza: ecoturismo, turismo de aventura, vida selvagem e campismo (Figura 26). Porém, segundo esse mesmo autor, outros segmentos podem ser identificados. Estes nichos de mercado encontram-se em diferentes estágios no ciclo empresarial, encontrando-se o ecoturismo e o turismo de aventura num estágio ainda com um grande potencial de crescimento, o turismo relacionado com a vida selvagem num estágio em que já atingiu o máximo potencial de crescimento e o campismo num estágio em que já se encontra em declínio Eagles (2001).

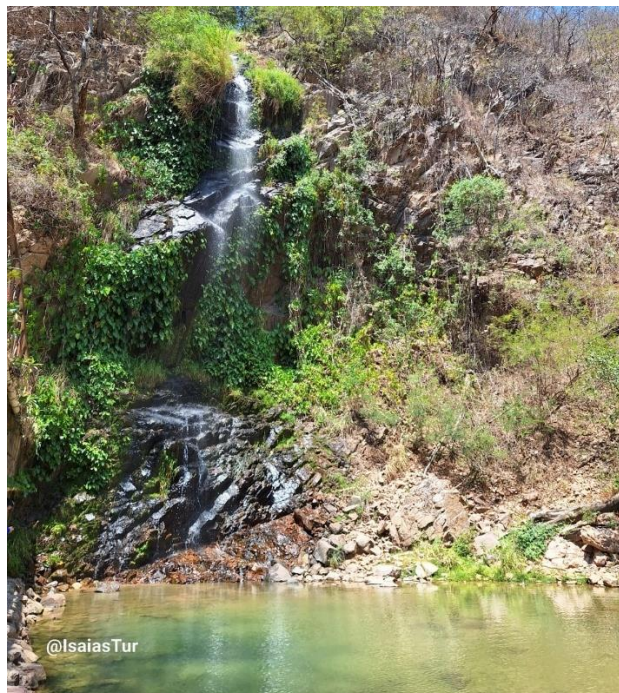
Figura 33: Nichos de mercado no turismo baseado na natureza.



Fonte: Eagles, 2001.

Portalegre conta com atrativos naturais (aqueles que proporcionam um contato imediato com a natureza) como a Cachoeira do Pinga, a Cachoeira do Talhado, a Fonte da Bica (inserida como Terminal Turístico da Bica), a Cova da Índia, o Lajedo Ponta da Serra, o Mirante das Torres, o Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro, onde são encontradas gravuras rupestres em baixo relevo, a Cova da Índia e uma profusão de outros locais e experiências que verifica-se.

Figura 34: Cachoeira do Pinga



Fonte: Fotografia de IsaiasTur (2024)

A Cachoeira do Pinga (Figura 30), reconhecida como a única cachoeira perene do estado do Rio Grande do Norte, está situada a 2,5 km do centro da cidade na descida da serra sentido ao município de Viçosa, ao lado direito da estrada. No local, observa-se uma placa que indica a trilha de aproximadamente 500 metros que conduz à cachoeira, onde foram construídas pontes de madeira para facilitar o acesso. A cachoeira tem cerca de 90 metros de altura por onde desce a água pura e cristalina. A fauna e a flora nativa, característica do Brejo de Altitude ou Floresta Serrana (proveniente da Mata Atlântica), com biodiversidade diferenciada da vegetação semi-árida que a cerca, oferecem atrativos para o ecoturismo, enquanto que as rochas (granitos) e a geomorfologia da área permitem a prática do geoturismo. O turismo de aventura pode ser praticado através do rapel, da escalada e do cachoeirismo, no entanto, é pertinente alertar o perigo ali existente para a prática desse segmento do turismo, em virtude da insegurança encontrada, já que ela é frágil e composta por rochas soltas.

Figura 35: Cachoeira do Talhado



Fonte: Fotografia de Victor Souza (2024)

Distante cerca de 12 km do centro da cidade, na direção oeste, próximo à localidade Bom Jardim e após longa caminhada por entre rochas, riachos e mata virgem, chega-se a Cachoeira do

Talhado (Figura 31), de onde pode se ver a região (no pé-da-serra) de Tabuleiro Grande/RN. Semelhante a Cachoeira do Pinga, o ecoturismo é contemplado através da descoberta de uma fauna e flora ímpar, apenas reconhecida na Floresta Serrana (ou Brejo de Altitude). As rochas associada ao relevo que permitem a formação da Cachoeira possibilita a prática do geoturismo. O turismo de aventura é outra atividade que pode ser praticada desde que bem planejada e com equipamentos seguros e pessoal devidamente capacitados (Viana, 2006).

A fonte da Bica, distante apenas 300m em linha reta para o centro da cidade (Figura 32) está inserida como Terminal Turístico da Bica. Composta por várias nascentes de água pura e cristalina que brotam naturalmente do solo. Durante muitos anos foi a principal fonte para a população da cidade, que por sua vez ainda conta com a coleta e uso deste recurso natural nos dias atuais.

Figura 36: Fonte de água pura e cristalina encontrada no Terminal Turístico



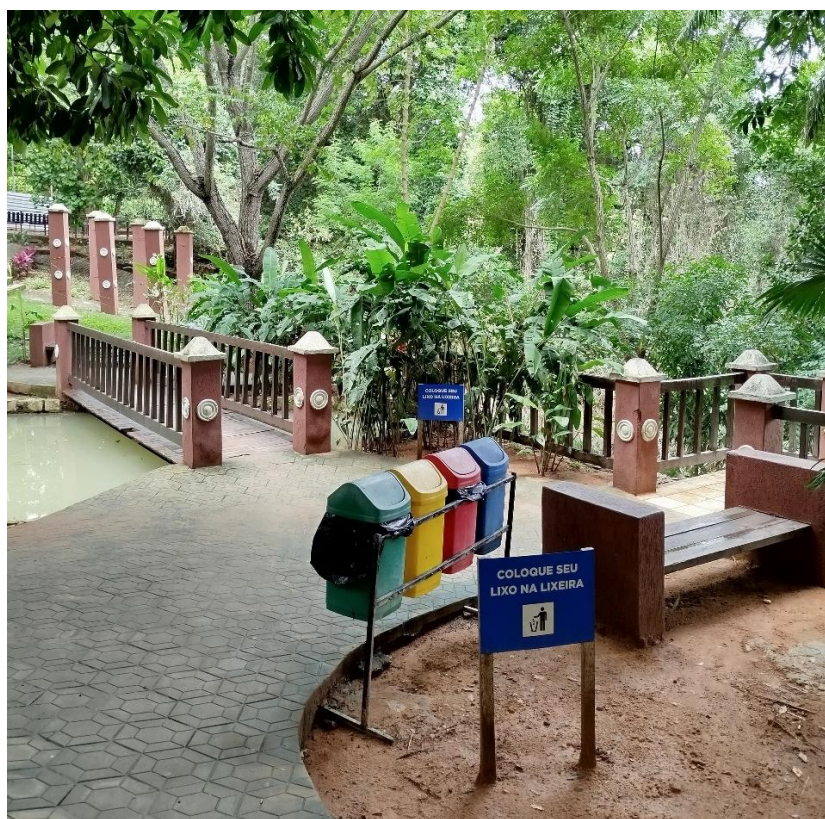
Fonte: Levantamento fotográfico (2024)

No local é possível a biodiversidade marcada pela fauna e flora do Brejo de Altitude¹⁹. A flora é bem identificada pelas inúmeras árvores e outros tipos de plantas e arbustos. As principais

¹⁹ As áreas que contêm o Brejo de Altitude referem-se a regiões específicas do Brasil, geralmente localizadas em estados como Pernambuco, Paraíba Rio Grande do Norte e possivelmente outros estados da região Nordeste, caracterizadas por sua altitude elevada, clima ameno e rica biodiversidade. Esse clima ameno é influenciado pela altitude da área, resultando em temperaturas mais baixas, contrastando com áreas circundantes, que possuem condições climáticas mais

árvores encontradas são: Timbaubeira, Ingazeira, Cajazeira, Eucalipto, Maria Preta Jabuticaba, Jambreiro-vermelho, Jatobazeira, Espinheiro, além das diversas espécies de palmeiras. A fauna conta com a presença de diversas espécies endêmicas, como aves migratórias, anfíbios como rãs e sapos, répteis como serpentes e lagartos, e alguns mamíferos como o sagui-da-serra (soin), o guaxinim, além dos macacos-pregos (*Cebus apella*). Essa ecorregião é reconhecida pela sua rica biodiversidade e pela importância na conservação da fauna e flora brasileira. A Bica conta com infraestrutura turística onde é possível verificar estacionamento, restaurante (atualmente em reforma), lixeiras coleta seletiva, placas de sinalização para o turista (ver Figura 33) e o banho de bica.

Figura 37: Infraestrutura encontrada no Terminal Turístico.



Fonte: Levantamento fotográfico (2024)

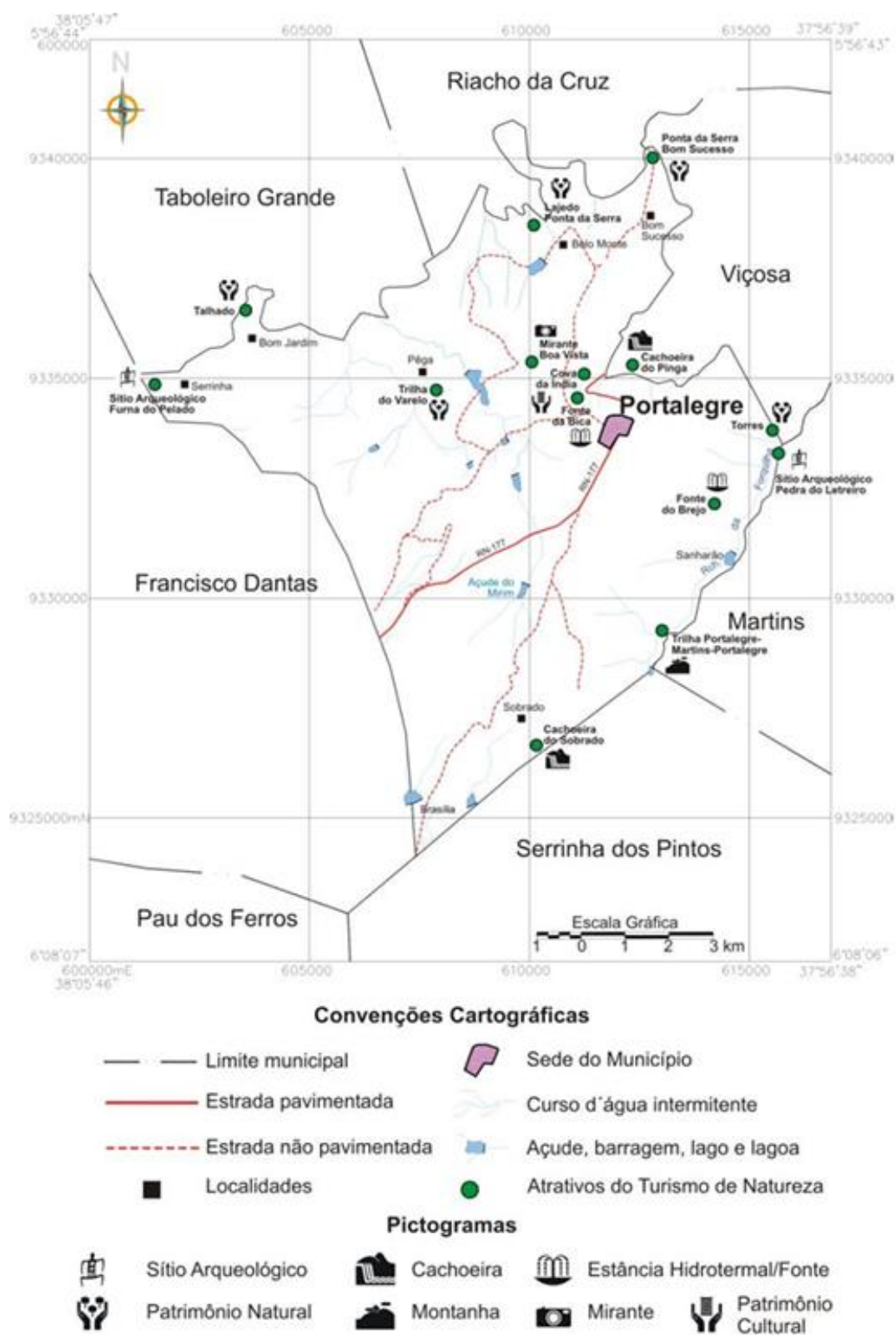
Além do ecoturismo, a área contempla atrativos históricos e culturais. Segundo uma lenda da cidade, este local foi palco do acontecimento que desencadeou a tradição lendária da índia Luíza Cantofa e sua neta Jandy, tal conto pode ser visto no subtópico seguinte.

secas. Os brejos de altitude são encontrados em áreas do Planalto da Borborema, Chapada do Araripe, Depressão Sertaneja Meridional, Serra da Ibiapaba e Maciço de Baturité. Portalegre é formada principalmente pelo Planalto da Borborema em transição com a Chapada do Apodi.

A Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente de Portalegre tem conhecimento do potencial turístico que o município tem com relação à natureza. As belezas naturais são as principais atrações encontradas, por exemplo, no folder promocional de turismo da Prefeitura. Porém, não adiante somente saber que existem tais belezas. A Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente de Portalegre tem conhecimento do potencial turístico que o município tem com relação à natureza. As belezas naturais são as principais atrações encontradas, por exemplo, no folder promocional de turismo da Prefeitura. É importante também compreender a relevância das belezas naturais e como podem se tornar produto turístico na concepção do turismo sustentável, permitindo assim que esses potenciais atendam às necessidades da geração atual sem comprometer os recursos naturais para a satisfação das gerações futuras (Viana, 2009).

Na pesquisa para a revista científica sobre “Turismo e Paisagens Cárnicas”, (Viana, 2009) no capítulo “O turismo de natureza como atrativo turístico do município de Portalegre, Rio Grande do Norte” elabora um mapa turístico para os atrativos do Turismo de Natureza encontrados na serra de Portalegre (ver Figura 38). Nele é possível observar todos os pontos turísticos citados neste trabalho, bem como um roteiro que abrange uma região intermunicipal.

Figura 38: Mapa Turístico.



Fonte: Viana, 2009.

De modo geral, Portalegre conta diversos pontos turísticos onde é necessário elaborar um planejamento que vise a sustentabilidade desse ambiente, aliando o crescimento do fluxo contínuo até atingir a capacidade de carga, com fiscalizadores (os próprios moradores e funcionários do setor) que protejam o meio ambiente, sendo este o principal atrativo do município.

4.3 Cultura e materiais locais

As raízes de ocupação indígena do assentamento refletem até os dias atuais na repetição de fábulas e histórias ainda abordadas, resultando em um dos pilares culturais na cidade de Portalegre. A mais relevante, trata de duas índias, onde é relatado que durante os conflitos entre portugueses e os silvícolas (os habitantes originais), pela ocupação do Município. A índia Luíza Cantofa teria sido assassinada na frente de sua neta Jandy enquanto rezava o ofício de Nossa Senhora. Tendo sido ela, a índia Cantofa, enterrada no local denominado “Cova da Índia” (próximo a área da Fonte da Bica) e, por isso, lá não nasce vegetação. A localidade oferece uma bela visão da serra e do sertão logo abaixo. À noite e pela madrugada, ouve um som semelhante à voz de quem canta ou chora. Dizem os nativos, ser a voz de Cantofa e o choro de Jandy.

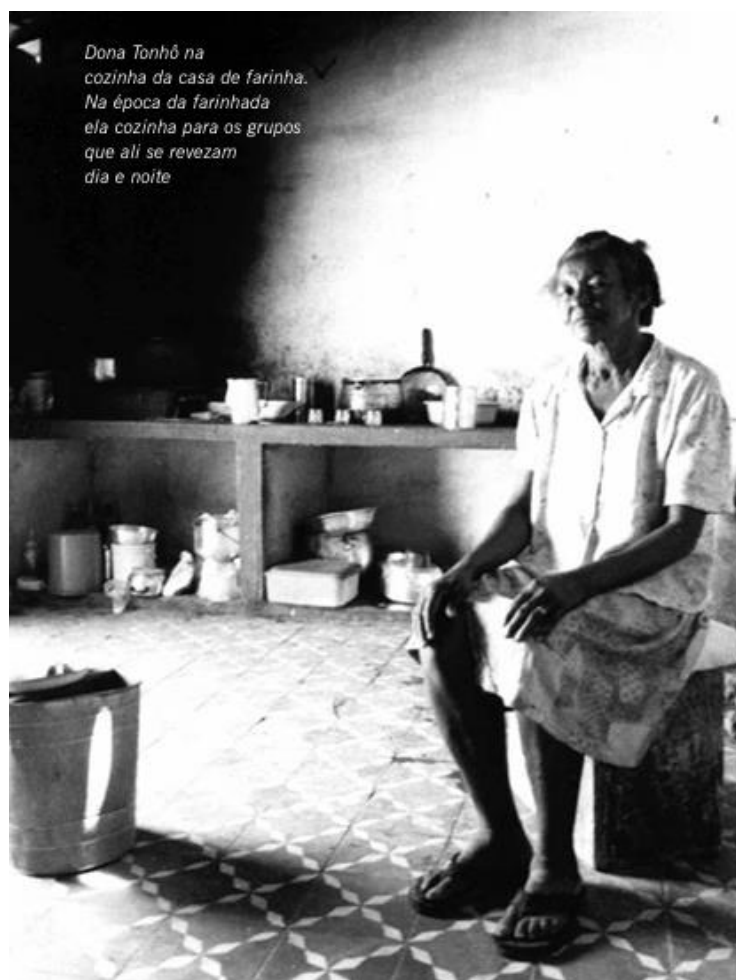
Figura 39: Praça das índias em homenagem as índias Cantofa e Jandy



Fonte: Levantamento fotográfico (2024)

Os fatos e marcos históricos da cidade conta com temáticas culturais sobre índios e negros, assim como os sertanejos que se fizeram presentes e como parte da estrutura sociocultural. Portalegre conta com o projeto Negras raízes, intitulado “Bem-vindo à Serra de Portalegre” de 2001, onde tem como missão mapear, resgatar, fomentar, documentar e difundir a vida socioeconômico-cultural dos remanescentes de quilombos do estado do Rio Grande do Norte e seu entorno. O projeto tem como suportes iniciais a fotografia e se propõe a fazer uso dos mais diversos suportes artísticos e documentais que abranjam as interdisciplinares e as formas de expressão de uma comunidade e seus hábitos (Dias, 2010). O resultado da pesquisa consiste em um roteiro iconográfico das personagens negro-mestiças dos sítios dos Pegas, Engenho Novo e Arrojado.

Figura 40: Remanescente de Quilombo Dona Tonhô no sítio Pega, imagem do projeto Negras Raízes.



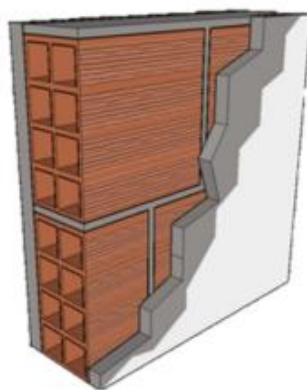
Fonte: Dias 2010

Quando falamos de arquitetura vernacular, na maioria dos casos, estamos nos referindo a uma forma de se construir específica de uma determinada região—ou uma arquitetura que incorpora sistemas construtivos e materiais locais. Dito isso, a arquitetura vernácula continua sendo

hoje uma das principais fontes de inspiração para muitos arquitetos e arquitetas ao redor do mundo. As técnicas vernaculares e os materiais locais têm ganhado protagonismo no debate da arquitetura, mas, é possível trazer esses conceitos para os projetos no contemporâneo?

Atendendo a proposta do trabalho, a utilização de materiais e técnicas locais, o sistema construtivo escolhido foi o mais tradicional na região: alvenaria sem função estrutural de tijolos e blocos cerâmicos (Figura 41), bem como a inserção de tijolos ecológicos, produzidos com o barro da região.

Figura 41: Ilustração da composição das paredes



Fonte: Projeteer, adaptado pelo autor (2024).

No que se refere a aplicação dos revestimentos, a Pedra vermelha (Figura 42), foi a melhor opção como elemento estético, especialmente por ser abundante na região e de fácil manuseio, além de transportar característica regional para a composição da obra arquitetônica.

Figura 42: Pedra vermelha.



Fonte: Levantamento fotográfico (2024).

Figura 43: Aplicação da pedra vermelha como revestimento em alvenaria.



Fonte: Levantamento fotográfico (2024).

5. CHALÉS DE PORTALEGRE: Complexo em Hospedagem e Lazer

O capítulo final deste trabalho tem como objetivo apresentar o desenvolvimento projetual, através do processo criativo aliado aos objetivos específicos e geral, ao que foi visto no referencial teórico, nos estudos de referência e também conectado a possibilidade futura de execução. Desta forma, o projeto Chalés de Portalegre oferece soluções práticas para o planejamento em edificações de hospedagem de acordo com os conceitos do regionalismo crítico e o método racional. Com estrutura física espacial holística e intimista que promova o bem-estar dos usuários e visitantes, por meio da integração de estratégias arquitetônicas construtivas e conceitos do design biofílico, proporcionando uma estadia diferenciada para região.

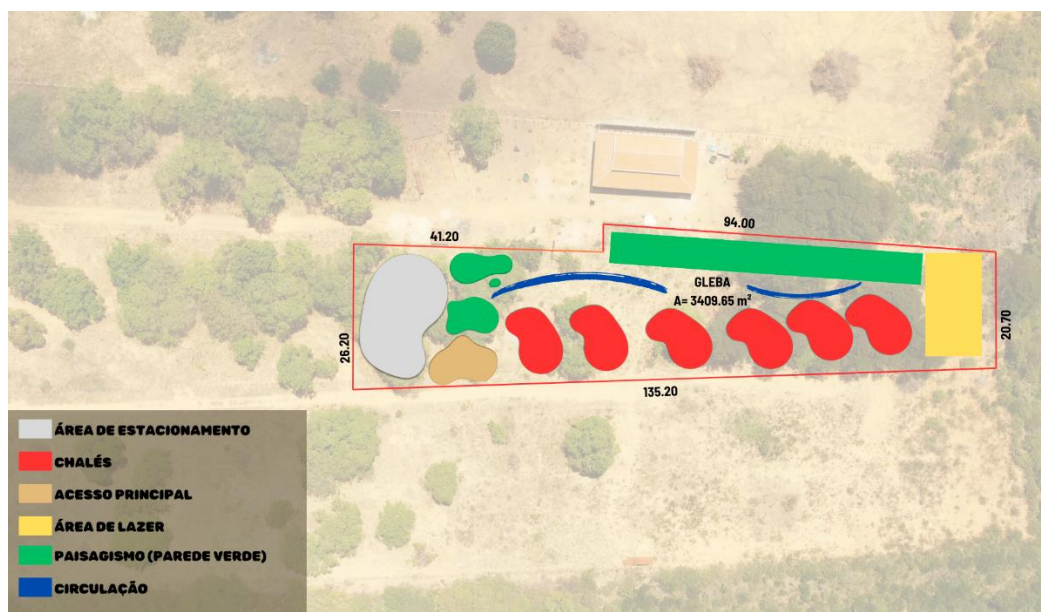
5.1. Diretrizes projetuais

Por meio da observação dos meios de hospedagem da região, foi possível conceber as diretrizes projetuais: adotar a tipologia de chalés, visando a economia da construção, aproximando a escala humana com a natureza do local; oferecer conforto e qualidade de vida para turistas e visitantes; utilizar o sistema construtivo habitual da região, sem deixar de lado a racionalidade e estética do projeto em questão; preservar os recursos naturais existentes e aumentar o contato dos usuários com os mesmos; Empregar estratégias de iluminação, paisagismo e materiais naturais;

5.2. Zoneamento

Diante da declividade do terreno apontada neste trabalho, pensou-se como fica dispostos os volumes no terreno, ao mesmo tempo que perfaça um caminho que serpenteia o entorno dos chalés com uma leve declividade de rampas entre as edificações que acompanha o perfil natural do terreno. Dessa forma atenta-se a utilização de escadas, para que haja também percursos que atendam as necessidades da NBR 9050.

Figura 44: Zoneamento do terreno



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

O zoneamento (Figura 45) considerou inicialmente a questão da topografia, mas como elemento norteador a inclusão uma área de contemplação (ou mirante) para a vista maravilhosa do lugar. Para isso, a área de lazer (em amarelo) localizada no derradeiro platô, de forma que pudesse ser ampliado o espaço, opta-se a implantação de um deck de madeira. Os chalés (em vermelho) ficam dispostos, de forma que não impossibilite a vista dos demais chalés posteriores, então, aproveita-se o próprio declive do terreno. O acesso principal e estacionamento (bege e branco), se encontrando na área posterior, na cota mais alta do terreno. O paisagismo incrementado, tem como fundamento principal criar uma barreira visual com o terreno ao lado, valendo ressaltar para que a vegetação seja de pequeno/médio porte para que não prejudique a força do lugar (horizonte). E um caminho, que busca oferecer fácil acesso as edificações, porém também mesclando a escala humana (principal elemento no espaço) com a arquitetura e paisagismo do lugar.

5.3. Programa de necessidades e fluxograma

Inicialmente foi realizado uma *Brainstorm*, transcrevendo os conceitos e ideias que queriam aplicar ao projeto, tais como compartilhamento, conexão com a cidade, habitações de hospedagem, vegetação, e parâmetros para o planejamento em equipamentos de hospedagem. Nos chalés, foi estimado uma única tipologia, mas com diferentes layouts (Figura 45), sendo um desses chalés, acessível conforme a NBR 9050. Os demais, com elementos diversos nas mais variadas propostas a depender do perfil do público que o proprietário queira atingir.

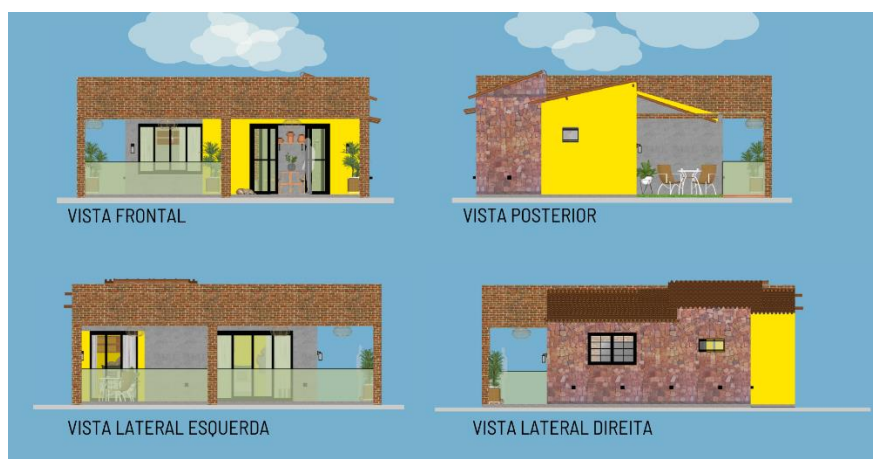
Figura 45: Proposta modelo para layouts dos chalés.



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Como dito anteriormente, a tipologia se mantém seguindo a mesma estrutura externa (Figura 46), sendo: a cobertura com baixa inclinação nas bitolas de madeiras padronizadas, terças 6x12 (em centímetros), os caibros devem ter 5x6, e as ripas 2,5x5. A distância máxima entre as terças deve ser de 1,50m e entre os caibros de 0,50m. A distância entre as ripas (galga) depende do tipo de telha utilizada. O coroamento da estrutura, foi prevista com a utilizada do tijolo ecológico interligada por colunas autoportantes deste mesmo material. As alvenarias sem função estrutural com tijolos de blocos cerâmicos (ver novamente Figura 41). As esquadrias compostas pelos materiais de madeira e vidro temperado, sendo a madeira escurecida por meio de verniz. Por fim, as texturas e revestimentos em sua maioria nas paredes externas da edificação, utilizando a cor mostarda no acesso principal e a pedra vermelha como elemento natural na composição.

Figura 46: Vistas

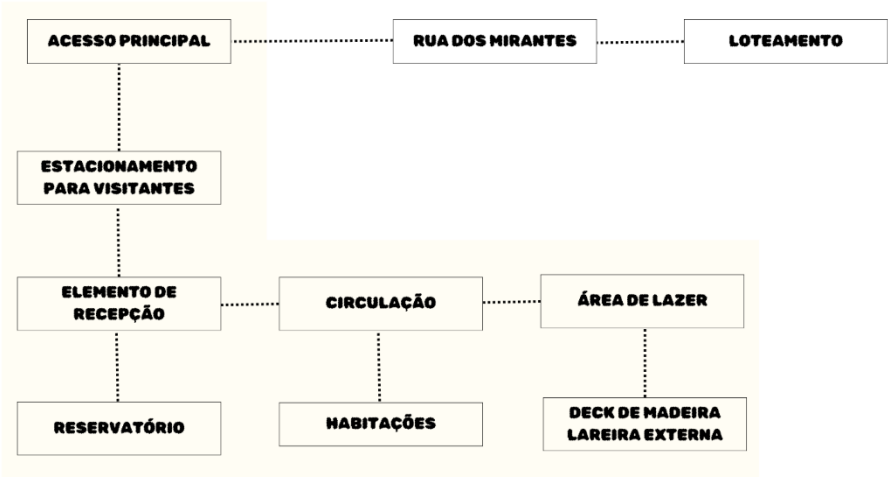


Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Nas extremidades, foi se pensado no alpendre em dois lados da edificação com piso em laminado de madeira (podendo ser revisto a mesma aplicação do deck principal), nos fundos um jardim privativo coberto pela continuidade do telhado. Após a definição de algumas questões particulares da própria edificação, foi desenvolvido um fluxograma (Figura 47) para analisar da

melhor forma possível a dinâmica e relação dos ambientes entre si, a fim de nortear suas disposições no projeto.

Figura 47: Fluxograma



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Assim como no zoneamento, no fluxograma se tem a preocupação de criar uma relação entre a edificação e o meio urbano, fazendo uma transição gradativa do espaço público (rua) ao espaço privado (habitação). Desta forma, qualquer pessoa que adentrar no empreendimento, poderá usufruir do espaço, para em seguida passar para os elementos principais do terreno. Já os veículos entrarão direto em contato com o estacionamento de visitantes, tendo acesso por meio de uma rua criada para o estacionamento direto a área residencial.

Tabela 5: Programa de necessidades preliminar.

PROGRAMA DE NECESSIDADES PRELIMINAR				
Ambiente	Atividades	Nº de usuários	Cômodos	Pré-dimensionamento (m²)
SETOR HABITACIONAL				
Chalé Tipologia 1: Dois dormitórios	Isolamento, repouso, preparo e consumo de alimentos, convívio social	4 a 5	6	48,95
Chalé Tipologia 2: Dois dormitórios	Isolamento, repouso, preparo e consumo de alimentos, convívio social, lazer	4	6	48,95
Chalé Tipologia 3 Studio	Isolamento, trabalho, lazer repouso, preparo e	2	4 ou 5	48,95

	consumo de alimentos, higiene pessoal			
Chalé acessível Um dormitório	Isolamento, trabalho, lazer repouso, preparo e consumo de alimentos,	1 ou 2	4	48,95
SETORES COMUNS				
Deck de madeira	Contemplação, convívio social, repouso e meditação.	30 a 40	0	89,66
Poço (Lareira externa)	Isolamento, convívio social	8 a 10	1	16,58
Elemento de recepção	Controlar a entrada, monitoramento e serviços disponível por 12 horas	6 a 8	3	10 ou 20
Estacionamento	Guardar o carro de visitantes	-	-	-
Circulação	Local de transição entre os equipamento e o paisagismo	-	-	145,25
INFRAESTRUTURA				
Reservatório superior	Destinado a distribuição para os reservatórios inferiores	-	-	-
Reservatório inferior	Destinado a distribuição para os ramais da edificação	-	-	-
Depósito de lixo	Espaço para armazenamento do lixo dos chalés	-	-	3
Depósito de limpeza	Espaço para armazenamento dos materiais de limpeza e manutenção.	-	-	6

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A realização deste estudo para o programa de necessidades, foi essencial para compreensão de proporção dos elementos no terreno. Os valores da proposta final não ficaram exatamente iguais aos deste estudo inicial pois foram ajustados para mais ou para menos ao decorrer do desenvolvimento do projeto, mas mesmo assim permaneceram com valores aproximados.

Para o deck de madeira deverão ser utilizados 2 parafusos, enquanto que nos apoios intermediários basta-se 1 parafuso alinhado com o eixo do deck. Estes parafusos deverão atravessar o deck e penetrar pelo menos 22mm nas vigas de suporte. Dessa forma, para vencer o desnível, foi considerado a utilização de pilaretes de madeira roliça, espaçados a cada 2500mm, sob as vigas de 50mm x 150mm. Estes pilaretes deverão ser enterrados em solo escavado com o mínimo de 500mm, podendo chegar a 2500mm quando o solo for alagável, ou não tiver capacidade de suporte adequada. Recomenda-se a aplicação de pintura do deck, com pelo menos 2 demãos, de pintura com verniz tipo stain, O Verniz tem a função de protetor solar e hidro repelência, evitando assim que a madeira se torne acinzentada e manchada superficialmente pela umidade. Deve ser aplicado com pincel largo, esticando-se bem as pinceladas de modo que as camadas fiquem bem finas. O tempo de espera mínima entre demãos é de 5 horas, a depender do produto, umidade da madeira (sempre abaixo de 20%), da temperatura do ambiente e da incidência de sol.

Para o poço em cimento polido (lareira externa ou ecológica) contempla-se uma infraestrutura contendo duto para captação de água, pontos hidráulicos e elétricos para instalação de iluminação artificial e provimento de água para consumo. Deve ser utilizado métodos ecológicos como o acendimento da fogueira por meio de etanol e madeira própria de lenha para queima. No centro, foi previsto a lareira em aço inoxidável, que possui um tamanho compacto e fácil para o manuseio e transporte. Além disso, não necessita de chaminé pois os materiais optados não produz fumaça, fuligem ou cheiro.

5.4. Partido arquitetônico e sua evolução

O partido arquitetônico é fundamentalmente condicionado por parte da motivação pessoal na realização do projeto, em especial aproveitando-se da força do lugar (Figura 45), o que torna o atrativo principal. Por meio das visitas ao terreno, pensou-se em conceber ao proprietário um elemento que fosse inicialmente de cunho residencial, desde que se atenta a um custo adaptável e com possibilidade futura para execução. Além da residência, um espaço contemplativo e de rápida execução sem que agrida o ecossistema existente. Posteriormente, a questão residencial seria alterada por pequenas unidades habitacionais, habitações em dimensões mínimas, mas totalmente adaptadas para atividades contemporâneas do homem moderno.

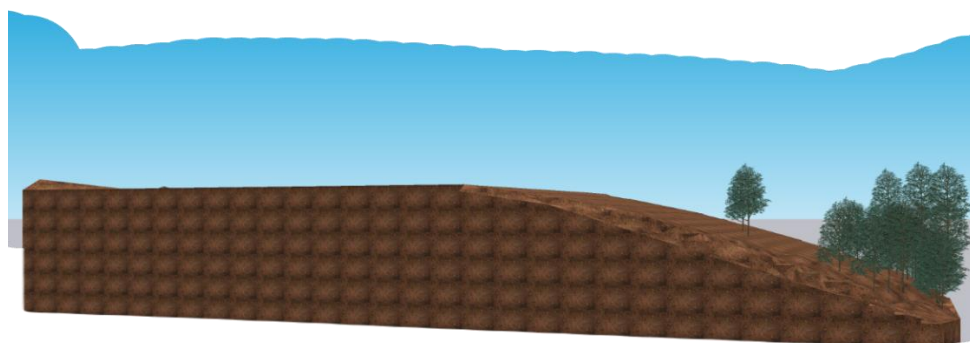
Figura 48: Vista do local.



Fonte: Levantamento fotográfico (2024).

Além disso, uma análise criteriosa sobre as características físicas do terreno. Visto que a movimentação de terra e/ou aterramentos, podendo ocasionar despesas substanciais o que elevaria o custo, bem como impactos adversos ao ecossistema existente e alterações profundas no espaço envolvente. Por isso, a vegetação pré-existente tem papel fundamental pois garante as taxas de erosão do solo através da proteção ao impacto da chuva, diminuição da água disponível ao escoamento superficial, decréscimo da velocidade de escoamento superficial e aumento da capacidade de infiltração da água no solo por meio de suas raízes.

Figura 49: Representação esquemática do terreno e sua declividade.

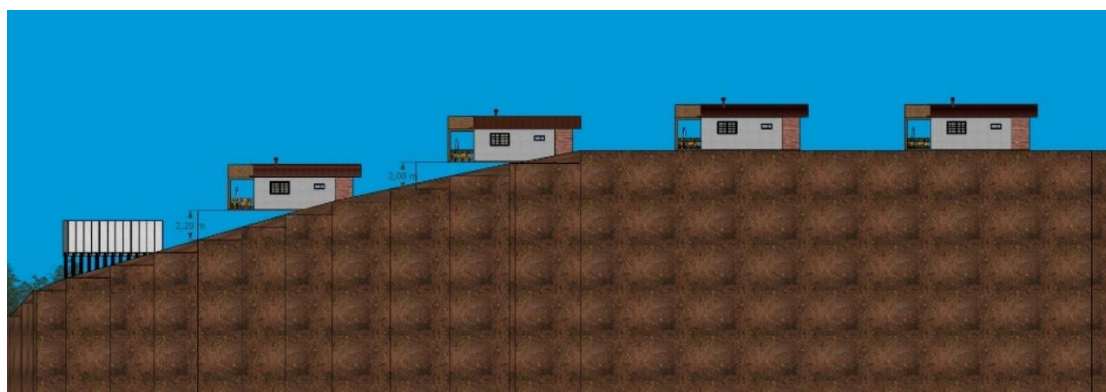


Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Como elemento secundário para o partido arquitetônico, tem-se a questão do enorme declive na topografia do terreno, o que centraliza o objeto de estudo para a compreensão de como distribuir e dispor os volumes na implantação geral. No qual, para responder de forma inteligível, não se opta pela movimentação de terra no local pois geraria um forte impacto no terreno, elevando o custo da obra. Pois percebe-se que não além da declividade o terreno sofre com leve caimento para um dos lados (ver Figura 49).

Diante do exposto, vale ressaltar a dificuldade encontrada no desenvolvimento deste trabalho em adaptar o programa arquitetônico a um terreno longo e bastante acidentado, o que acabou dificultando os levantamentos iniciais. Dessa forma como solução para a declividade do terreno e na tentativa de evitar custos, buscou-se na implantação dos chalés por meio de uma base estrutural (alicerce) em laje que fica suspensa sob as vigas que estão conectas nos pilares autoportantes, ou seja, utilizando-se do sistema laje-viga-pilar, porém aproveitando a própria declividade do terreno (ver Figura 50). Por consequência dessa solução, resulta um vão livre abaixo dessa estrutura, podendo chegar até quase 2 metros e 30 centímetros, onde foi realizado seu fechamento com alvenaria e revestido na pedra vermelha, o que conclui o sistema basal para exequibilidade do projeto.

Figura 50: Estudo preliminar, implantação dos chalés no perfil natural do terreno.



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Assim fica dispostos os volumes no terreno (ver Figura 51), ao mesmo tempo que existe um caminho com leve declive que serpenteia o entorno dos chalés, do outro lado tem-se a rampa de acesso por veículos no recuo lateral do terreno (posterior as edificações), onde o resta é preenchido com taludes de gramas para que haja diminuição da água disponível ao escoamento superficial.

Figura 51: Estudo preliminar, vista frontal com implantação das edificações.



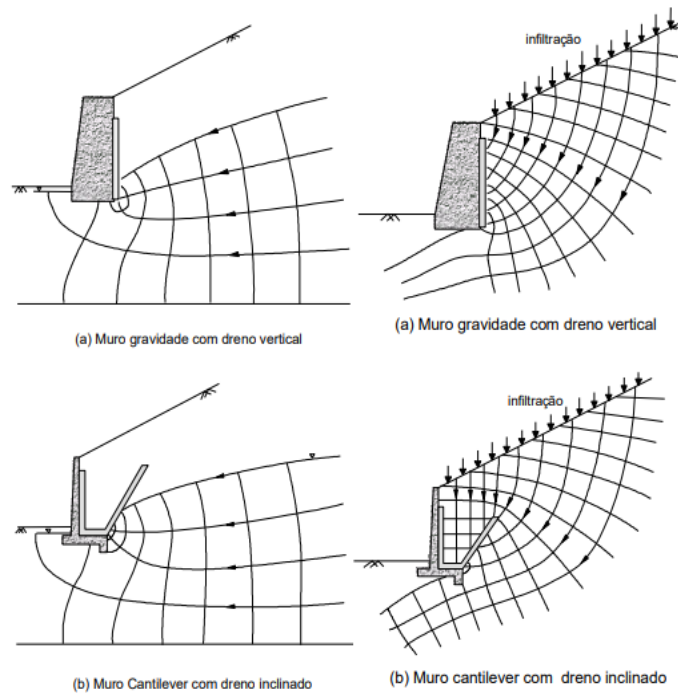
Fonte: Dados da pesquisa (2024).

O estudo de platôs possibilitou a compreensão de como ficam implantados os volumes na gleba. Onde se percebeu, na cota mais alta (650m) a implementação do estacionamento, o elemento de recepção e dois chalés. Entre 1.50m e 1.30m mais baixo, o terceiro chalé. O quarto chalé na cota -2.00m. O quinto chalé, entre 3.00m e 3.70m mais baixo. Por último, o chalé principal que tem a altura do muro de arrimo, contemplado pelo deck comum do equipamento, há 60cm acima deste mesmo deck.

Vale ressaltar, o elemento de muro de arrimo como solução coletiva para o equipamento de extrema importância para toda concepção e desenvolvimento no projeto, uma vez que sua altura iria impactar substancialmente a distribuição destes chalés, que ficam acima deste mesmo muro de arrimo. Além de manter a drenagem mais controlada. Possibilita que o solo encontre mais firmamento. Uma vez que este solo tende a escorrer em períodos chuvosos, principalmente quando não se tem uma vegetação específica para garantir a segurança nas taxas de erosão do solo através da proteção ao impacto da chuva. Especificamente, o muro de arrimo, foi pensado na sua altura como principal parâmetro de segurança, assim como um sistema eficiente de drenagem.

Os sistemas de drenagem podem ser superficiais ou internos. Em geral, os projetos de drenagem combinam com dispositivos de proteção superficial do taludes. Sistemas de drenagem superficial devem captar e conduzir as águas que incidem na superfície do talude, considerando-se não só a área da região estudada como toda a bacia de captação. O sistema de drenagem interno, tem como função controlar as magnitudes de pressões de água e captar fluxos que ocorrem no interior dos taludes.

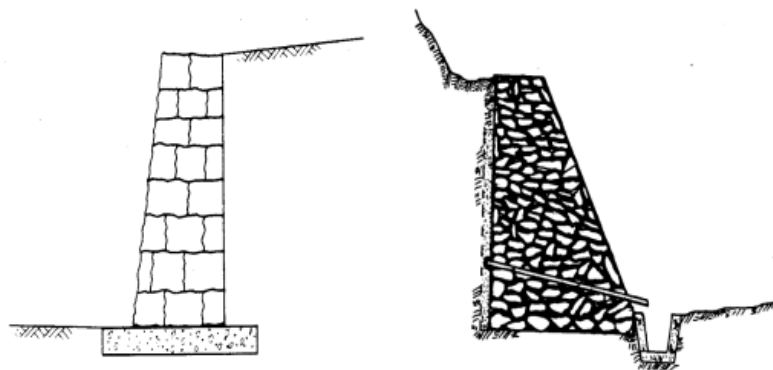
Figura 52: Redes de fluxo em muros de arrimo



Fonte: Profa. Denise M. S. Gerscovich (2009).

Os muros de alvenaria de pedras são os mais antigos e tendem ser mais utilizados na região. Muros de pedra sem argamassa devem ser recomendados unicamente para a contenção de taludes com alturas de até 2m. Conforme aponta a professora Gerscovich (2009). A base do muro deve ter largura mínima de 0,5 a 1,0m e deve ser apoiada em uma cota inferior à da superfície do terreno, de modo a reduzir o risco de ruptura por deslizamento no contato muro-fundação.

Figura 53: Muros de alvenaria de pedras, modelo antigo.

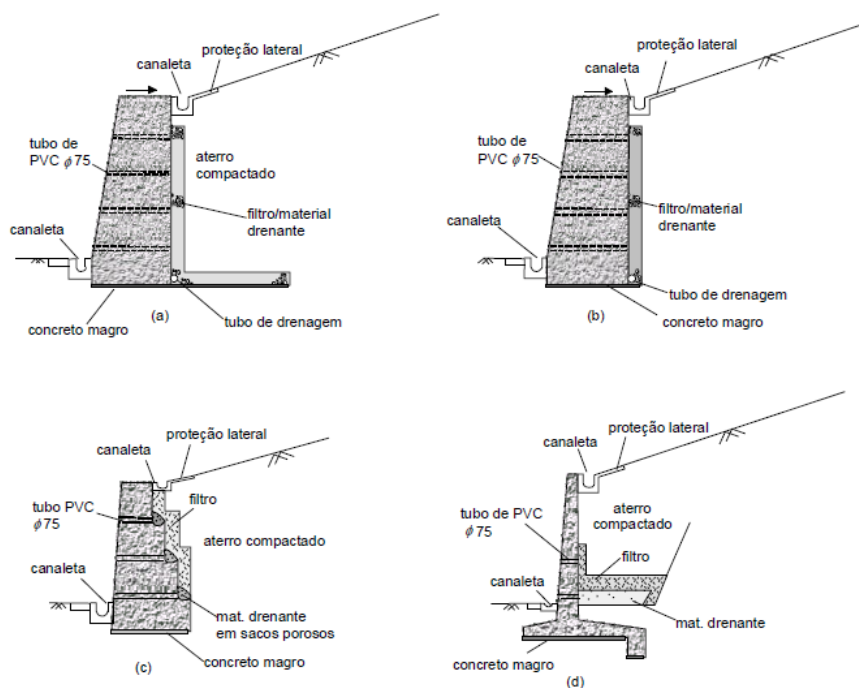


Fonte: Profa. Denise M. S. Gerscovich (2009).

Este tipo de solução não foi adotado, apesar de se observar que na região é uma das técnicas predominantes, apesar de já se encontrar avanços tecnológicos no município com o uso e emprego de blocos estruturais armados em vergalhões de ferro e conectados com pilares com blocos

canaletas. Um ponto negativo é o seu impacto visual para o ambiente, podendo ser melhorado inserindo paisagismo no local.

Figura 54: Sistemas de drenagem para muros de contenção.

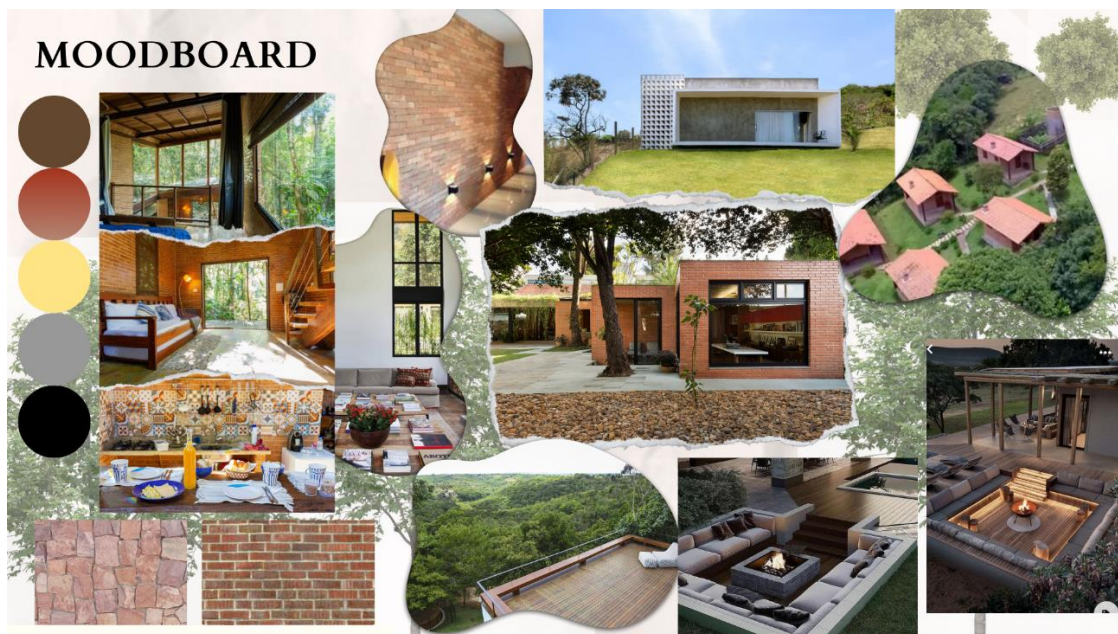


Fonte: Profa. Denise M. S. Gerscovich (2009).

Segundo Gerscovich (2009), durante a construção da estrutura de arrimo, a execução dos drenos para sucção do líquido deve ser cuidadosamente acompanhada, observando o posicionamento do colchão de drenagem e garantindo que durante o lançamento do material não haja contaminação e/ou segregação.

Logo após a compreensão das funções estruturais e de segurança para o equipamento proposto, foram reunidas as inspirações visuais que levaram ao desenvolvimento do projeto, relacionando elementos arquitetônicos, materiais como pedras e madeira, paleta de cores no preto, cinza, vermelho, marrom e amarelo mostarda. A junção de tudo isso, se transforma em Moodboard (ver Figura 55). No painel, é possível observar entre as várias referências, como em ambientes internos até mesmo, a modelagem das unidades, onde foi-se pensado em embutir o telhado por meio de um coroamento, deixando mais minimalista de acordo com as técnicas contemporâneas, ao mesmo tempo que ainda existisse a essência dos chalés convencionais, ou seja, em cobertura de duas águas.

Figura 55: Mood Board referente as inspirações visuais.



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Em seguida, a distribuição dessas unidades, ligadas por um caminho que ziguezagueia por todo terreno, operando por meio de rampas e escadas (ver Figura 56). Vale ressaltar que para a questão da acessibilidade, conforme a NBR 9050, o projeto se propõe com a última habitação totalmente adaptada dentro das condições necessárias para que o PD (Portador com Deficiência) tenha acesso livremente para a área de lazer do equipamento.

Figura 56: Volumetria Final do Projeto



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

5.5. Apresentação do projeto

Neste tópico são apresentados alguns dos desenhos técnicos desenvolvidos para a proposta de estudo preliminar, conforme aponta a NBR 16636-2 de 2017. Contendo a planta de implantação geral, planta de localização e imagem renderizada. Lembrando que para visualização de todos desenhos técnicos desenvolvidos, verificar pranchas anexadas no fim deste trabalho.

O processo inicial do projeto compreende o levantamento físico detalhado do terreno em análise (Figura 57). Isso implica na realização de uma coleta minuciosa de dados no local, fornecendo informações necessárias para o entendimento completo da área e o início do desenvolvimento das soluções aplicáveis. O resultado da visita inclui algumas incongruências com as dimensões (medidas) descritas pelo cliente e no documento de compra venda com o que foi levantado fisicamente, bem como características dos terrenos circundante, vegetação pré-existente, contexto do entorno imediato e a identificação de edificações de interesse próximas a área de estudo.

Figura 57: Levantamento físico do terreno



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Vale ressaltar, os dados constituem a base fundamental para a análise e o planejamento do projeto, guiando as decisões de implantação e design do futuro empreendimento. Pospositivo a planta de localização, foi desenvolvida a planta de implantação do equipamento (ver Figura 58), onde se foi vislumbrado a distribuição dessas unidades no perfil natural do terreno espaçadas a cada 18 metros, sem comprometer a característica do ecossistema presente, as unidades são dispostas em forma de escadaria, preservando a integridade visual do local. Cada habitação desfruta da vista

deslumbrante da paisagem serrana característica do bioma do Brejo de Altitude, encontrado na região semiárida do Oeste Potiguar.

Figura 58: Planta de implantação



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Observa-se, como a construção visa um aproveitamento desse visual rotacionado cada habitação por um ângulo de 45 graus. O acesso pedestal se dá por meio deste caminho que serpenteia todas unidades, até chegar no espaço de lazer e contemplação, o deck de demais com sua lareira externa. O acesso para os veículos conta uma rua projetada com comprimento de 4 metros em rampas levemente inclinadas no recuo lateral da gleba, isto é, na parte posterior de cada chalé. Tal solução foi pensada na privacidade e a experiência mais intimista dos usuários de cada habitação, especialmente para que não houvesse interações desconcertantes entre veículos e pessoas.

Figura 59: Perspectiva do projeto em renderização foto realista (real time)



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, este trabalho foi será proposto sob uma perspectiva de lançar luz a um conceito da experiência arquitetônica para os usuários, ressaltando a importância no desenvolvimento da arquitetura de hospedagem e lazer em Portalegre. Destaca-se o papel fundamental da forte conexão com o pitoresco através de recursos da própria natureza, que ilustra uma visão mais intimista. Dessa maneira, aborda as limitações do município em relação aos investimentos em turismo. Logo, o projeto trará como produto soluções sob uma perspectiva do regionalismo crítico e da biofilia aplicada à arquitetura, bem como o planejamento preciso procurando conectar as necessidades inerentes do homem moderno com a natureza e o ambiente construído.

Para isso o projeto contempla uma importância significativa como equipamento de hospedagem no município de Portalegre, onde pôde se constatar um carência no provimento de atrações turísticas, sobretudo no setor de hospedagem. A proposta busca compreender as dinâmicas turísticas regionais e incorporar a biofilia como principal parâmetro de implementação, como forma de relacionar o espaço convidativo e harmonioso com a cultura local.

Os resultados obtidos expõem um ambiente apto para o atendimento de turistas da região com elementos que proporcionem a sensação de uma experiência arquitetônica totalmente intimista conecta com a natureza da região, que seja funcional, abarcando em sua estrutura arquitetônica mobiliários e áreas de convivência e lazer distintos e humanizadas. Se espera contribuir na base de dados para os profissionais da área de Arquitetura e Urbanismo e da construção civil, por meio de soluções arquitetônicas voltada para o planejamento de projetos reais, onde se encontra dificuldades em orçamento, topografia, necessidades de clientes, entre outros.

O projeto de arquitetura representa apenas uma das várias etapas em busca da verdadeira essência completa da Arquitetura. Dessa forma presume-se que os objetivos estabelecidos no início do trabalho tenham sido alcançados, e que os conceitos analisados foram rebatidos na solução arquitetônica. Resultando assim, em uma edificação de exequibilidade simples, porém como que se insere em um contexto de vitalidade à região; promove dinâmicas; promove interação de usuários com experiência arquitetônica contemporânea por meio da biofilia e materiais locais.

A principal dificuldade encontrada na elaboração do trabalho foi a escassez no acervo de projetos de hospedagem com essa abordagem específica. Estamos falando de projetos que distanciam dos arranjos padronizados que priorizam o uso do ar-condicionado, sem inadvertidamente contraria as tendências que imperam na civilização global. Além disso, a consideração da topografia local como uma adversidade inicial revelou-se uma experiência

incrivelmente enriquecedora. Aprofundar nosso estudo nesse aspecto não apenas proporcionou uma base sólida para a concepção de projetos mais refinados, mas também despertou um interesse pessoal em explorar ainda mais esse tema e na subsequente execução dos projetos.

Por fim, entende-se que a elaboração deste Trabalho Final de Curso, que busca articular o caráter teórico de uma pesquisa acadêmica com a solução prática de um projeto arquitetônico, foi possibilitada por meio do vasto conhecimento interdisciplinar adquirido na formação em Arquitetura e Urbanismo.

REFERÊNCIAS

ABNT. NBR 15220: **Desempenho térmico de edificações** – Parte I, III, IV e V. Rio de Janeiro, 2005.

ABNT. NBR 15220: **Desempenho térmico de edificações** – Parte II: Componentes e elementos construtivos das edificações – resistência e transmitância térmica – métodos de cálculo. Rio de Janeiro, 2022.

ABNT. NBR 15220-3:2003 – **Desempenho térmico das edificações** – Parte 3: Zoneamento

ANDRADE, Nelson e BRITO, Paulo Lucio de e JORGE, Wilson Edson. **Hotel: planejamento e projeto**. 10 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2013. P. 19-99.

BARRETO, José Jacome. Portalegre, origem e contemporaneidade. Portalegre: PMP, [s.d.]

BARBOSA, A. H. D. S., Carvalho, R. G. de, & Camacho, R. G. V. (2017). Aplicação do NDVI para a Análise da Distribuição Espacial da Cobertura Vegetal na Região Serrana de Martins e Portalegre – Estado do Rio Grande do Norte. *Geography Department University of Sao Paulo*, 33, 128. <https://doi.org/10.11606/rdg.v33i0.128171>.

CARVALHO, Mario César. **O Revolucionário tranqüilo**, 2002. In: ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. Folha de S. Paulo, Mais!. São Paulo 24 de Fevereiro 2002. p. 5.

CAVALCANTE, Maria Bernadete. DIAS, Thiago Alves. Portalegre do Brasil: história e desenvolvimento: 250 anos de fundação de Portalegre. Natal, RN: EDUFRN, 2010. p. 126

Casa da Montanha / **Sabella Arquitetura**" 17 Jan 2019. ArchDaily Brasil. Acessado 19 Out 2023. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/908159/casa-da-montanha-sabella-arquitetura>> ISSN 0719-8906

Chalé SBS / **Silvia Acar Arquitetura**" 08 Set 2023. ArchDaily Brasil. Acessado 21 Out 2023. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/984591/chale-sbs-silvia-acar-arquitetura>> ISSN 0719-8906

Clássicos da Arquitetura: **Casa de Chá Boa Nova / Álvaro Siza**" 18 Jan 2012. Disponível: ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-20953/classicos-da-arquitetura-casa-de-cha-boa-nova-alvaro-siza>> ISSN 0719-8906. Acesso em 18 Out 2023

COLIN, Silvio. **Regionalismo crítico** – Coisas da Arquitetura

COSTA, Lucio. **Lucio Costa: Sobre arquitetura.1º Volume**. Porto Alegre: Centro dos estudantes universitários de arquitetura, 1962. p. 43.

Costa, E. B., Da Fonseca, É. T. R., Oliveira, A. C. de F., & Ferreira, A. C. A. (2021). Casa de câmara e cadeia: memória enraizada e a preservação do patrimônio no município de Portalegre/RN / Chamber and jail house: rooted memory and heritage preservation in the municipality of Portalegre/RN. *Brazilian Journal of Development*, 7(4), 38628–38638. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n4-361>.

ENANPUR, A. X. (2019). Desenho Urbano e Formação da cidade de Portalegre-RN: do breve percurso histórico à configuração espacial da cidade.

EAGLES, P. F. J. 2001. International Trends in Park Tourism. EUROPARC 2001, Edition 4, Matrei, p. 43.

IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **Cidades e Estados**. Disponível no site institucional e programa do IBGE para os municípios em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/portoalegre.html>. Acesso: 05 de outubro de 2023.

IBGE. Portalegre. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/portalegre/panorama>.,

FISCHER, Luís Augusto. **Sobre a vigência do Regionalismo no Brasil**. Disponível em: <https://revistas.ufrrj.br/index.php/tm/article/download/11058/8076>. Acesso em 19 de Outubro de 2023.

Florida, S., & Zheng, Q. (2014). *Digital Commons @ University of*. 2(1). Disponível em: https://digitalcommons.usf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=5716&context=kip_articles#page=80. Acessado em 20 de jan. 2024.

FONSECA, Pedro Ricardo Gouveia. [Recensão a] WILSON, Edward O. **A criação. um apelo para salvar a vida na terra Tradução de Maria Adelaide Ferreira**. Biblos: Revista da FLUC, [s.l.], v. 7, Coimbra University Press. 2009. p.599-606

FRAMPTON, Kenneth. **História e crítica da arquitetura moderna** – 1. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 382-397.

GHIRARDO, Diane. Da Margem ao Centro. In: **Arquitetura contemporânea: uma história concisa**. 2a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 01-26.

GERSCOVICH, D. M. S. (2009). Estruturas de contenção muros de arrimo. *Feuerj*, 1- 48.

Góes, Ronald. **Pousadas e Hotéis: manual prático para planejamento e projeto**. São Paulo: Blucher, 2015

JÚNIOR, Valdeci dos Santos. Os Índios Tapuias do Rio Grande do Norte. 1. Ed. Mossoró: Editora da UERN, 2008. p. 28

KELLERT, Stephen; CALABRESE, Elizabeth. *The practice of Biophilic Design*, 2015.

KOWALTOWSKI, D. C. **O processo de projeto em arquitetura da teoria a tecnologia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011 o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011. p. 57-64

LOPES, Fátima Martins. Em nome da liberdade. p. 138.

LAKATOS, Eva Maria. **FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTÍFICA** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010. p. 397.

MACEDO, Danilo Matoso. **“Da Matéria À Invenção. As Obras De Oscar Niemeyer Em Minas Gerais - 1938-1955”**. Camera dos Deputados, Brasília, 2008.

MCKERHER, B. 2002. Turismo de Natureza: Planejamento e Sustentabilidade. Contexto. p. 304.

MASCARÓ, Juan Luis. **Loteamentos Urbanos**, 2 ed. Porto Alegre: Mais Quatro Editora, 2005.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Número de visitantes em unidades de conservação aumenta 20%**. [S. l.], 17 jun. 2020. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/13561-n%C3%BAmero-de-visitantes-em-unidades-de-conserva%C3%A7%C3%A3o-aumenta-20.html>. Acesso em: 21 Outubro. 2023.

MUZA, Pedro Henrique Ferreira. **Design Biofílico: Ampliando o Conceito de Sustentabilidade de Edificações**, 2021.

PAIVA, Andrea; JEDON, Richard. **Short-and long-term effects of architecture on the brain: Toward theoretical formalization**. *Frontiers of architectural research*. Volume 8, Issue 4. December 2019. p. 564-571.

Romullo Baratto. **"Projeto de Safdie Architects e Perkins+Will para o Hospital Albert Einstein começa a ser construído em São Paulo"** 08 Nov 2018. ArchDaily Brasil. Acessado 29 Set 2022. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/905427/projeto-de-safdie-architects-para-o-hospital-albert-einstein-comeca-a-ser-construido-em-sao-paulo>> ISSN 0719-8906.

RUSKIN, John. *A lâmpada da memória*. Trad. Maria Lucia Bressan Pinheiro. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem: Cartilha de orientação básica: hotel. Brasília, DF, 2010.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Da cidade de deus à cidade dos homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana. 1. ed. Natal: Editora da UFRN - EDUFRN, 2009. p. 582

VIANA, F. C., & Antonio, M. A. L. (2009). O turismo de natureza como atrativo turístico do município de Portalegre, Rio Grande do Norte. *Pesquisas Em Turismo e Paisagens Cárnicas*, 2(1), p. 79–96.

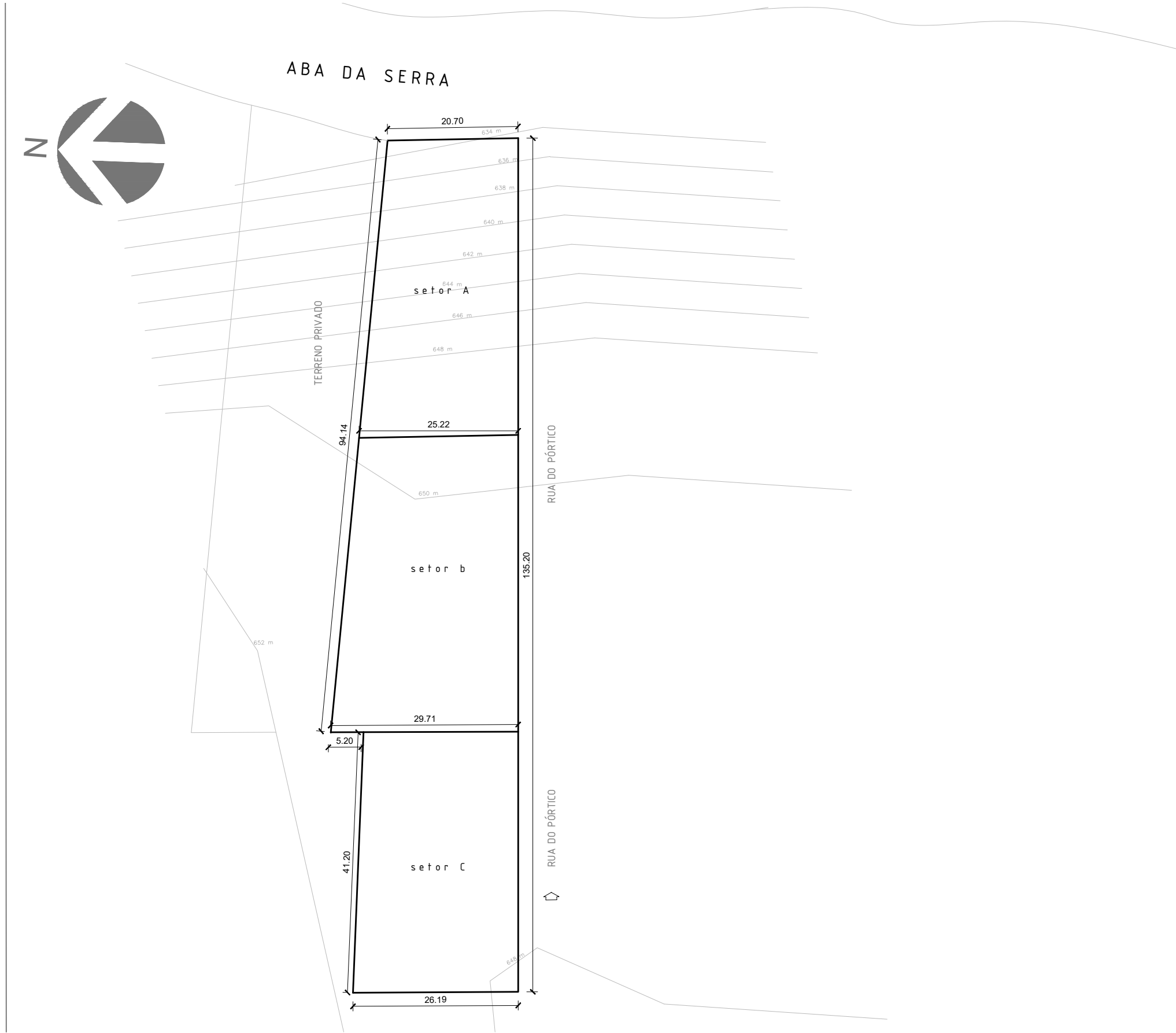
VIANA, F.C. 2006. O Turismo de Natureza como atrativo turístico do Município de Portalegre/RN. Monografia de Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Curso de Turismo, 89p.

APÊNDICES

ANEXOS

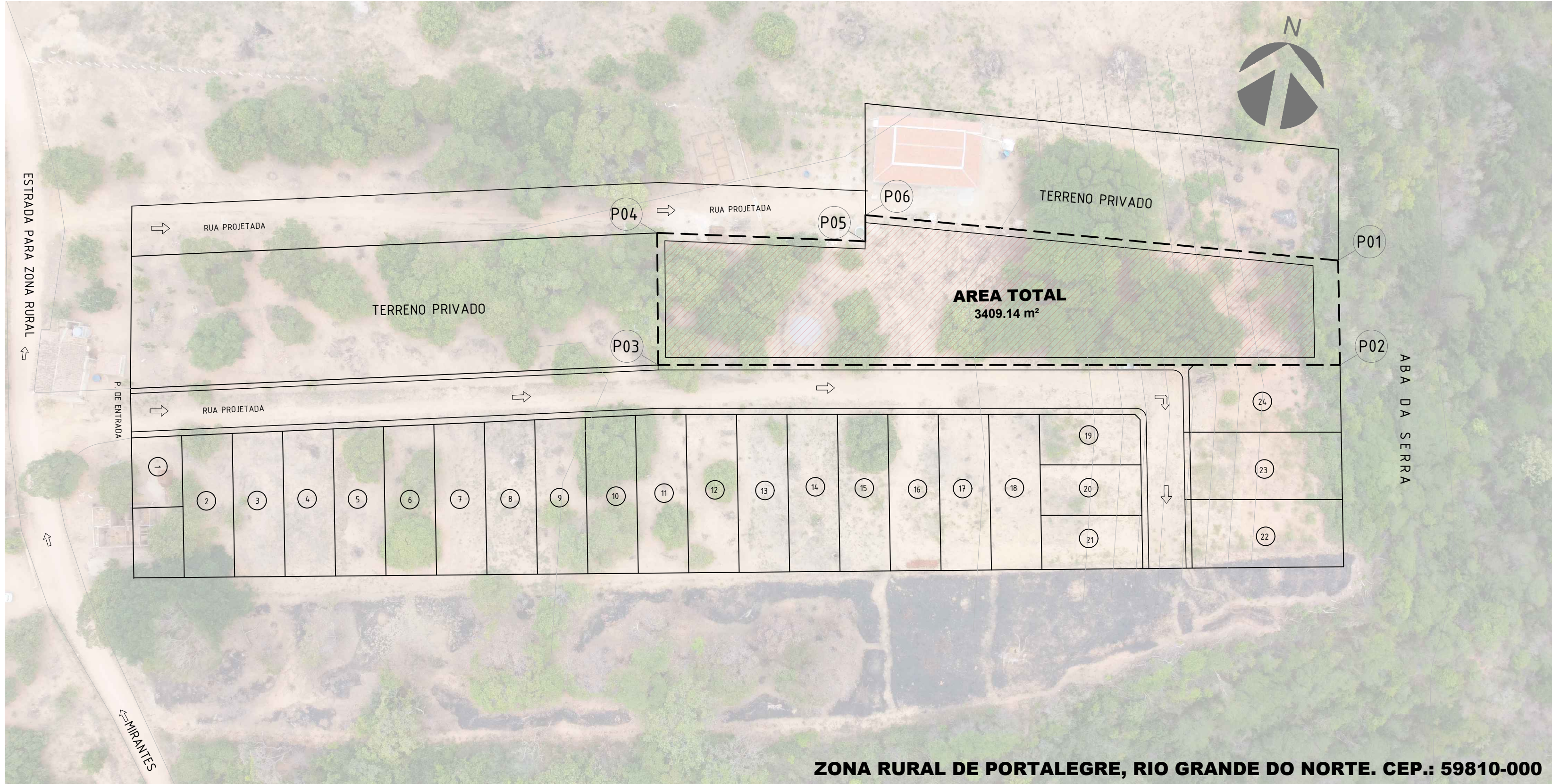
Planta de levantamento inicial

ESCALA: 1:500



Planta de Localização

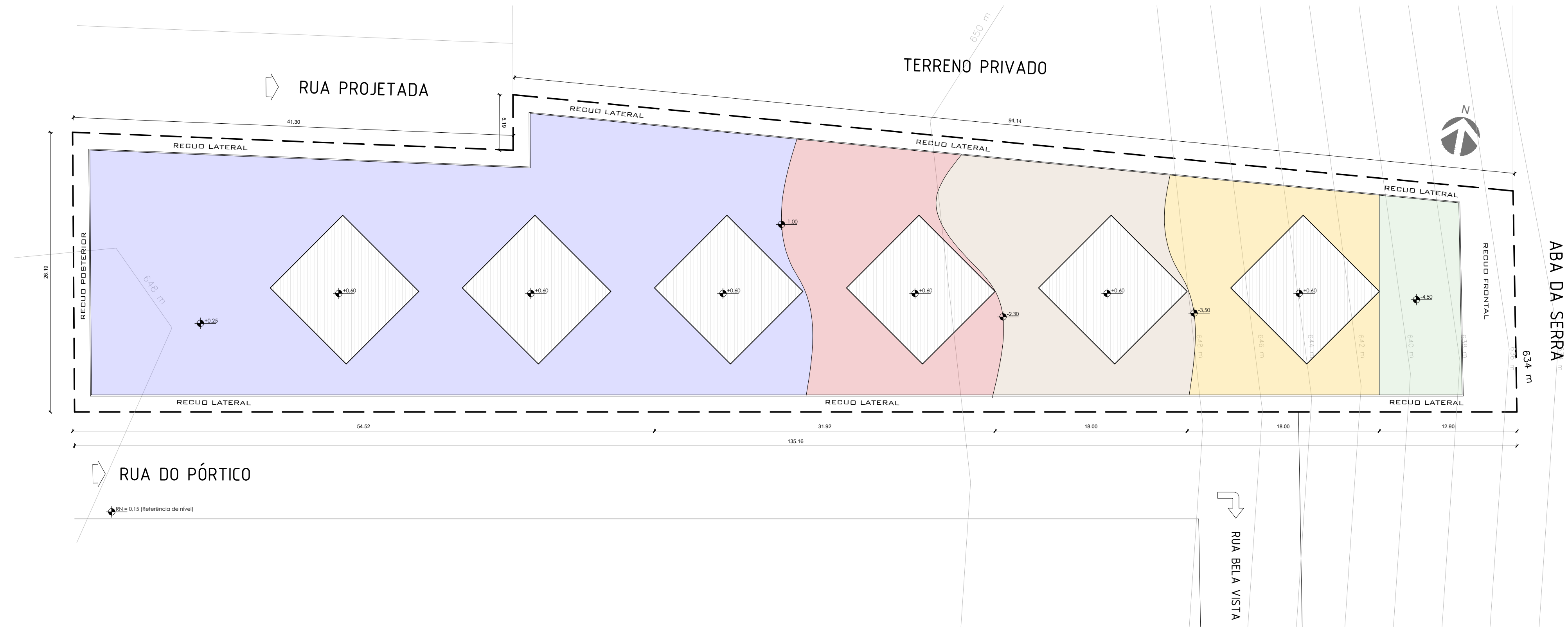
SEM ESCALA



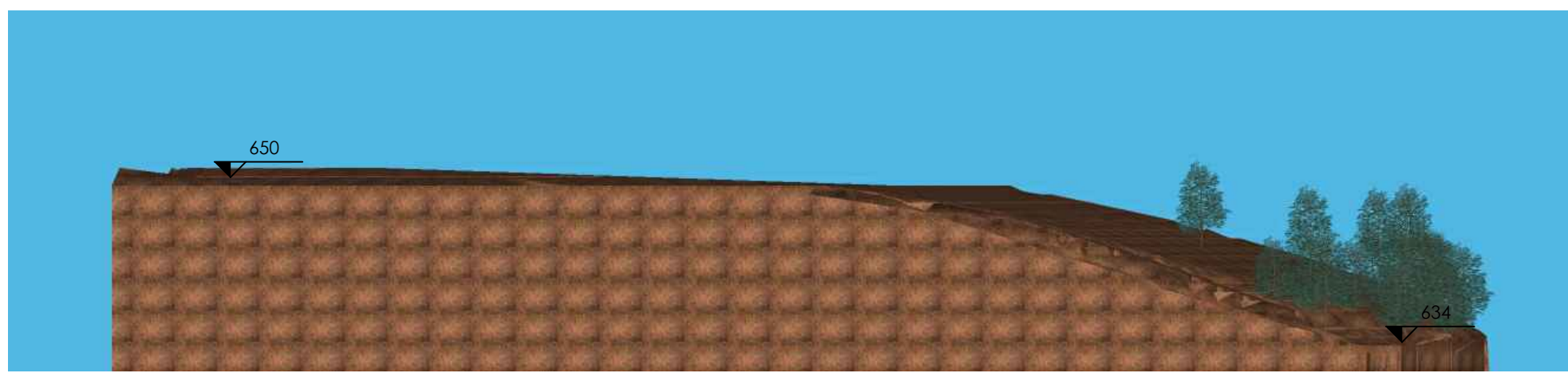
Coordenadas Geográficas

NOME	SIGLA	LATITUDE	LONGITUDE
PONTO 01	P01	6°0'10.02"S	38°00'3.63"O
PONTO 02	P02	6°0'12.19"S	38°00'3.96"O
PONTO 03	P03	6°0'41.01"S	38°00'3.93"O
PONTO 04	P04	6°0'11.08"S	38°00'3.29"O
PONTO 05	P05	6°0'11.89"S	38°00'5.78"O

AB

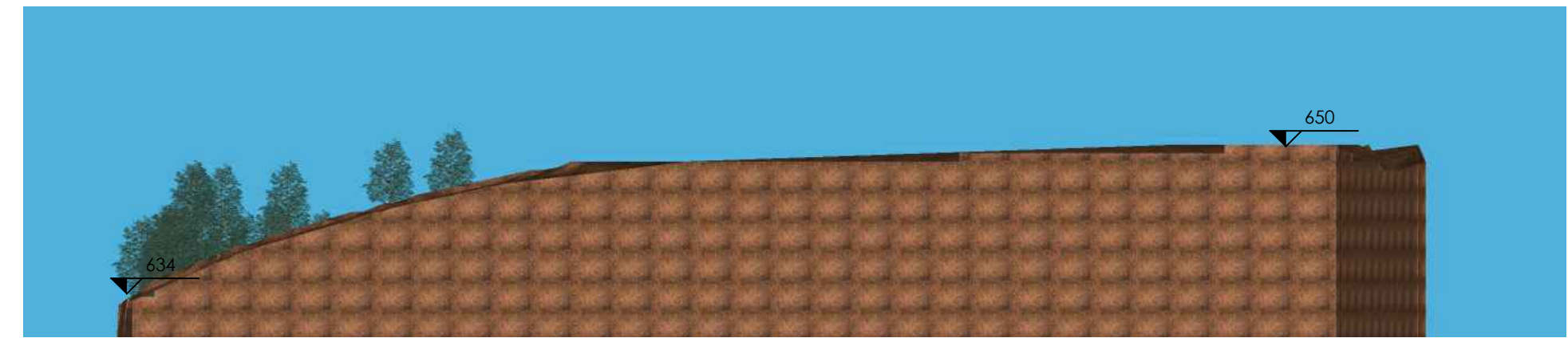


PLATÔS	QNT. DE CHALES	LEGENDA	ÁREA
PLATÔ 1	2		1428,97m²
PLATÔ 2	2		858,61m²
PLATÔ 3	1		440,95m²
PLATÔ 4	1		409,81m²
PLATÔ 5 (DECK)	0		270,80m²



Perfil longitudinal do terreno com caimento

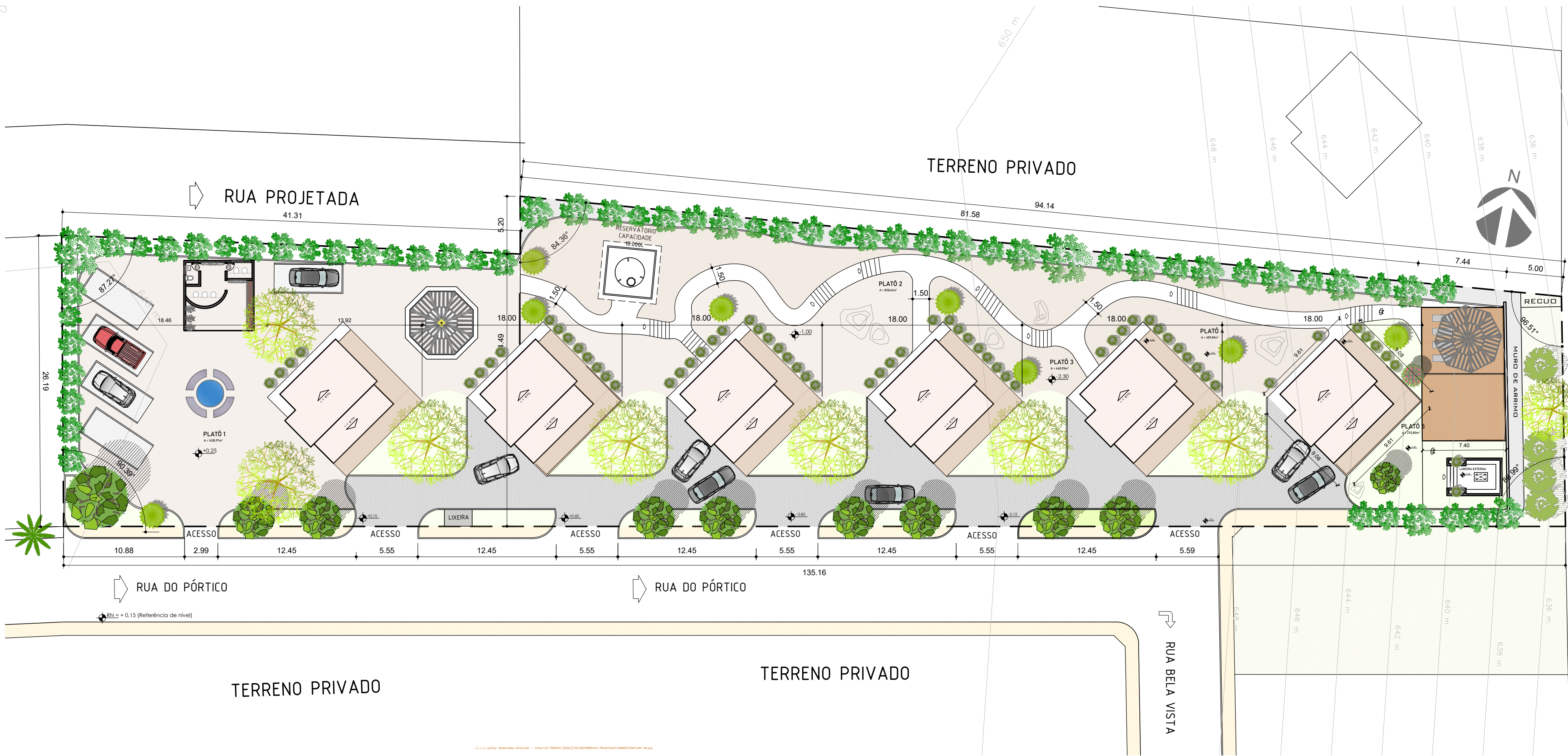
SEM ESCALA



Perfil longitudinal do terreno sem caimento

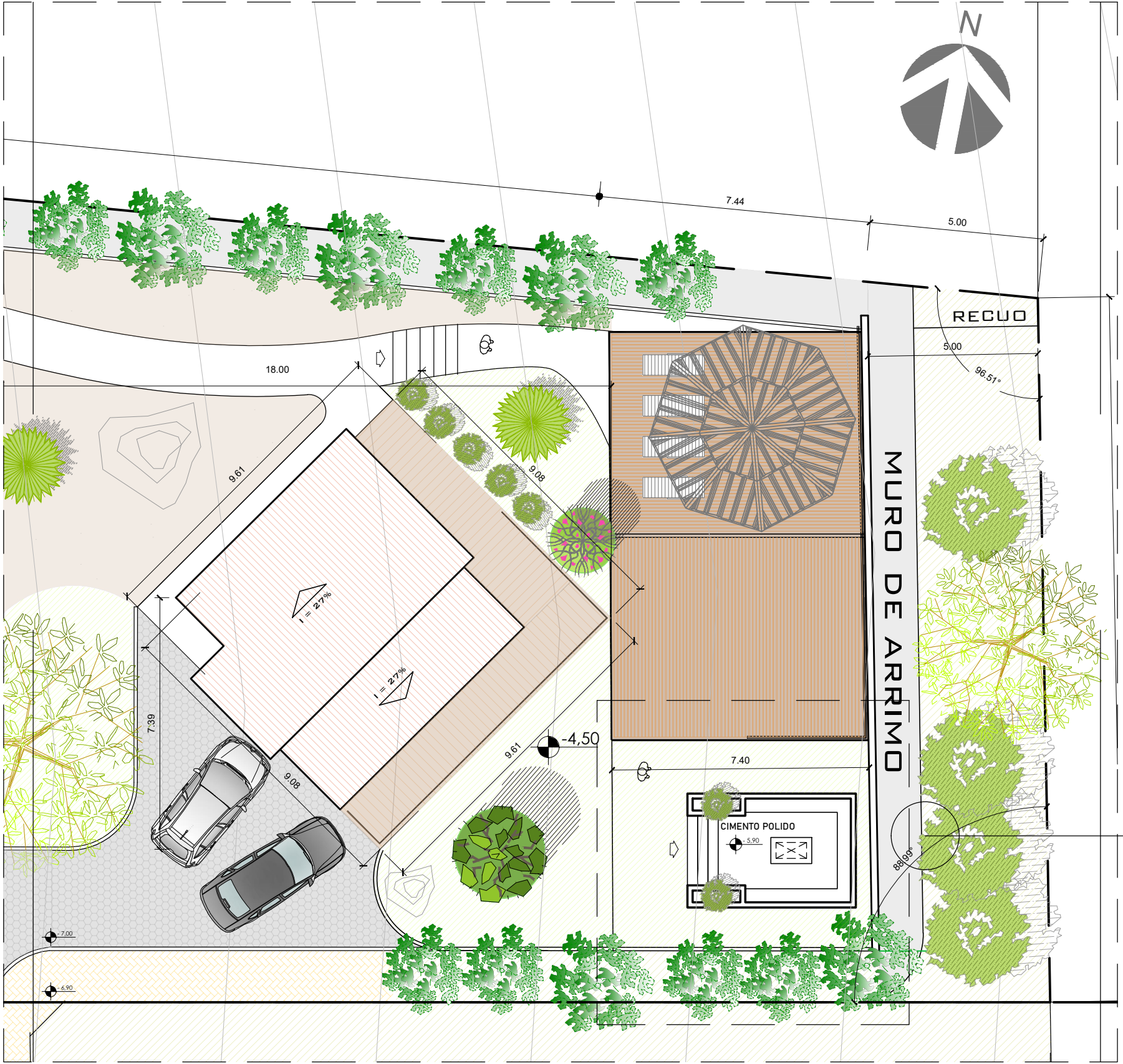
SEM ESCALA

AB



Planta de Implantação

ESCALA: 1:200



Implantação da etapa 1

ESCALA 1:100

Quadro de áreas		
NOME	MATERIAL	ÁREA
ÁREA DE DECK TOTAL	MADEIRA	267,21m²
ÁREA DE JARDIM	GRAMA	60,50m²
PAVIMENTAÇÃO	BLOCO INTERTRAVADO	378,90m²
ÁREA DE CALÇADA	BLOCO INTERTRAVADO	267,21m²
RESERVATÓRIO	ALVENARIA E CONCRETO	07,51m²
LAZER		
POÇO LAREIRA	CIMENTO POLIDO	16,58m²
ÁREA DE DECK	MADEIRA	86,66m²
TOTAL		42,20m²

Recuos:

RECUO FRONTAL:	5.0 metros
RECUO POSTERIOR:	1.5 metros
RECUO LATERAL DIREITO:	1.5 metros
RECUO LATERAL ESQUERDO:	1,5 metros

VER PLANTA LAREIRA EXTERNA
(PRANCHA 05)

PRANCHA: 03/08

DESENHO:
Arthur Oliveira Silva

TIPOLOGIA
Projeto de arquitetura complexo de hospedag

ORIENTADOR:
Gabriel Leopoldino Paulo

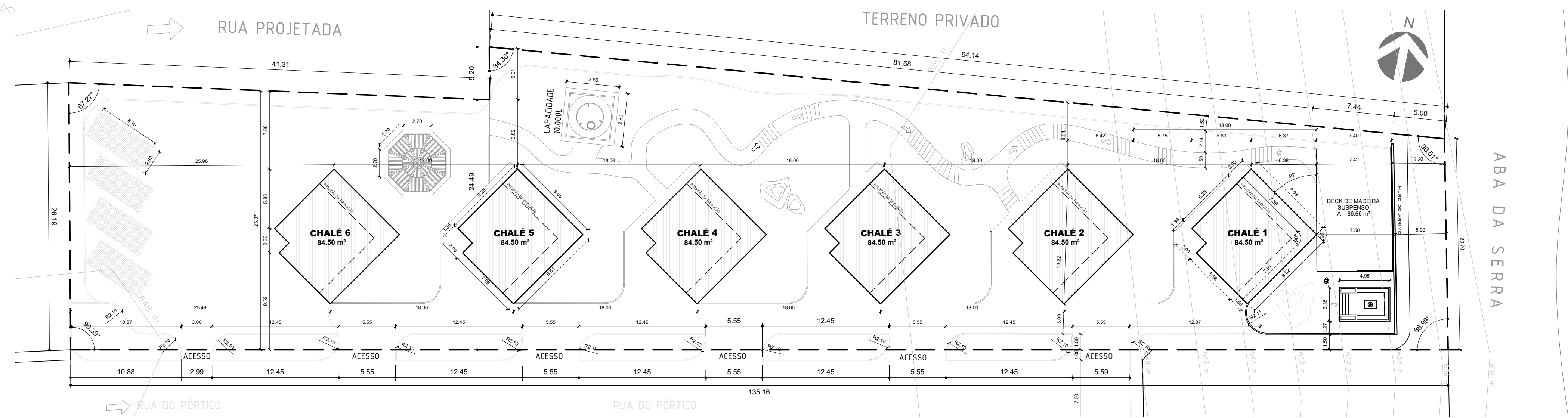
LOCALIZAÇÃO:
Portalegre, Rio Grande do Norte

CONTEÚDO
Planta de implantação Geral, Implantação do chafé e área de lazer, quadros de áreas e recuos.

ESCALA
INDICAÇÃO

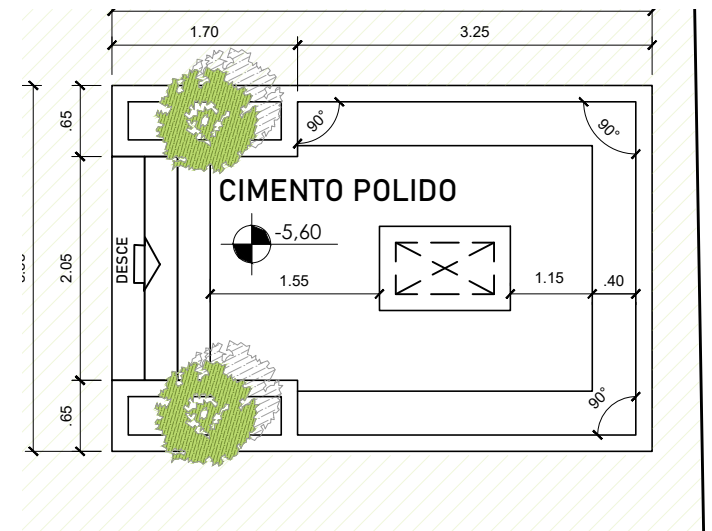
DATA:
FEV/2024

ARTHUR OLIVEIRA
ARQUITETURA & URBANISMO



Planta baixa geral

ESCALA 1:200



Planta da Lareira externa

ESCALA 1:50



Planta deck de madeira

ESCALA 1:75

DET. RESERVATÓF

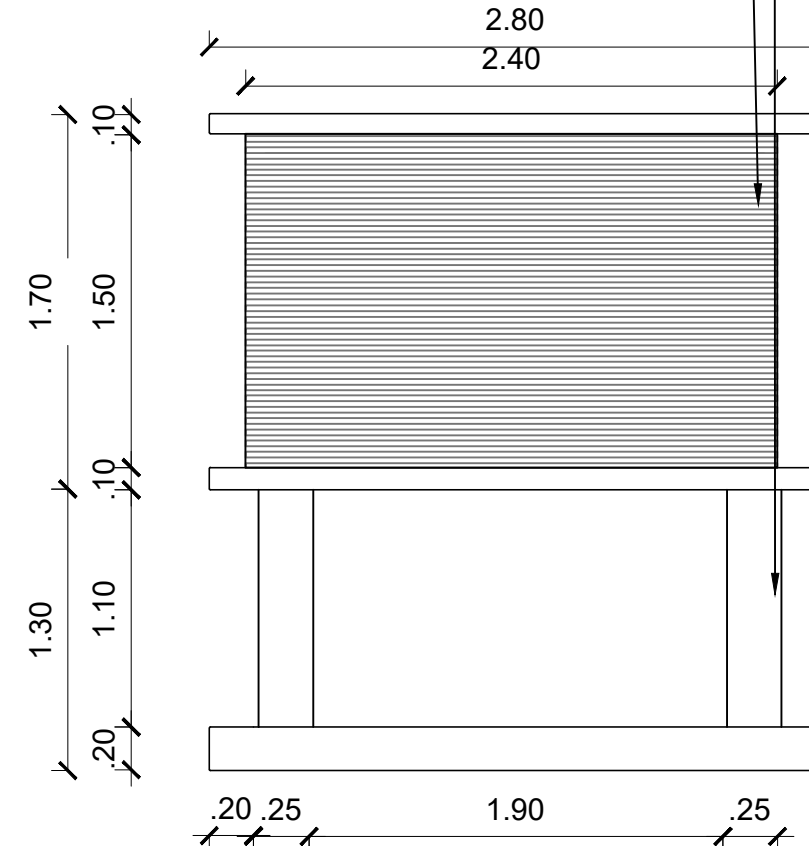
ESTRUTURA EM PERFIS DE ALUMINIO
NA ENVOLTÓRIA DO RESERVATÓRIO

BASE DE APOIO NO SOLO
COM ESTRUTURA EM
ALVENARIA

PILAR ESTRUTURA EM "V" EM
ALVENARIA

BASE DE APOIO NO SOLO
COM ESTRUTURA EM
ALVENARIA

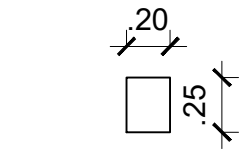
PILAR ESTRUTURA EM "V" EM
ALVENARIA
ESTRUTURA EM PERFIS DE ALUMINIO
NA ENVOLTÓRIA DO RESERVATÓRIO



VISTA FRONTAL

ESCALA 1:25

DET. PILAF

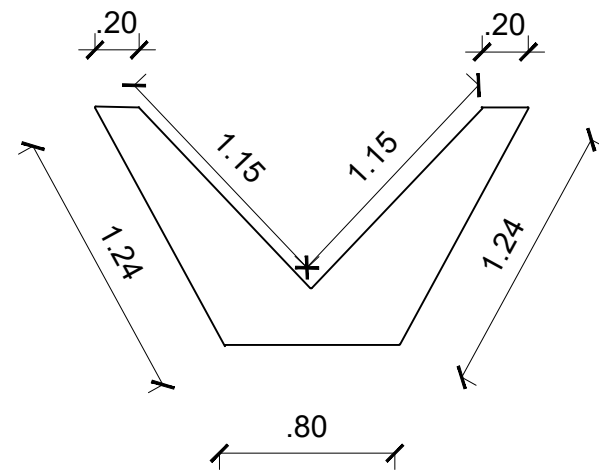


VISTA SUPERIOR

ESCALA 1:25

VISTA FRONTAL

ESCALA 1:25

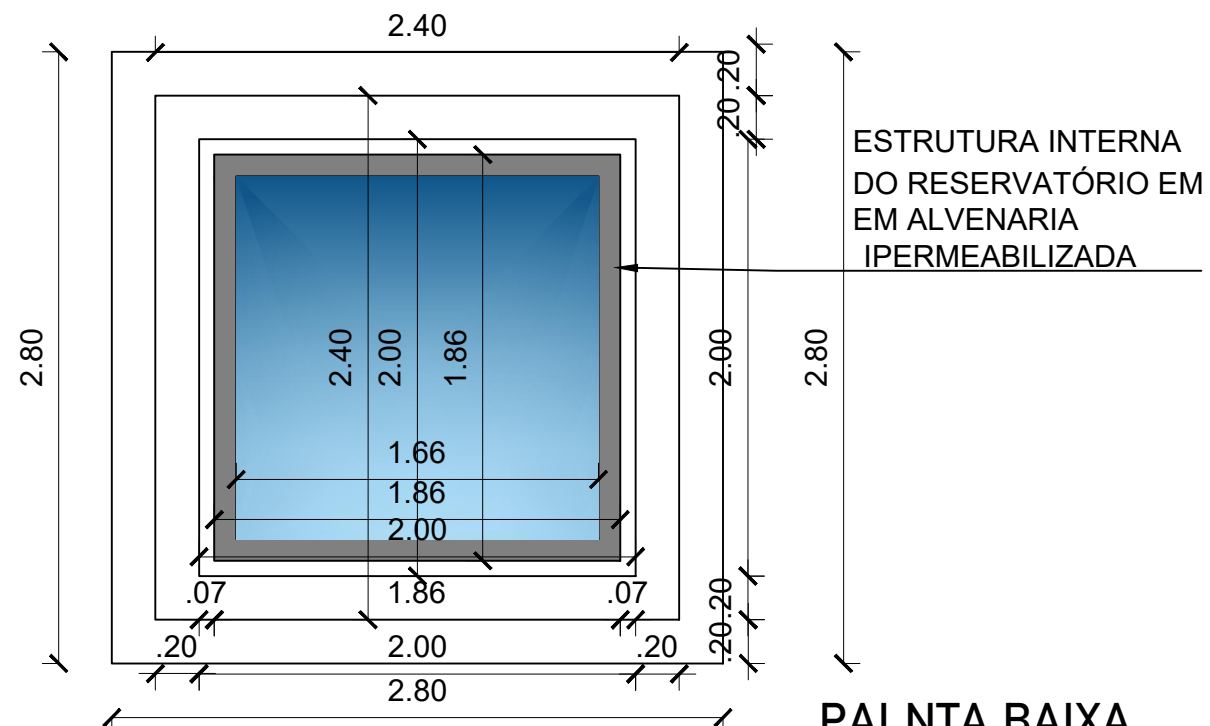


VISTA LATERAL

ESCALA 1:25

VISTA EM CORT

ESCALA 1:25

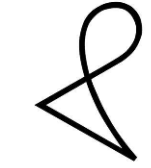


PALNTA BAIXA

RESERVATÓRIC

ESCALA 1:25

ARTHUR OLIVEIRA
ARQUITETURA & URBANISMO



TIPOLOGIA
Projeto de arquitetura complexo de hospedagem

LOCALIZAÇÃO:
Portalegre, Rio Grande do Norte

ESCALA:
1:200
DATA:
FEV/2024

DESENHO:
Arthur Oliveira Silva

Orientador:
Gabriel Leopoldino Paulo

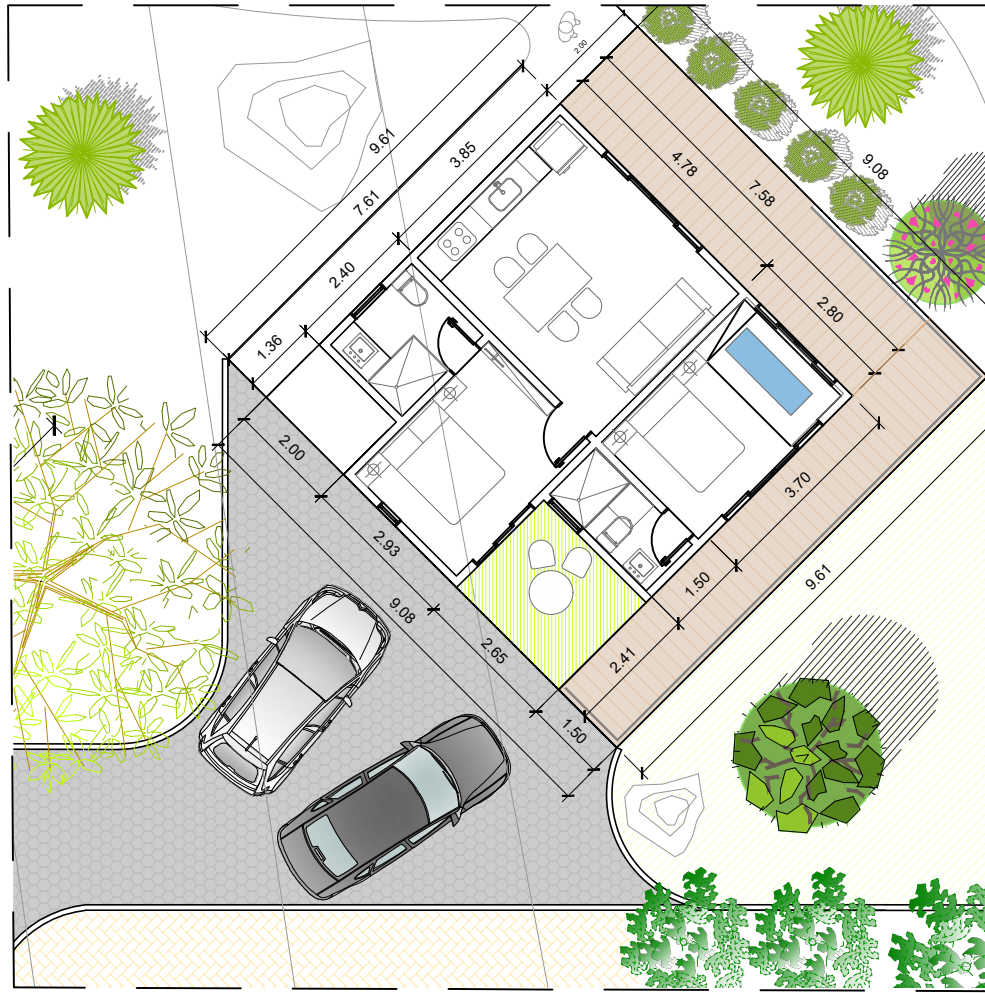
CONTEÚDO
Planta baixa geral com cotas, planta da lajeira externa,
detalhe deck de madeira e reservatório

PRANCHA:
05/08

UNIVERSIDADE FEDERAL
UFERSA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR PIAUÍ DO PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Tabela de esquadrias

CÓD.	TIPO	LARGURA	ALTURA	PARAPEITO	MATERIAL	QNTD.	ÁREA(m²)
J1	JANELA BASCULANTE	80.00	160.00	50.00	MADEIRA E VIDRO	2	0.96
J2	ÁREA DE JARDIM	50.00	160.00	50.00	MADEIRA E VIDRO	2	0.80
J3	PAVIMENTAÇÃO	150.00	120.00	90.00	MADEIRA E VIDRO	2	1.80
J4	ÁREA DE CALÇADA	200.00	60.00	160.00	MADEIRA E VIDRO	2	1.20
P1	RESERVATÓRIO	80.00	210.00	-	MADEIRA	2	2.00
P2	LAZER	70.00	210.00	-	MADEIRA	2	1.26
PJ1	POÇO LAREIRA	250.00	220.00	-	MADEIRA E VIDRO	2	6.25
PJ2	ÁREA DE DECK	150.00	220.00	-	MADEIRA E VIDRO	2	3.15

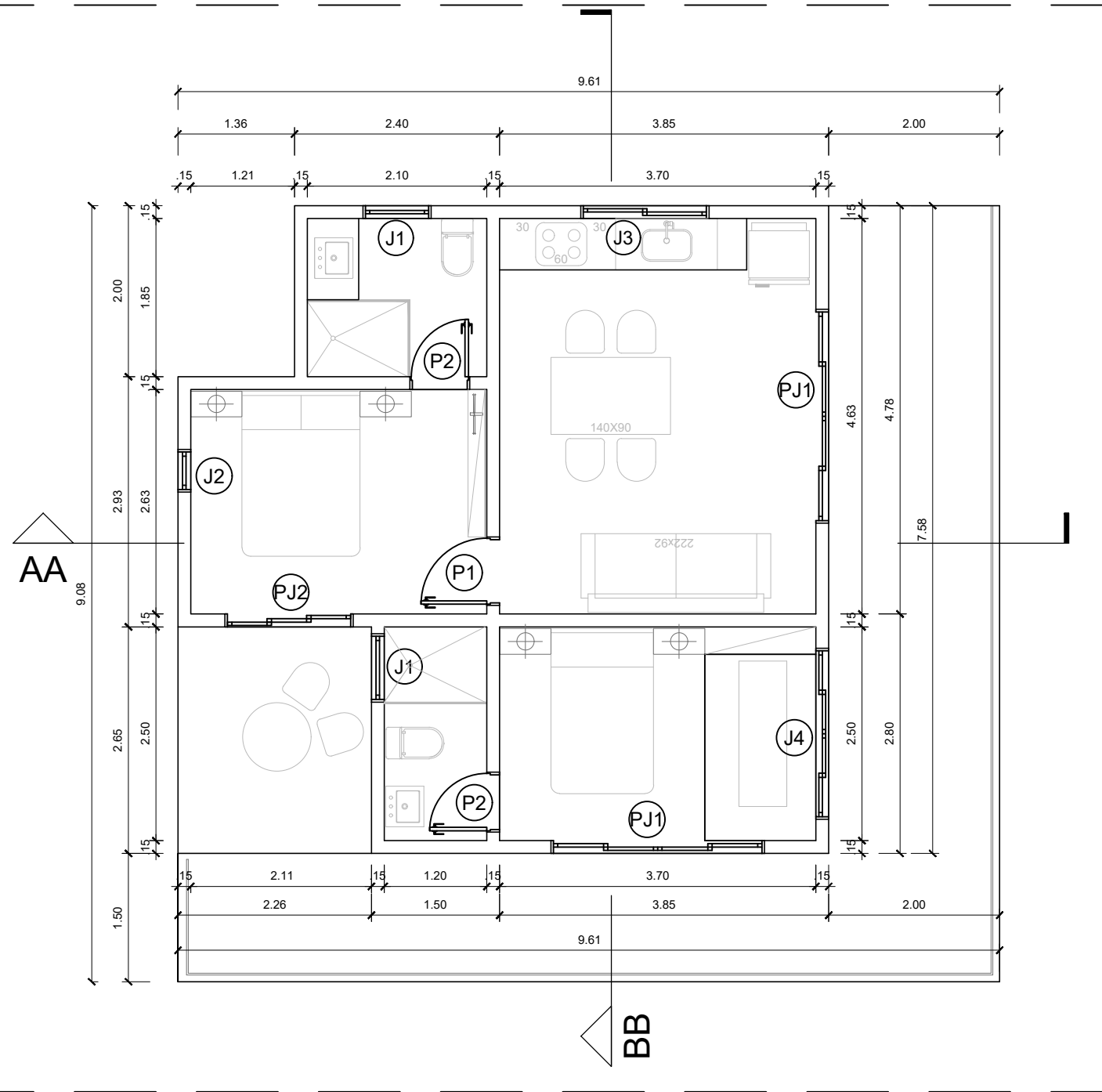


Planta baixa do chalé

ESCALA 1:100

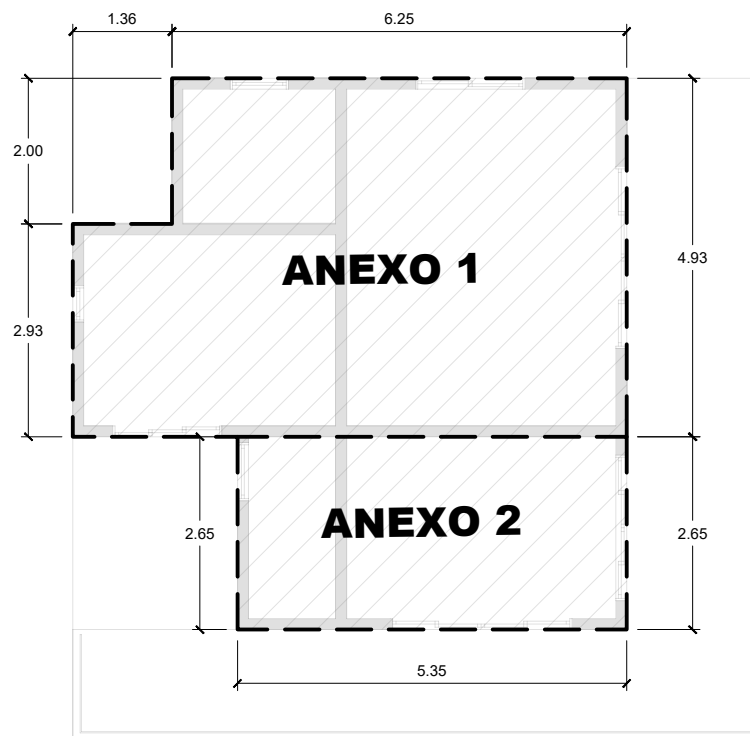
notas:

- Toda alvenaria prevista em tijolo 8 furos e reboco de cimento;
- O restante do solo não demarcado no projeto deverá manter a configuração natural do terreno;
- Todas as esquadrias em material de madeira, salvo aquelas que terem vidros na sua composição;
- Plantibanda e pilares em tijolo ecológico;
- Caimento das águas com 27% com telha colonial;
- Nas varandas a cobertura será previsto placas de policarbonato e forro em ripado de bambu;
- Nos deck a bitola das ripas devem seguir o padrão de 10cm de largura por 2 cm de espessura (com espaçamento de 4cm entre elas)



Indicação esquadrias e cortes

ESCALA 1:50



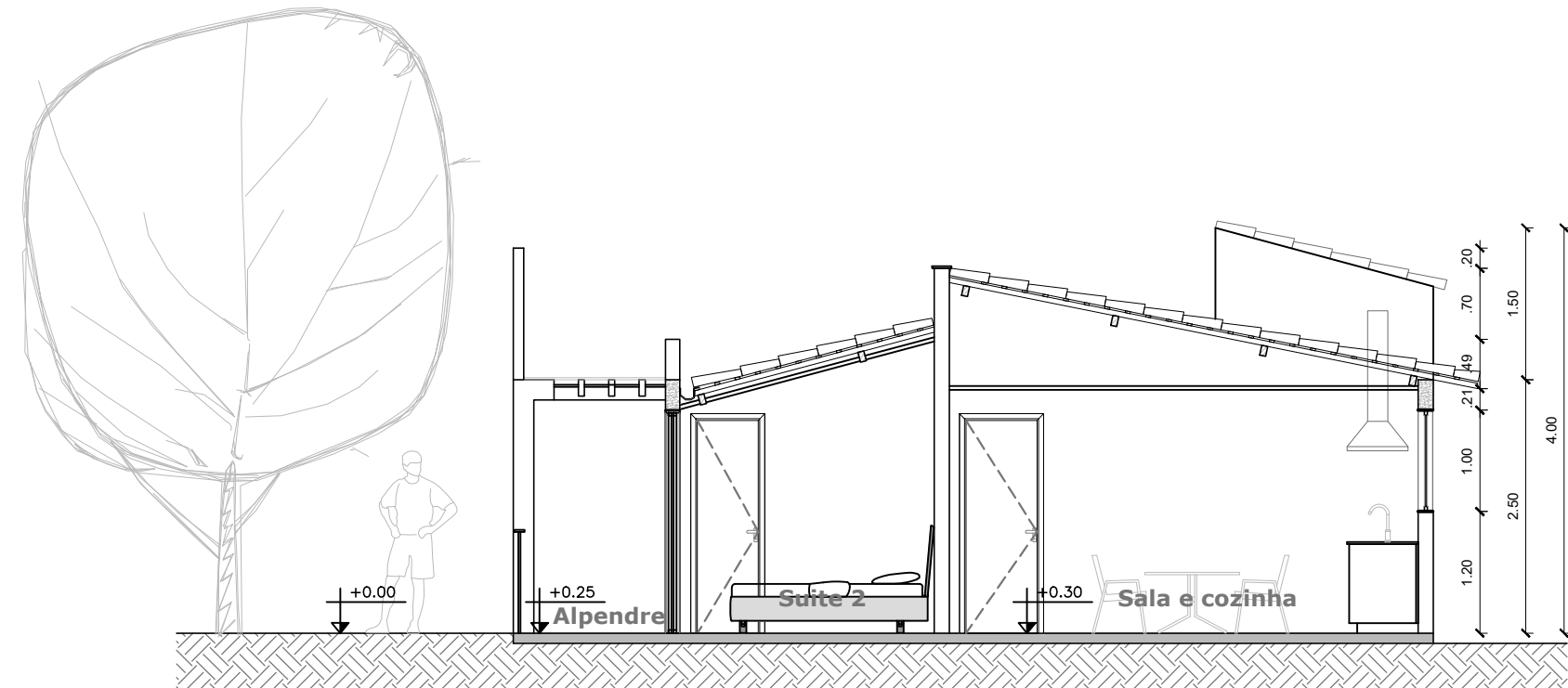
Planta de anexos

ESCALA 1:75



Corte AA

ESCALA 1:50



Corte BB

ESCALA 1:50



Planta de layout exemplo

SEM ESCALA

PRANCHA:
06/08

DESENHO:
Arthur Oliveira Silva

ORIENTADOR:
Gabriel Leopoldino Paulo

CONTEÚDO:
Plantas baixa de chalés, cortes, tabela de esquadrias e indicadas

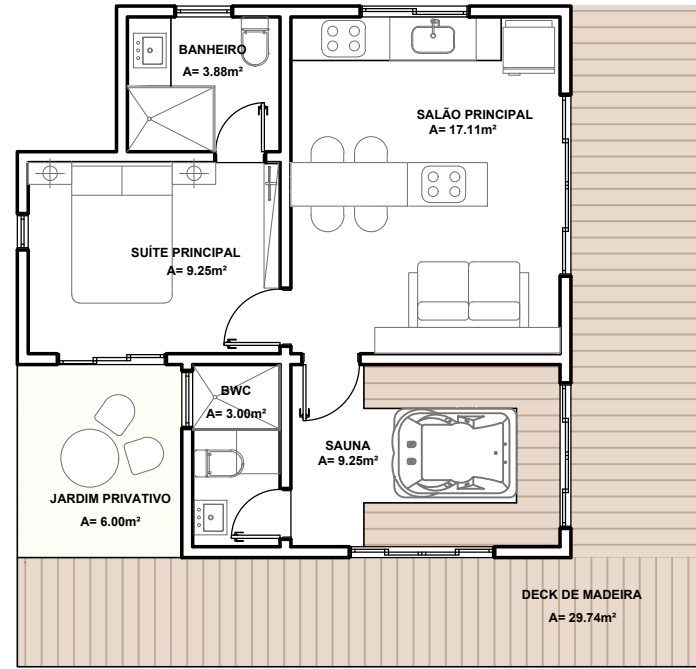
TIPOLOGIA:
Projeto de arquitetura complexo de hospedagem

LOCALIZAÇÃO:
Portalegre, Rio Grande do Norte

ESCALA:
INDICADAS

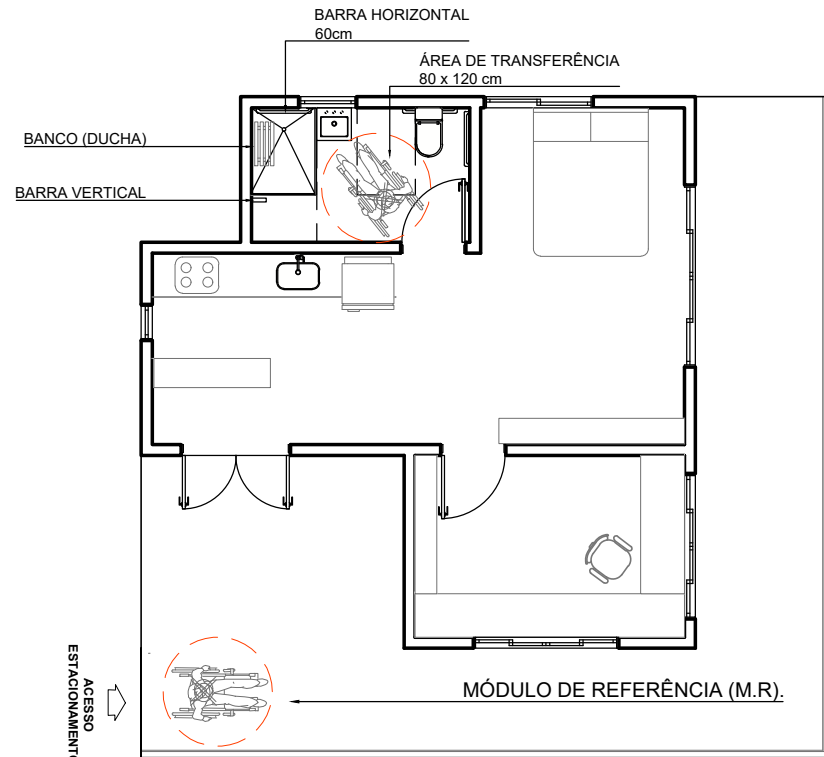
DATA:
FEV/2024

ARTHUR OLIVEIRA
ARQUITETURA & URBANISMO



Planta de layout tipo A

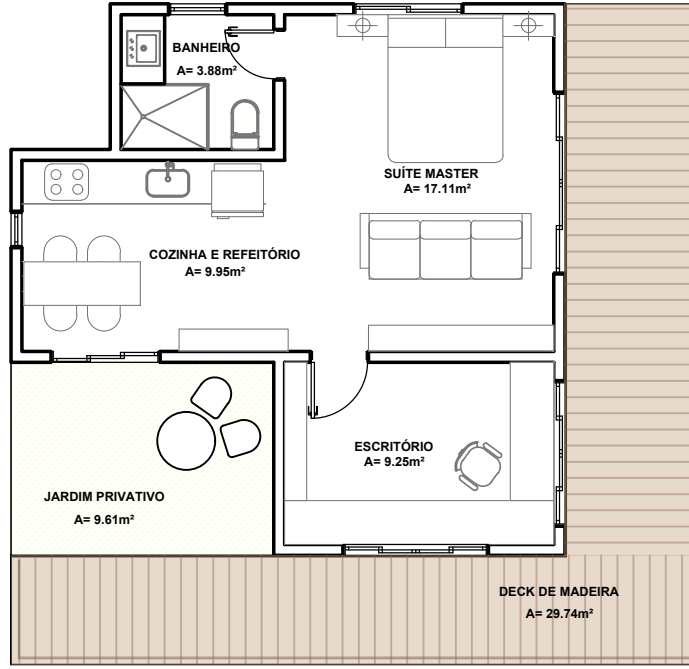
ESCALA 1:75



Planta layout NBR (9050)

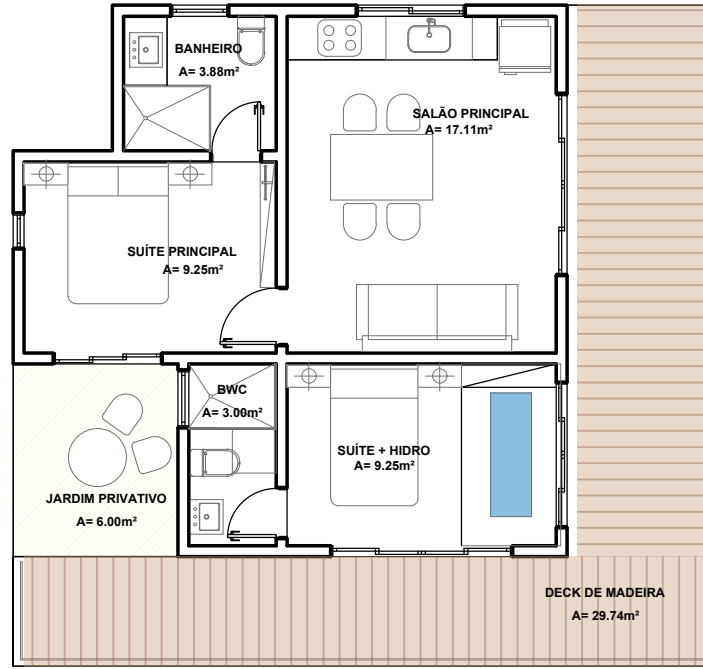
ESCALA 1:75

NBR 9050
Os sanitários, banheiros e vestiários acessíveis devem obedecer aos parâmetros desta Norma quanto às quantidades mínimas necessárias, localização, dimensões dos boxes, posicionamento e características das peças, acessórios barras de apoio, comandos e características de pisos e desnível.



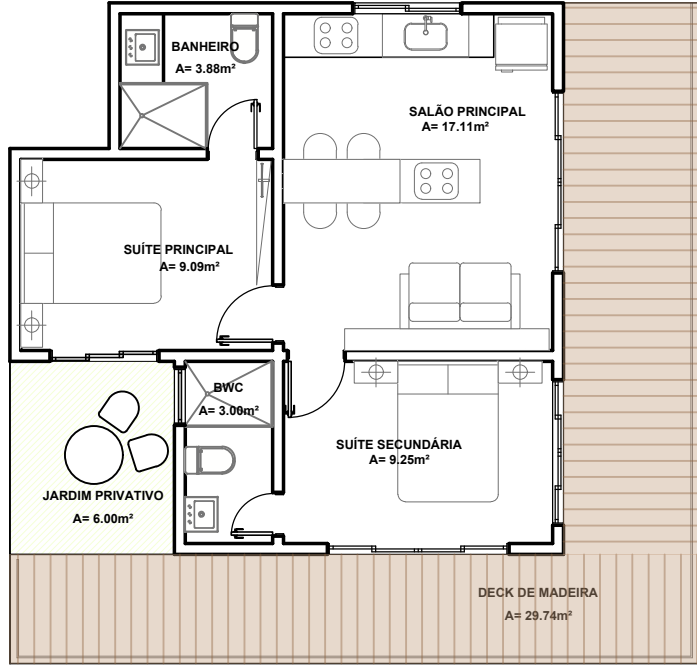
Planta de layout tipo B

ESCALA 1:75



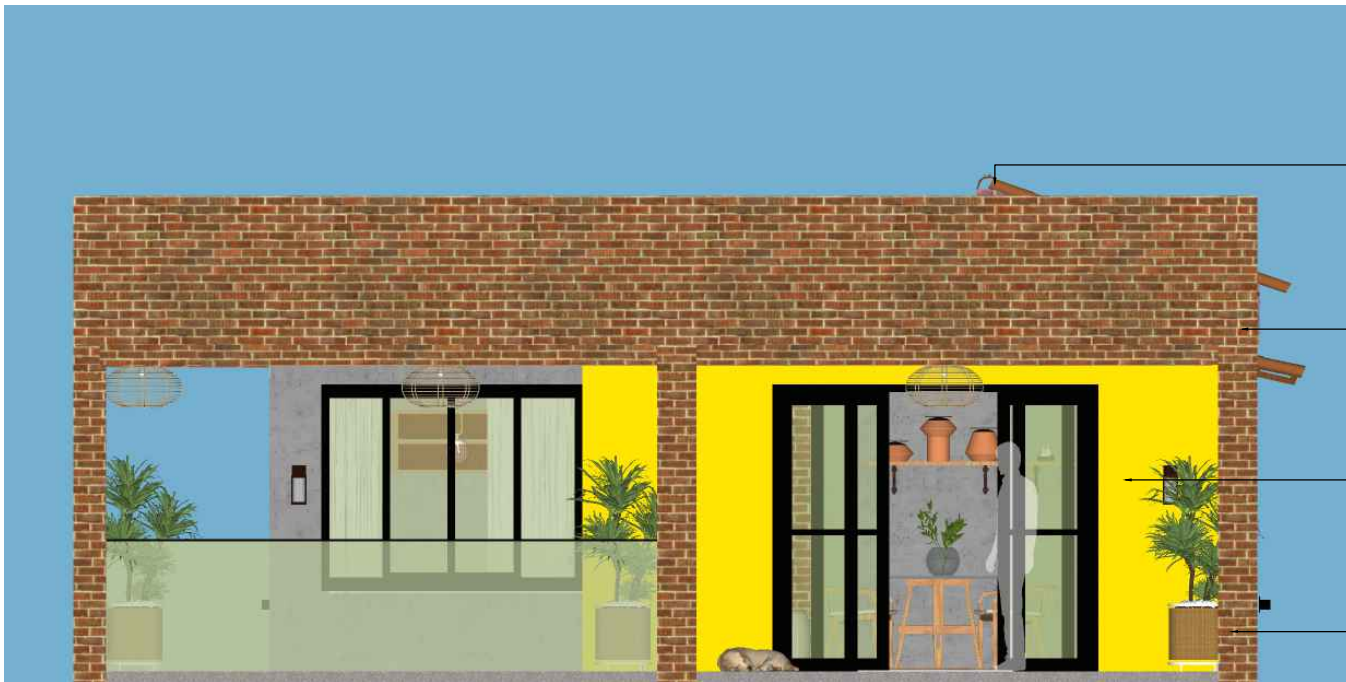
Planta de layout tipo C

ESCALA 1:75



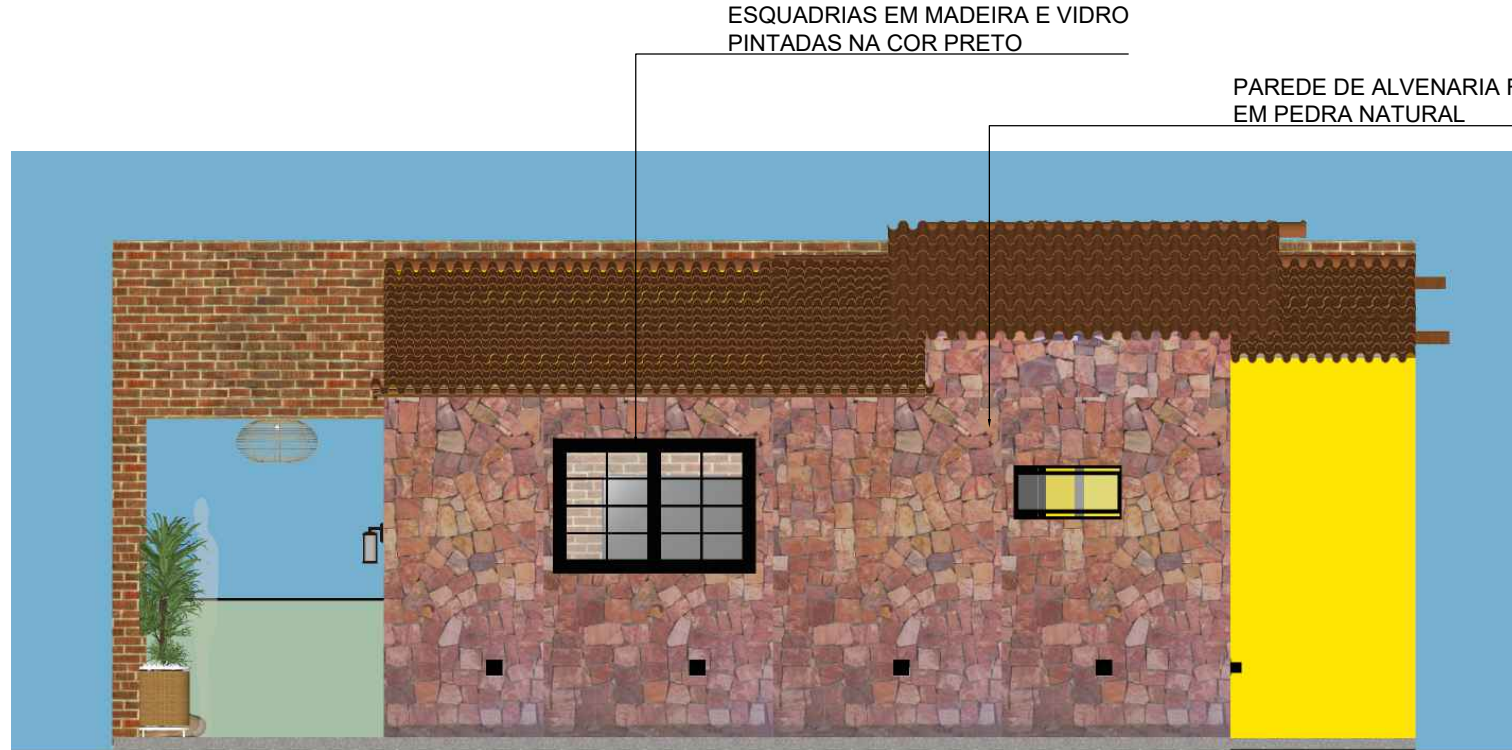
Planta de layout tipo D

ESCALA 1:75



Fachada principal

SEM ESCALA



Fachada lateral direita

SEM ESCALA



Fachada lateral esquerda

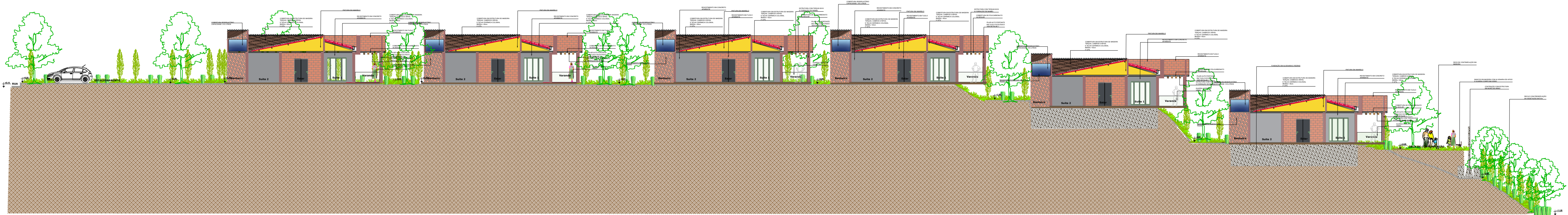
SEM ESCALA



Fachada posterior

SEM ESCALA

PRANCHA: 07/08	DESENHO: Arthur Oliveira Silva	TIPOLOGIA Projeto de arquitetura complexo de hospedagem
	Orientador: Gabriel Leopoldino Paulo	LOCALIZAÇÃO: Portalegre, Rio Grande do Norte
	CONTEÚDO Plantas de layouts, fachadas	ESCALA: 1:200 DATA: FEV/2024



Perfil com implantação dos platôs e chalés
ESCALA 1:150



Área de lazer e deck
SEM ESCALA



Deck de madeira
SEM ESCALA



Perspectiva
SEM ESCALA



Elevação frontal
SEM ESCALA



Elevação frontal aérea
SEM ESCALA



Perspectiva
SEM ESCALA

ARTHUR OLIVEIRA
ARQUITETURA & URBANISMO



TIPOLOGIA Projeto de arquitetura complexo de hospedagem	LOCALIZAÇÃO: Portalegre, Rio Grande do Norte	ESCALA: INDICADAS	
		DATA: FEV/2024	
DESENHO: Arthur Oliveira Silva	Orientador: Gabriel Leopoldino Paulo	CONTEÚDO Perfil do terreno, imagens foto realistas	
PRANCHA: 08/08			